



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE**

NÍVEL DE MESTRADO

EDIVANIO SANTOS ANDRADE

***DO SENTIDO ÉTICO À SOBREVIVÊNCIA: A PRÁTICA AMBIENTAL
EM ASSENTAMENTOS RURAIS DO MST NO ESTADO DE SERGIPE***

**FEVEREIRO/2011
São Cristóvão – Sergipe
Brasil**

EDIVÂNIO SANTOS ANDRADE

***DO SENTIDO ÉTICO À SOBREVIVÊNCIA: A PRÁTICA AMBIENTAL
EM ASSENTAMENTOS RURAIS DO MST NO ESTADO DE SERGIPE***

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre pelo Núcleo de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA), Área de Concentração Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Nascimento Soares

Coorientadora: Profa. Dra. Rosemeri Melo e Souza

**FEVEREIRO/2011
São Cristóvão – Sergipe
Brasil**

Divisão de Serviços Técnicos

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

A553d Andrade, Edivanio Santos
Do sentido ético à sobrevivência: a prática ambiental
em assentamentos rurais do MST no Estado de Sergipe /
Edivanio Santos Andrade. – São Cristóvão, 2011.
128 f.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio
Ambiente) – Núcleo de Pós-Graduação em
Desenvolvimento e Meio Ambiente, Programa Regional de
Desenvolvimento e Meio Ambiente, Pró-Reitoria de Pós-
Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe,
2011.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria José Nascimento Soares

1. Meio ambiente - Sergipe. 2. Assentamentos humanos
- Sergipe. 3. Ética ambiental. 4. Educação ambiental. I.
Título.

CDU 502.1(813.7)

FICHA DE APROVAÇÃO

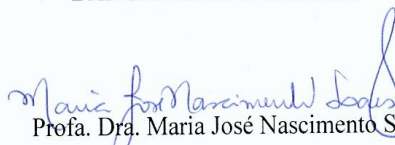
EDIVÂNIO SANTOS ANDRADE

*DO SENTIDO ÉTICO À SOBREVIVÊNCIA: A PRÁTICA AMBIENTAL EM
ASSENTAMENTOS RURAIS DO MST NO ESTADO DE SERGIPE*

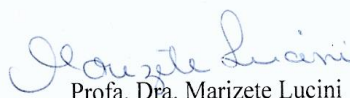
Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção
do Título de Mestre pelo Núcleo de Pós-Graduação em
Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA), Área de
Concentração Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.

Aprovado em 22 de fevereiro de 2011

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª. Dra. Maria José Nascimento Soares
Orientadora – Universidade Federal de Sergipe


Prof.ª. Dra. Rosemeri Melo e Souza
Coorientadora – Universidade Federal de Sergipe


Prof.ª. Dra. Marizete Lucini
Examinadora Externa – Universidade Federal de Sergipe


Prof. Dr. Antonio Vital Menezes de Souza
Examinador Interno – Universidade Federal de Sergipe

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Profa. Dra. Maria José Nascimento Soares
Orientadora – Universidade Federal de Sergipe

Profa. Dra. Rosemeri Melo e Souza
Coorientadora – Universidade Federal de Sergipe

É concedido ao Núcleo responsável pelo Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe permissão para disponibilizar, reproduzir cópias desta dissertação/tese e emprestar ou vender tais cópias.

Edivânio Santos Andrade
Universidade Federal de Sergipe

Profa. Dra. Maria José Nascimento Soares
Orientadora – Universidade Federal de Sergipe

Profa. Dra. Rosemeri Melo e Souza
Coorientadora – Universidade Federal de Sergipe

À minha MÃE, Valdice Delfina Santos Andrade;

Ao meu PAI, João Adolfo Andrade;

Aos meus avôs Francisco Amaro dos Santos e

Ana Maria dos Santos (*in memoriam*);

Aos meus IRMÃOS;

Aos meus SOBRINHOS;

Ao meu filho FRANCISCO.

AGRADECIMENTOS

Aos alunos do Curso de Pedagogia da Terra/MST, por terem contribuído significativamente para o despertar investigatório desta dissertação, por sua amizade e alegria de viver mesmo em meio a tantas adversidades em áreas de assentamentos rurais.

À coorientadora Profa. Dra. Rosemeri Melo e Souza, pela confiança a mim deferida, mesmo estando distante, sendo incontestáveis suas valiosas contribuições para o arcabouço teórico em todos os capítulos desta dissertação.

À minha orientadora Profa. Dra. Maria José Nascimento Soares, pela persistência em acreditar que seria possível o término desta dissertação, quando algumas vezes, por razões superiores pensei em desistir e, ainda, pela enorme contribuição teórica ao longo de toda pesquisa.

À Vanessa, por ser mãe de meu filho e por ter ficado ao meu lado numa parte desta jornada;

À Guadalupe por tudo.

Muitos eventos são frutos do acaso, e diferem por sua grandeza ou insignificância; embora a boa sorte ou o infortúnio em pequena escala não mudem evidentemente o curso completo da vida, grandes e freqüentes sucessos tornam a vida mais feliz, pois eles, por sua natureza, realçam a beleza da vida e também podem ser usados nobremente e de conformidade com a excelência; grandes e freqüentes reveses, ao contrário, aniquilam e frustram a felicidade, seja pelos sofrimentos que causam, sejam por constituírem óbices a muitas atividades. Isto não obstante, mesmo na adversidade a galhardia resplandece, quando alguém sofre frequentes infortúnios com resignação, não por insensibilidade, mas por nobreza e grandeza de alma. Se, como dissemos, as atividades de uma pessoa são fatores determinantes na vida, nenhuma pessoa supinamente feliz poderá jamais tornar-se desgraçada; ela nunca praticará ações odiosas ou ignóbeis, pois sustentamos que as pessoas realmente boas e sábias suportarão dignamente todos os tipos de vicissitudes, e sempre agirão da maneira mais nobilitante possível diante das circunstâncias; da mesma forma que um bom general usa do modo mais eficiente possível os contingentes disponíveis, um bom sapateiro faz o sapato mais requintado possível do couro que lhe dão, e o mesmo acontece com todos os artesãos. Sendo assim, o homem feliz nunca poderá tornar-se desgraçado, embora nunca possa vir a ser feliz o homem que enfrentar os infortúnios de um Príamos. Tampouco sua sorte será inconstante e contrastante, pois nem ele será deslocado de sua felicidade facilmente ou por infortúnios corriqueiros, mas somente por grandes e freqüentes desventuras, nem se recuperará de tais infortúnios e se tornará novamente feliz em pouco tempo, mas somente – se isto acontecer – após um longo lapso de tempo, durante o qual ele tiver tido oportunidade de obter muitos e belos sucessos (ARISTÓTELES, 2001, p. 29-30).

RESUMO

A relevância em se realizar estudos sobre as concepções e visões de natureza, da ética, do meio ambiente e de uma prática ambiental desenvolvidas pelos alunos matriculados no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia para Beneficiários da Reforma Agrária – PROPED, desenvolvido pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, em parceria com o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, é o foco principal deste estudo. Explicitar como os alunos interpretam a natureza, a ética e o meio ambiente tornou-se alvo dessa investigação uma vez que os mesmos são filhos de trabalhadores rurais, futuros profissionais da educação e são sujeitos responsáveis por manter uma parte de seus lotes preservados e conservados em benefício das gerações futuras. A metodologia utilizada foi a combinação dos aspectos quantitativos e qualitativos por meio da aplicação de instrumentos de pesquisa: questionários e entrevistas semi-estruturadas; em seguida categorização em conformidade com as questões relativas aos objetivos propostos; sendo extraídos fragmentos das narrativas consideradas de maior relevância das entrevistas realizadas no campo empírico. Durante o processo da investigação foi acrescido à análise dos relatórios da prática de ensino relativos a temática dos problemas ambientais. Foram analisadas categorias que emergiram das falas dos alunos participantes da pesquisa. Conclui-se que os alunos possuem uma visão local acerca de meio ambiente, sendo a visão sobre natureza como um todo antropocêntrica e a visão da ética ambiental limitada ao conceito de sobrevivência. A partir desse estudo fica uma alerta. Não há ainda uma ética ambiental incorporada nos alunos ideologicamente, mas enraizadamente. Existem intenções de mudanças paradigmáticas *in lócus* do qual propomos maior ênfase na formação ética dos trabalhadores rurais; maior comprometimento dos órgãos envolvidos: MST/UFS/INCRA na promoção de uma Educação Ambiental prática.

Palavras - chave: Natureza; Ética Ambiental; Meio Ambiente; Formação

ABSTRACT

The relevance of studies on the concepts and visions of nature, ethics, environment and environmental practice developed by students enrolled in courses Full Degree in Education for Agrarian Reform Beneficiaries - PROPED, developed by the Department of Education of the Federal University of Sergipe, in partnership with the National Education Program in Agrarian Reform, the National Institute of Colonization and Agrarian Reform and the Movement of Landless Rural Workers, is the main focus of this study. Explain how students interpret the nature, ethics and the environment became the target of this investigation since they are children of rural workers, future professionals of education and also the ones responsible for maintaining a portion of their lots preserved in their benefit as well as the future generations. The methodology used was both qualitative and quantitative by the application of research instruments: questionnaires and semi-structured interviews and then categorized according to the issues regarding to the proposed objectives; being some fragments extracted of narratives considered of major relevance of the interviews on the empirical field. During the investigation process was added to the analysis of the reports of the practice of teaching the subject of environmental problems. We analyzed categories that emerged from the speeches of participants of the research. It was concluded that students have a local view about the environment, and the vision of nature as a whole and the anthropocentric view of environmental ethics to the concept of limited survival. Thus, we propose greater emphasis on ethical training of rural workers, greater commitment of the agencies involved: MST / UFS / INCRA in promoting environmental education practice.

Key-words: Nature, Environmental Ethics, Environment, Training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Alunos reunidos após aula na Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe.	33
Figura 2	Mapa do Estado de Sergipe com a localização dos municípios.	34
Figura 3	Alunos em atividades para o início das aulas na Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe.	73
Figura 4	Alunos desenvolvendo mística no encerramento das atividades didático pedagógicas, no Assentamento Moacir Wanderley, em Nossa Senhora do Socorro, Sergipe.	79
Figura 5	Alunos em encerramento das atividades na Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe.	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANCA	Associação Nacional de Cooperação Agrícola
CONAMA	Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil
CONCRAB	Conselho Nacional do Meio Ambiente
DER/FUNDEP	Departamento de Educação Rural da Fundação para o desenvolvimento da Educação Popular
EA	Educação Ambiental
ENEJA	Encontro Nacional de Educadores e Educadoras de Jovens e Adultos
FEAM	Fundação Estadual do Meio Ambiente
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ITERRA	Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MA	Meio Ambiente
MEC	Ministério da Educação e do Desporto
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MST	Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
PNMA	Política Nacional do Meio Ambiente
PRONEA	Programa Nacional de Educação Ambiental
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PROPED	Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia para Beneficiários da Reforma Agrária vinculada aos assentamentos do Nordeste
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Concepção de Natureza	45
Quadro 2	Visões de Natureza	46
Quadro 3	Visão de Natureza atribuída pelos alunos versus vertentes ideológicas	88
Quadro 4	Relação com a natureza	92
Quadro 5	Visão de natureza enquanto preservação	95
Quadro 6	Visão de natureza enquanto conservação	97
Quadro 7	Visão de ética	100
Quadro 8	Demonstrativo dos projetos de Ensino	104

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A	Questionários	121
Apêndice B	Roteiro de Entrevista	122

LISTA DE ANEXOS

Anexo A	Resolução nº 31/2006/CONSU	123
Anexo B	Mapa de localização dos Assentamentos no Estado de Sergipe	127

SUMÁRIO

Resumo	
Abstract	
Lista de Figuras	
Lista de Abreviaturas e Siglas	
Lista de Quadros	
Lista de Apêndices	
Lista de Anexos	
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1 ORIGEM DO ESTUDO	28
1.1 A JUSTIFICATIVA DO ASSUNTO	30
1.2 SUJEITOS SOCIAIS DO ESTUDO	33
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA	35
1.4 METODOLOGIA DA PESQUISA	35
CAPÍTULO 2 NATUREZA E AÇÃO: VISÕES DO CONTEXTO HISTÓRICO-CIENTÍFICO	40
2.1 – CONTEXTO HISTÓRICO DA RELAÇÃO HOMEM/NATUREZA DESDE A ANTIGUIDADE	40
2.2 – A CIÊNCIA PROMOTORA DOS AVANÇOS TECNOLÓGICOS	47
CAPÍTULO 3 A VALORAÇÃO DA ÉTICA AMBIENTAL: CONCEPÇÕES	53
3.1 A ORIGEM DA ÉTICA	53
3.2 UM NOVO SENTIDO ÉTICO	56
3.3 AS PRIMEIRAS CONCEPÇÕES DA ÉTICA AMBIENTAL	59
3.4 PRINCIPAIS VERTENTES DA ÉTICA AMBIENTAL	62
3.4.1 O Antropocentrismo	63
3.4.2 O Sensocentrismo	65
3.4.3 O Biocentrismo	66
3.4.4 O Ecocentrismo	67
CAPÍTULO 4 A FORMAÇÃO COMO CONSTRUTO DA CONSOLIDAÇÃO DO PROCESSO PEDAGÓGICO NO MST	70
4.1 ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE A FORMAÇÃO DOS ASSENTADO NO MST	70
4.2 A ÉTICA AMBIENTAL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	114
APÊNDICES	121
ANEXOS	123

É importante, porém não exagerar o estado de nossa ignorância até o ponto que nos impeça de desenvolver agora uma ação vigorosa; porque, embora haja muita coisa que ainda não entendemos há outras fundamentais que já sabemos. Sobretudo, sabemos que existem limites para as cargas que o sistema natural e seus componentes podem suportar, limites para os níveis de substâncias tóxicas que o corpo humano pode tolerar, limites para o total de intervenções que o Homem pode exercer sobre os equilíbrios naturais sem causar uma decomposição do sistema, limites para a comoção psíquica que os homens e as sociedades podem sofrer em consequência da implacável aceleração das mudanças sociais ou da degradação social. Em muitos casos, ainda não podemos definir estes limites. Porém, onde quer que estejam aparecendo os sinais de perigo – perda de oxigênio nos mares interiores, produção de resistentes raças de pragas pela aplicação de pesticidas, laterita substituindo matas tropicais, dióxido de carbono no ar, venenos nos oceanos, os males das cidades interiores – devemos estar prontos para pôr em marcha os esforços de cooperação internacional de pesquisa dirigida que encontre soluções, com a maior rapidez possível, para aqueles que estão mais intimamente preocupados com os problemas imediatos e um conhecimento maior, para todos os homens, do real funcionamento de nossos sistemas naturais. Continuar compartilhando cega e inadvertidamente os riscos e guardando para nós próprios os conhecimentos necessários para resolver os diversos problemas pode significar somente sofrimentos maiores que os que podemos suportar e danos superiores aos que as gerações futuras merecem. Uma participação completa e franca dos novos conhecimentos sobre a interdependência dos sistemas planetários, dos quais todos dependemos, pode ajudar-nos também, infiltrando-se, por assim dizer, nos problemas infinitamente sensíveis da soberania econômica e política, que tanto nos separa (WARD; DUBOS, 1973, p. 270).

INTRODUÇÃO

Tudo no universo se movimenta, fragmenta-se e se alimenta em igual proporção de forças. Fora Heráclito de Éfeso (2002), o primeiro a dizer que a origem de tudo está na força dos seus contrastes, na harmonia de seus elementos e na disposição afetiva de amor e ódio que os compõem. Diante dos problemas com os quais o planeta se depara atualmente, muitos desses causados pela ação humana no decorrer dos séculos, a exemplo do problema ambiental, faz-se necessária uma tomada de atitudes para proteger a natureza¹. Pois, ao acreditar serem os recursos naturais inesgotáveis, e que a natureza tinha um papel exclusivo de servir às suas necessidades, o homem causou uma série de impactos ambientais ao planeta, comprometendo dessa maneira a qualidade de vida da humanidade, além de ameaçar a fauna e a flora. Este é, portanto, um momento de atitude, Onde devemos aproveitar as boas idéias já difundidas no passado e juntando-as às do presente, a fim de preservamos o planeta em respeito a toda forma de vida existente e, sobretudo, em respeito às futuras gerações. Pois, o lugar do homem na natureza “[...] e a suprema significação deste lugar não se definem pela sua animalidade, mas pela sua humanidade” (SIMPSON, 1962, p. 282-283).

Para Ward e Dupos (1973), o mundo tal como o conhecemos se divide em dois: o mundo natural dos homens, plantas, animais, céu, ar, terra, água e fogo, ou seja, tudo que existe desde sempre; o outro, sendo constituído das coisas que foram criadas pelo homem cientificamente para melhorar sua condição de vida no planeta, ou seja, casas, carros, fábricas, armas e instituições. Abusando desse direito, acaba impondo sua “supremacia” sobre tudo que existe e alcança. O resultado dessa pretensa superioridade é paradoxal, pois se por um lado contribui para melhorar a qualidade de vida, por outro tem gerado sérios inconvenientes, tais como: guerras, doenças contagiosas, mortalidade infantil, fome e miséria entre outros. Por não se satisfazer em seus instintos, o homem também trouxe à tona uma verdade incontestável - nosso planeta dá sinais de cansaço e tem na natureza sua parte mais fragilizada.

¹ O entendimento acerca de natureza e meio ambiente com frequência são tratadas como se fossem equivalentes, contudo elas possuem históricos e origens distintas. O Dicionário de Inglês Oxford define “meio ambiente (environment)” como sendo “objetos ou região ao redor de qualquer coisa”, e atribui sua origem a um termo do francês antigo: “environner”, que significa “circundar”. A palavra “natureza” tem raízes muito mais profundas, tendo vindo até nós do latim, *natura*. Apesar das discussões sobre o meio ambiente terem ocorrido, na maior parte no século XX e XXI os debates acerca do significado e da importância da natureza são tão antigos quanto à filosofia.

Ao pensarmos a origem do homem, entendemos como as pressões ecológicas e demográficas de um planeta em formação e a imbricada luta dos primeiros hominídeos pela sobrevivência do mais forte, concorreram para favorecer pela primeira vez grupos organizados de caçadores bípedes com intuito de satisfazerem seus instintos mais reprimidos. Segundo Morin (1975), o processo de hominização era duro e intenso, pois na medida em que o homem se afastava dos seus ancestrais crescia em proporção o cérebro, aumentando sua capacidade de adaptação ao ambiente. Desta forma, ao trocar a floresta pela savana esta lhe correspondeu na medida em que facilitou sua dispersão, aumentando sua capacidade de abstração, de reflexão, premeditação e intuição, ele se desenvolveu a ponto de facilitar a escolha racional de seus objetivos. Para tanto, Rousseau sintetiza que

À medida que as idéias e os sentimentos se sucedem, que o espírito e o coração se exercitam, o gênero humano continua a domesticar-se, as ligações se estendem e os laços se apertam. Acostumam-se a reunir-se defronte das cabanas ou à volta de uma grande árvore; o canto e a dança, verdadeiros filhos do amor e do lazer, tornaram-se a diversão, ou melhor, a ocupação dos homens e das mulheres ociosas e agrupados. Cada qual começou a olhar os outros e a querer ser olhado por sua vez, e a estima pública teve um preço. Aquele que cantava ou dançava melhor; o mais belo, o mais forte, o mais hábil ou o mais eloquente passou a ser o mais considerado, e foi esse o primeiro passo para a desigualdade e para o vício ao mesmo tempo; dessas primeiras preferências nasceram, de um lado a vaidade e o desprezo, do outro a vergonha e o desejo; e a fermentação causada por esses novos germes produziu por fim compostos funestos à felicidade e à inocência. [...] a partir do instante em que um homem necessitou do auxílio do outro, desde que percebeu que era útil a um só ter provisões para dois, desapareceu a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas se transformaram em campos risonhos que cumpria reger com o suor dos homens e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria medrarem com as searas (ROUSSEAU, 2000, p. 92).

A sociedade hominídea viria a separar ecológica, econômica e culturalmente os sexos, dispondo-os em ordem distintas de hierarquia, formando núcleos sociais chamados “Famílias”. No entendimento de Morin (1975), estas seriam suplementadas com elementos físicos e metafísicos que lhes proporcionassem as mais variadas dimensões de autopreservação, vaidade e entretenimento a um custo que homem e natureza jamais recuperariam. Suas inovações tecnológicas² e melhorias sociais permitiram que estes desfrutassem do planeta promovendo uma interação perigosa entre os seres vivos e as coisas. Bastaram alguns milhares de anos para que dessa interação acontecesse algo crescente e quase

² Há de se considerar que a tecnologia se bem usada é uma importante aliada ao homem e melhora a vida de milhões de pessoas em todo lugar. Porém, a sede insaciável de poder e do lucro fácil relega a maioria da população mundial extrema pobreza e devastação ambiental. Para Jamieson as “[...] abordagens tecnológicas são populares tanto com os políticos quanto com o público porque prometem soluções para os problemas ambientais sem nos obrigar a mudar nossos valores, estilo de vida ou sistema econômicos” (2010, p. 35).

irrevogável - a ordem natural da terra que promove a vida e torna nosso planeta habitável está descontrolada.

Para Dupas (2006) este descontrole é sentido muito mais agora no último século, pois o progresso fomentou ao homem a capacidade mortal de mudar o ambiente para bem ou para o mal em uma escala nunca vista em toda história da humanidade. É certo que a origem desta pretensa autoridade do homem sobre a natureza está na constituição da mais impressionante forma de distinção entre todos os seres vivos, a linguagem³. A habilidade de comunicarem-se por meio de variados signos lingüísticos se constituiu numa estratégia de dominação sem precedentes tanto do homem sobre a natureza quanto sobre ele mesmo. Sua inteligência o levou a outra forma de intervenção que mudaria desde então o rumo de toda humanidade e subseqüentemente do planeta - a descoberta de várias tecnologias (HEIDEGGER, 1997).

Historicamente, a rapidez das invenções humanas aumentou seu poderio de intervenção na mesma escala. (VERNANT 2000) salienta que após o domínio da linguagem falada e do controle das primeiras formas de organização foi preciso que as civilizações se desenvolvessem e promovessem o intercâmbio entre si. Daí surgiram as primeiras tentativas de invenção da escrita, o que possibilitou ao homem testar os seus domínios e inventariar os bens existentes em cada comunidade, cidade ou país. Todavia, era necessário que se criasse um mecanismo que facilitasse a troca de experiências e mercadorias entre um povo e outro, ocasionando numa invenção não mais simbólica que nociva - o dinheiro.

Criado para substituir a permuta e facilitar as negociações, o dinheiro fomentou o crescimento do comércio ao redor do planeta e possibilitou a descoberta de novos mundos enquanto promovia um acelerado ritmo de migração populacional. A partir disso, as cidades existentes foram sendo repovoadas e em algumas, por sua importância em termos de localização, estrutura e poderio, tornaram-se grandes centros urbanos que organizaram o conhecimento adquirido. Estas dividiram o saber para assegurar o domínio intelectual sobre outras civilizações, implementando uma série de inventos (VERNANT, 2000).

Tais invenções permitiram um desenvolvimento organizacional e tecnológico que

³ Para Hannah Arendt “[...] nenhuma outra faculdade, a não ser a linguagem – e não a razão ou a consciência – distingue-nos tão radicalmente de todas as espécies animais (1994, p. 59).

perdurariam vários séculos. Conforme Ward e Dupos (1973), o uso do fogo, da água, dos ventos, do mar, dos metais e das artes fez do homem o senhor absoluto sobre todas as coisas. Os minerais foram ao mesmo tempo sendo estudados e utilizados no dia-a-dia, à exemplo do carvão que fora uma das formas de energia primitiva que atravessou o tempo e até hoje é utilizado por fábricas, usinas e fornos em todo o planeta, sendo imprescindível à economia de uma das nações mais poderosas, populosas e poluidoras, a China.

As nações mais potentes utilizaram-se de todo conhecimento possível para subjugar outras, o que aumentou progressivamente desde o começo até os dias atuais uma série de acontecimentos, tais como: o uso indiscriminado da energia para aumentar o arsenal bélico dos exércitos; aumento da produção de alimentos em todo o mundo; por isso aumento de pragas; de pesticidas; aumento de gente tanto na zona rural quanto nas cidades, havendo um crescimento populacional gigantesco; desmatamento de florestas nativas inteiras; destruição de espécies vegetais e animais; aumento de doenças contagiosas; pessoas desnutridas e famintas conforme afirma Camargo (2008), quanto mais pessoas, mais desejo, mais consumo de alimentos, de energia, de materiais, de grandes aglomerações nas metrópoles, mesmo que estas não tenham condições geográficas, físicas, políticas ou educacionais para contê-los da melhor forma possível.

Rios estão mortos e outros tantos em fase de mortificação, sendo que o uso ilimitado de água potável em vários países traz uma ameaça iminente; lagos estão secando e mares sendo infestados de esgotos e detritos sem qualquer tratamento, o que possibilita o aparecimento de bactérias nocivas a várias espécies de peixe; o clima sendo afetado pela queima de combustíveis fósseis, sem contar no efeito direto à atmosfera terrestre; o aumento de temperatura em lugares que antes eram frios e diminuição em outros que antes eram quentes; oceanos estão sendo utilizados para escoação de lixo orgânico, materiais desusados, carcaça de navios, venenos e lixo tóxico no experimento de bombas atômicas; a agricultura cada vez mais dependente de agrotóxicos devido ao manuseio irresponsável das super monoculturas, satisfazendo o “bolso” das multinacionais (DIEGUES, 1996).

Todas as várias formas de vida existentes, desde uma simples alga, bactéria ou vegetação contribuíram para o surgimento dos ecossistemas⁴ e por meio destes, o próprio

⁴ Ecossistema é qualquer unidade que inclui todos os organismos (a comunidade biótica) em cada área interagindo com o ambiente físico ocorrendo um fluxo de energia entre as estruturas bióticas claramente definidas e a

homem. O planeta já passou por diversas situações de desequilíbrio na ordem climática e natural, mesmo assim os seres em geral sobreviveram com exceção dos dinossauros e muitas outras espécies que ficaram pelo meio do caminho (BETTO, 1995). Contudo, a ação antropocêntrica causou efeitos muitas vezes mais mortais e destrutivos que os naturais, o que levou cientistas, ambientalistas e pensadores dos mais diversos segmentos e correntes a desviarem sua atenção para o perigo que nossas aspirações capitalistas vêm fazendo aos problemas de ordem estrutural, ambiental, social e econômica (WARD; DUPOS, 1973).

A natureza como fonte de recursos para a sobrevivência ocasiona problemas em proporções mundiais do qual se justifica a necessidade de estudos e pesquisas com o propósito de se encontrarem alternativas. Desta forma, entende-se que a humanidade precisa urgentemente de mudanças morais e comportamentais que levem à construção de uma sociedade mais equilibrada entre seus desejos e suas necessidades. O contexto atual nos faz retomar a reflexão à respeito da importância da ética em nossas vidas. É neste contexto, segundo nosso entendimento, que a Ética Ambiental se mostra como o fio condutor de transformação mais adequado às necessidades prementes.

A fim de não atingirmos o campo catastrófico anunciado pelos pesquisadores, Camargo (2008), adverte que se faz necessário pensar sistematicamente e, a partir da observação sistemática, as possíveis conseqüências do processo produtivo dominante retratado na dinâmica da evolução planetária ao qual estamos vivenciando retroagir. Dessa maneira, as reflexões sobre o meio ambiente fazem parte da formação humana, no sentido de escolher ações e atitudes que contemplem seus anseios e o da sociedade na qual está inserida, em especial no lugar onde moram, seja nos centros urbanos ou rurais. Com efeito, a busca de soluções voltadas à subsistência da vida no planeta em que vivemos é dever de todos indistintamente, pois promove um cuidado que perpassa pela própria existência uma vez que estreita sua ligação com as demais espécies, ou seja, a relação homem/natureza em busca de sua sobrevivência.

ciclagem de materiais entre compostos vivos e não vivos. Portanto, um ecossistema é mais que uma unidade geográfica é uma unidade do sistema funcional com entradas e saídas que podem ser tanto naturais com arbitrárias (ODUM, BARRET, 2007, p. 18). Para Jamieson, o “[...] conceito de ecossistema é recente, aparecendo primeiro explicitamente na obra do botânico inglês sir Artur Tansley, em 1935. Foi apenas nos anos de 1940, pouco antes da época em que Leopoldo escreveu que começou a figurar proeminentemente no pensamento científico (2010, p. 233). E no sentido amplo, um “[...] ecossistema pode ser pensado como uma assembléia de organismo juntamente com seu meio ambiente” (Op. Cit., p. 234).

O modo como o homem explica o seu agir no planeta implica na compreensão das suas ações frente à natureza por meio da adoção de um paradigma⁵ voltado para uma ética ativa com aplicabilidade. À sobrevivência dos homens devem-se juntar as formas de vida, sejam elas sencientes⁶, biológicas ou sistêmicas, pois a natureza engloba todos indistintamente, porque somos ela. Para Camargo (2008) o paradigma clássico veio, ao longo dos últimos séculos, desenvolvendo tanto um modelo de técnica como de ciência e que reflete na sociedade, sendo por isso que as questões ambientais que invadem os jornais não podem ser compreendidas em fragmentos, porque envolve diferentes aspectos que vão do trato que os sujeitos têm com a natureza e o ambiente em que vivem e que se fazem necessários para romper qualitativamente com os modelos postos, perspectivando encontrar alternativas que venham a atender às novas demandas sociais, econômicas, ambientais e da ciência como um todo. Conforme Kuhn

a transição de um paradigma em crise para um paradigma novo, do qual pode surgir uma nova tradição de ciência normal está longe de ser um processo cumulativo obtido através da articulação do velho paradigma. É antes uma reconstrução que altera algumas das generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muito dos seus métodos e aplicações (KUHN, 2009, p. 116).

Quanto a esse argumento envolve observar que os homens têm modificado seu meio ambiente. Por essa razão este estudo procurou entender a ética ativa aliada a prática ambiental nos assentamentos de reforma agrária como forma de sobrevivência e sua aplicação nesse contexto de modo a explicitar as formas como os filhos dos trabalhadores rurais em processo formativo-educativo se preocupam com o futuro das gerações, uma vez que devemos “[...] compreender as práticas que estamos avaliando e os atos que estamos contemplando” (JAMIESON, 2010, p. 161).

Para auxiliar o nosso trabalho, as consultas às fontes teóricas foram imprescindíveis para a construção de um entendimento sobre a relação homem/natureza desde a antiguidade e

⁵ Kuhn adverte em seu livro *A estrutura das revoluções científicas* que para o “[...] o historiador da ciência que examina as pesquisas do passado a partir da perspectiva da historiografia contemporânea pode sentir-se tentado a proclamar que, quando mudam os paradigmas, mudam com eles o próprio mundo. Guiados por um novo paradigma, os cientistas adotam novos instrumentos e orientam seu olhar em novas direções” (2009, p. 147). E ainda afirma que não ter dúvidas em relação ao uso dos paradigmas porque “[...] um dado paradigma permite torna-se uma contribuição duradoura para o corpo do conhecimento científico e técnico, mas os paradigmas eles próprios são com frequência posto de lado e substituído por outros bastante incompatíveis com eles. Não podemos recorrer a noções como ‘verdades’ ou ‘validade’ a propósitos dos paradigmas na tentativa de compreender a especial eficácia da investigação” (KUHN, 1974, p. 67).

⁶ Para Singer, citado por Jamieson “[...] a senciência é necessária e suficiente para a considerabilidade moral. Somente os interesses de todos os seres sencientes, e todos os seus interesses serem igualmente considerados” (2010, p. 201-202).

nas diversas correntes éticas até a contemporaneidade⁷, tornando possível estruturar a presente dissertação da seguinte maneira: O primeiro capítulo apresenta o caminho percorrido desde a justificativa do assunto; os objetivos da pesquisa; a metodologia e a organização do presente estudo.

No segundo capítulo, um breve histórico da relação homem e natureza desde a antiguidade até a presente data, abordando para tanto as diferentes visões de natureza existentes tanto no contexto histórico quanto no científico, seus significados e os elementos que os rodeiam no assentamento como uma forma para sobreviver *in loco* com dignidade e respeito às bases legais sobre áreas de preservação ambiental, a chamada reserva legal⁸. A ciência enquanto promotora dos avanços tecnológicos vem acompanhada de uma ideologia do progresso econômico e do domínio da natureza, privilegiando modelos mecanicistas e quantitativos da realidade que ignoram as dimensões qualitativas, subjetivas e sistêmicas que alimentam outras formas de conhecimento.

No terceiro capítulo, intitulado “A valoração da ética ambiental: concepções”. Aborda a origem da ética enquanto *ethos*; a ética tradicional, as primeiras concepções de ética ambiental e algumas de suas principais vertentes, as quais têm quatro tendências bem definidas, cada uma delas elaborada a partir de um núcleo, um âmbito de interesse julgado digno de consideração, a saber: o antropocentrismo, o sensocentrismo, o biocentrismo e o ecocentrismo.

O quarto capítulo aborda “A formação enquanto construto para a consolidação do processo formativo no MST”, discorrendo sobre aspectos históricos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e os princípios de uma educação voltada para a

⁷Souza afirma que “[...] na contemporaneidade observamos uma grande discussão acerca das conseqüências da ação irresponsável do homem sobre a natureza, o que tem alterado seu equilíbrio de maneira radical, podendo possivelmente levar ‘a morte’ toda a natureza. Ora, se o sinal de alarme já soou para nós, é porque em nosso antropocentrismo exacerbado – proveniente, em grande parte, da postura do homem moderno no tocante à natureza – esquecemos de que fazemos parte da natureza, e não o contrário (2009, p. 121).

⁸ Reserva Legal é a área localizada no interior de uma propriedade ou posse rural, necessária ao uso sustentável dos recursos naturais, à conservação e reabilitação dos processos ecológicos, à conservação da biodiversidade e ao abrigo e proteção da fauna e flora nativas. O Brasil por meio da Constituição Federal de 1988 trouxe significativos avanços em relação à questão ambiental, informa que até mesmo as futuras gerações já têm direitos sobre a existência das “florestas e demais formas de vegetação” posto em seu Art. 225 - Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo, e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para os presentes e futuras gerações. Em suma, se aqueles que integrarão as futuras gerações, e que sequer ainda nasceram já têm direitos, então, os que compõem as atuais gerações, por óbvio, têm deveres e obrigações.

intervenção da realidade do assentamento, com vistas a apresentar historicamente o caminho percorrido pelo MST para implementação em parcerias de Curso de Pedagogia na possibilidade de formar cidadãos para atuar em espaços de assentamentos. Neste aspecto, uma análise sobre a ética e a educação ambiental no processo de formação expostas pelos alunos do Curso de Pedagogia da Terra, uma vez que a ética de cada um é implícita no modo de vida que levam desde o nascimento até a fase adulta, sendo as particularidades do entorno vital para as tomadas de decisões em direção a uma ética ativa nas áreas de assentamentos atrelada a uma educação ambiental de caráter intervencionista.

Por fim, nas considerações finais confrontamos os resultados obtidos com os objetivos propostos no início do projeto de pesquisa, nos quais verificamos que a maior parte dos sujeitos da pesquisa possui um entendimento do conceito de natureza, de ética e da educação ambiental ainda restrito ao modo de vida no quais privilegiam a sobrevivência nos assentamentos, restringindo-se ao antropocentrismo sem predominância de uma visão sistêmica e ou holística. Nos anexos são apresentados os questionários e o roteiro da entrevista aplicada aos sujeitos do estudo – os alunos do Curso de Pedagogia da Terra. Bem como o mapa dos assentamentos do Estado de Sergipe para se imaginar o cenário sobre a atuação do MST/SE e como podemos modificar atitudes frente aos problemas ambientais mediante a formação.

Terra – disse ele – tem uma pele e essa pele tem doenças. Uma dessas doenças, por exemplo, chama-se: “homem”.

[...]

... e vi uma grande tristeza descer sobre os homens. Os melhores deles cansaram-se de suas obras. Proclamou-se uma doutrina, que uma fê acompanhava: ‘tudo é vazio, tudo é igual, tudo foi!’ Decerto, fizemos a colheita; mas por que todos os frutos se nos apodreceram e enegreceram? O que caiu cá embaixo da má lua, na última noite?

Inútil foi todo o trabalho, veneno tornou-se o nosso vinho, um mau-olhado engelhou e amarelou nossos campos e nossos corações.

Tornamo-nos, todos, secos; e, se caísse fogo sobre nós, seríamos reduzidos a cinza: - sim, cansamos o próprio fogo. Todas as fontes se nos enxugaram também o mar retirou-se. O solo quer fender-se, mas o abismo não nos quer tragar!

‘Ah, onde há um mar, ainda, no qual possamos afogar-nos?’: assim soa o nosso lamento – correndo por sobre brejos de águas pouco profundas (NIETZSCHE, 1998, p.143-146).

CAPÍTULO 1

ORIGEM DO ESTUDO

A realidade ambiental oriunda dos três séculos que se seguiram pôs o planeta em perigo. Não resta dúvida que muitos foram os benefícios advindos das invenções e descobertas do homem, tanto em nível científico, econômico, social e político. Dissecar a natureza em objetos distintos durante tanto tempo obriga o homem a um compromisso urgente - o de preservar e de conversar⁹ não só a sua espécie, como todas as espécies bem como o planeta em que vive, atrelando aos aspectos do seu desenvolvimento¹⁰ a natureza de forma prioritária (WARD; DUPOS, 1973). Novos esforços de pesquisa independentes ou não, devem e estão sendo feitos para que o homem possa amenizar e ou até reverter o curso de destruição ao qual o planeta está submetido.

A amplitude dos problemas sociais e ambientais no contexto atual tem-se revelado propulsora de mudanças paradigmáticas em relação à sobrevivência humana. É possível criar um movimento de conservação de recursos, enfatizando o seu uso racional numa concepção de que a natureza, a partir do seu manejo e da intervenção humana, pode ser eficiente numa perspectiva conservacionista, ou seja, o conservar para extrair. O conservacionismo foi um dos primeiros movimentos teórico-práticos contra o “desenvolvimento a qualquer custo”, procurando minimizar os problemas causadores do esgotamento dos recursos naturais tendo em vista pensar na geração futura à medida que se pensa um desenvolvimento sustentável¹¹.

⁹ Para Nedel essas duas teorias são divergentes “[...] A teoria conservacionista, baseada numa filosofia liberal, vê a natureza como instrumento na mão do homem, que a pode explorar e modificar à vontade, no intuito de obter o bem-estar para o maior número de pessoas. A teoria preservacionista, baseada em premissas metafísicas, reconhece valor intrínseco à natureza, em vista do que sua exploração não pode ultrapassar determinados limites. Por isso, o homem deve respeito à natureza, sendo obrigado a protegê-la, desenvolvê-la e usá-la com equilíbrio, sem a depredar” (2004, p. 134). Pádua (1997) considera o conservacionismo um movimento mais antigo e ligado ao campo científico, destinado a proteger a natureza em si, que precede o ecologismo, segundo o qual, a sobrevivência da humanidade passa por uma mudança radical na cultura e na forma de viver.

¹⁰ Neste contexto, para determinada sociedade o conceito de desenvolvimento é amplo e ambíguo. Camargo (2008) afirma que o desenvolvimento é um conceito que está tão incutido no pensamento ocidental que é tomado quase como uma lei da natureza. O desenvolvimento tradicional usa os recursos humanos, os recursos financeiros, a infra-estrutura e os recursos naturais, compromissado com a idéia de lucro gerador de progresso. Assim, o desenvolvimento é questionável porque ora atende as necessidades humanas parcialmente e destrói os recursos naturais.

¹¹ Tema indispensável nas discussões sobre políticas de desenvolvimento em que sinalizam uma alternativa às teorias e aos modelos tradicionais de desenvolvimento que se tem.

Os trabalhadores rurais em áreas de assentamento, em sua maioria, têm que produzir em territórios agredidos pelas condições climáticas, solo infértil, além da falta de recursos naturais, proporcionada pelos impactos ambientais advindos da forma de ocupação e de desenvolvimento adotados pelos homens, respeitando a área de reserva legal cuja lei não permite ocupar. Nesse ínterim, existe um aumento de conflito ético no uso dos recursos, gerando, por sua vez problemas que agravam o meio ambiente. Tal atitude requer do trabalhador uma tomada de decisão na busca de estratégias (políticas, organizacionais, tecnológicas e éticas) para atingir os níveis de desenvolvimento desejados no assentamento, fortalecendo-o com práticas econômicas respeitadoras do ambiente; valorização e preservação do território de interesse ecológico e, por fim, o desenvolvimento rural integral sustentável.

Nesse sentido, pensar numa ética ativa para as áreas de assentamentos, em especial, para os filhos dos trabalhadores rurais (alunos do Curso de Pedagogia da Terra) significa provocar mudanças de atitudes frente às adversidades com os quais vivem, de modo a entender as formas com que eles entendem e cuidam da natureza, sobre a sua relação homem\natureza e entre preservação\conservação do meio ambiente, na possibilidade de uma ética ambiental de modo a contribuir para ampliação dos saberes locais em articulação com o processo formativo em busca de uma sustentabilidade local. Bem como explicitar a legitimidade de ações éticas sustentáveis em relação à natureza em assentamentos rurais, por meio da desconstrução do modelo antropocêntrico e mediante a consolidação da ética ambiental de forma consolidar proposições de que não se devem desmatar áreas de preservação. Nos entanto, em alguns casos faz-se necessário extrair madeira, colher frutos e capturar animais para sua sobrevivência em áreas de reservas em assentamentos contrariando a legislação vigente que trata da reserva legal.

Entende-se por área de reserva legal aquelas porções de terras localizadas no interior de uma determinada área ou propriedade rural, excetuada de preservação permanente, necessária ao uso sustentável dos recursos naturais, à conservação e reabilitação dos processos ecológicos, à conservação da biodiversidade e ao abrigo e proteção da fauna e flora nativas. Contudo, vale ressaltar que a legislação vigente do regime jurídico florestal resolveu utilizar a expressão “reserva legal”. No entanto, a expressão “Florestal” anteriormente utilizada soa como insuficiente porque incidem sobre o domínio privado e decorrem de normas legais que limitam o direito de propriedade, da mesma forma que “as florestas e demais formas de vegetação permanente”, previstas no Código Florestal.

Em conformidade com o art. 225, § 1º, III, da Constituição Federal Brasileira, as Áreas de Reserva Legal Florestal se encontram protegidas, sendo sua alteração e supressão permitidas somente por meio de lei, adquirindo, com a promulgação da Constituição supracitada, num caráter de inalterabilidade. Ainda de acordo com o Art. 16, § 3º da lei nº. 4.771/65 (Código Florestal), para a manutenção da Área de Reserva Legal em pequena propriedade ou posse rural familiar podem ser computados os plantios de árvores frutíferas, ornamentais ou industriais, compostos por espécies exóticas, cultivadas em sistema intercalar ou em consórcio com espécies nativas. Pois,

Depois de cortada ou submergida a mata, entretanto, a ligação com o passado se perderá para sempre. Isso poderá ser motivo de arrependimento para todas as gerações que nos sucederam neste planeta. A verdadeira mata virgem tem agora um valor, já que está se tornando escassa. No futuro, e considerando o mundo como um todo, a tendência é tornar-se ainda mais escassa. Por isso os ambientalistas estão certos quando se referem à mata nativa como uma ‘herança planetária’. Ela é algo que herdamos de nossos ancestrais e que devemos preservar para nossos descendentes, se quisermos que eles a tenham algum dia (SINGER, 2002, p. 122-123).

Dessa maneira, cabe aos órgãos ambientais estaduais mediante convênio, pelo órgão ambiental municipal ou outra instituição devidamente habilitada, a aprovação da localização da Reserva Legal, devendo ser considerados no processo de aprovação a função social da propriedade e os critérios e instrumentos, quando houver, em conformidade com o art. 16, § 4º, do Código Florestal. Assim, os assentamentos também se inserem em virtude de preservar áreas consideradas de Reserva Legal.

1.1 A JUSTIFICATIVA DO ASSUNTO

A origem desse estudo se deve ao fato da nossa participação como professor ministrando disciplinas para alunos do Curso de Pedagogia da Terra, onde pude assistir diariamente místicas elaboradas por eles com o viés da conscientização, do cuidar, do preservar, do conversar, do reivindicar direitos sociais, no sentido de que o processo formativo possa auxiliar os sujeitos a serem mais éticos, praticando ações que represente atos conscientes também com o meio ambiente. A partir dessa experiência uma questão norteou

nosso estudo: Qual o sentido da natureza, da ética e do meio ambiente para os filhos dos trabalhadores rurais em processo de formação?

A existência de Cursos de Formação de Professores, em particular o Curso de Pedagogia da Terra para os filhos dos Trabalhadores Rurais em áreas de assentamento desenvolvido pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, justifica-se pela necessidade premente de reflexões de cunho filosófico e sociológico numa possibilidade de formar sujeitos conscientes de ação e, como tal, imbuídos de uma ética ativa¹², ou seja, uma ética em que a ação humana possibilite a construção de um mundo melhor. Isto só se consegue mediante o conhecimento do que significa ser ético. Lukacs afirma ser a ética “[...] uma parte da práxis humana em seu conjunto” (2007, p.72).

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST investe na formação dos envolvidos nessa organização, quando promove cursos de várias naturezas (capacitação técnica para a agricultura; formação política e a escolarização em diversos níveis da educação básica, ensino superior e pós-graduação) para atender às suas necessidades e às do próprio assentamento. Formação essa que envolve a dimensão sociopolítica que na perspectiva do MST é concebida como “[...] um processo permanente e sistemático, que permite aos militantes desenvolverem atividades concretas em direção à conquista dos objetivos da organização, capacitando-os para intervirem na realidade em que vivem com o propósito de transformá-la” (2001, p. 108). Esse processo formativo é identificado como uma ação pedagógica, humanista e transformadora que se dá mediante as relações grupais e nas brigadas quando são organizados para o desempenho de tarefas em todos os setores, os quais são movidos politicamente por ideologias de mudanças que ganham projeção em nível local, regional e nacional.

Essa formação se desenrola na prática social desenvolvida no assentamento e se realiza “[...] em diferentes momentos e formas distintas, desde a prática dos dirigentes [...] as reuniões e assembléias; as mobilizações; encontros; seminários; leituras individuais; cursos; trocas de experiências” (MST, 2001, p. 109). Para ampliar esse processo de formação, o MST

¹² A idéia de ética ativa comparecerá em todo o texto por entendemos ser um termo que se articula com o agir do próprio MST numa dinâmica em movimento constante e que ao realizarem místicas nos cursos de formação, capacitação, encontros e reuniões com os envolvidos no assentamento alerta os cidadãos sobre questões de ordem sociais, econômicas e ambientais. Essa ética ativa promoverá mudanças de atitudes e comportamentos frente às problemáticas advindas do contexto social.

estabelece parcerias com outras instâncias (Universidades, ONG's, Poder Público) com o propósito de formar sujeitos comprometidos com as transformações sociais e imbuídos de pensamentos com valores humanistas, trazendo à tona a necessidade de um aprofundamento filosófico, sociológico e econômico. Contudo, faz-se necessário refletir sobre suas ações quanto à natureza, à ética e a educação ambiental uma vez que são agentes modificadores no meio em que vivem.

Na promoção das místicas realizadas durante os encontros presenciais do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia para os beneficiários da Reforma Agrária, vinculados aos assentamentos do Nordeste – PROPED, conhecido como “Pedagogia da Terra” se enfatiza a reflexão sobre questões agrárias; superação da dicotomia campo-cidade e na afirmação das relações de enraizamento dos sujeitos ao campo, como contribuição para o desenvolvimento humano e social das pessoas que nele vivem. Pois, ao receberem os lotes distribuídos pelo INCRA¹³, às famílias de assentados dentre tantas responsabilidades com a terra que vão trabalhar, recebem o lote e assinam um compromisso de não desmatarem pelo menos 20% da área que ganharam, tendo que deixá-la preservada e conservada sob pena de perda da propriedade – a reserva legal.

Neste sentido, procuramos entender a concepção de natureza que os filhos dos trabalhadores rurais têm acerca do lote que ganharam e se existe uma visão de uma ética ativa e uma educação ambiental proposital ou natural no dia-a-dia para trabalhar na terra de forma sustentável de modo a que se tenha responsabilidade de passar para as futuras gerações. Em suma, analisaremos o sentido ético presente no assentamento nas práticas apresentadas pelos filhos dos trabalhadores rurais, alunos do Curso de Pedagogia da Terra, da Universidade Federal de Sergipe (UFS) na perspectiva de registrar as formas explicativas da ética ativa, identificando o valor que dão à natureza em concordância direta na relação homem\natureza e preservação\conservação do meio ambiente, sobretudo, a importância desse sentido ético no processo de formação dentro dos assentamentos no que tange resolver os impactos ambientais causados pelo desgaste dos recursos naturais e, portanto, imprescindíveis à sua sobrevivência.

¹³ INCRA- Autarquia Federal, criada em 09/07/1970, através do Decreto-Lei nº 1.110, alterado pela Lei nº 7.231, publicado no D.O.U de 31 de março de 1989, com a finalidade de executar a política agrária nacional, vinculada ao Ministério de Desenvolvimento Agrário

1.2 SUJEITOS SOCIAIS DO ESTUDO

A pesquisa foi realizada com a participação de 46 (quarenta e seis) alunos matriculados no Curso de “Pedagogia da Terra” da Universidade Federal de Sergipe, do Departamento de Educação oriundos dos vários assentamentos localizados nos municípios do Estado de Sergipe e Alagoas, os quais apresentam o seguinte perfil: possui faixa etária com variação entre 23 a 53 anos, totalizando 11 (onze) alunos do sexo masculino (24%), e 35 (trinta e cinco) alunos do sexo feminino (76%).



Figura 1 Alunos reunidos após aula na Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE. Outubro, 2010.

São filhos de trabalhadores rurais que se encontram em áreas de assentamentos de reforma agrária do governo federal, o qual possui uma forma organizativa a partir da experiência com lideranças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), assumem tarefas no processo de organização e outras atividades na área rural. Todos eles assumem uma atividade no assentamento de origem atuando nos setores: de formação, de educação, de saúde e outros na possibilidade de resgatar os saberes e as práticas que há muito trouxeram benefícios às famílias nos seus assentamentos. Do total dos alunos do referido curso, 43 (quarenta e três) são oriundos dos assentamentos do Estado de Sergipe e apenas 03 (três) do município Girau do Ponciano do Estado de Alagoas. O mapa abaixo ilustra a quantidade de municípios atendidos no Estado de Sergipe.

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo deste trabalho consiste em analisar o sentido de natureza e da ética ambiental dos alunos do Curso de Pedagogia da Terra da UFS, no que diz respeito à sua sobrevivência nos assentamentos. Desta maneira apresentamos três objetivos específicos: a) Analisar o sentido que os alunos do curso de pedagogia da terra têm acerca de natureza e ética ambiental; b) Identificar quais vertentes do pensamento ético ambiental estão presentes na visão dos alunos; c) Verificar a contribuição da ética ambiental no processo de preservação e conservação da natureza nos assentamentos para a sobrevivência destes.

1.4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Na busca compreensiva desse universo de sentidos atribuídos à natureza, à ética e a educação ambiental, particularmente sua prática, as narrativas elaboradas e extraídas nas entrevistas nos remetem às experiências de prática social vivenciada pelos alunos com tendência a traduzir as idéias que possuem também da educação ambiental como uma das formas de melhor sobreviver nos espaços de assentamento.

Nossa opção metodológica teve como pressuposto básico a articulação de procedimentos da abordagem de natureza qualitativa e quantitativa. A coleta de dados foi obtida por meio da narração de trajetória individual adquiridas mediante a técnica de entrevista semi-estruturada e pela aplicação de questionários. Foi uma experiência singular e “sem cerimônias” a pesquisa de campo com os alunos pelo fato do relacionamento de “confiança” estabelecido na experiência que tivemos ao ministrar aulas da disciplina Introdução à Filosofia e, auxiliando nas disciplinas Tópicos Especiais em Educação e Prática de Ensino das séries iniciais do ensino fundamental no referido curso.

Para entender as concepções acerca da ética ativa presente no contexto do assentado e o sentido da natureza expostos nos questionários, ancorei-me nas vertentes ideológicas engendradas no panorama epistemológico contemporâneo conforme Melo e Souza (2007). Logo, a análise dos dados foi evidenciada por meio da interpretação do discurso dos sujeitos, buscando registrar as formas explicativas que têm sobre a natureza e a ética na sua formação, estabelecendo uma articulação com as principais vertentes da ética ambiental sendo esta “[...]”

aquela capaz de promover o respeito a todas as formas de vida do planeta” (PEDRINI, 2007, p. 37).

A pesquisa foi ancorada na abordagem de natureza qualitativa tendo como instrumentos para a coleta dos dados: questionários e entrevistas bem como da leitura de relatórios dos projetos de ensino desenvolvidos durante o Tempo Comunidade¹⁴ nas escolas do assentamento. As narrativas e relatos obtidos durante a realização das entrevistas com os alunos da Pedagogia da Terra possibilitou uma visão mais ampliada à respeito dos valores que são atribuídos a luta dos trabalhadores na conquista de direitos sociais, no caso, a educação enquanto processo formativo. Essas estratégias de coleta de dados foram escolhidas por serem aquelas que melhor oferecem “[...] uma noção de processo em movimento, possibilitando conhecer os detalhes da vida íntima dos sujeitos e daí inferir sobre determinados comportamentos” (PEDRINI, 2007, p. 46).

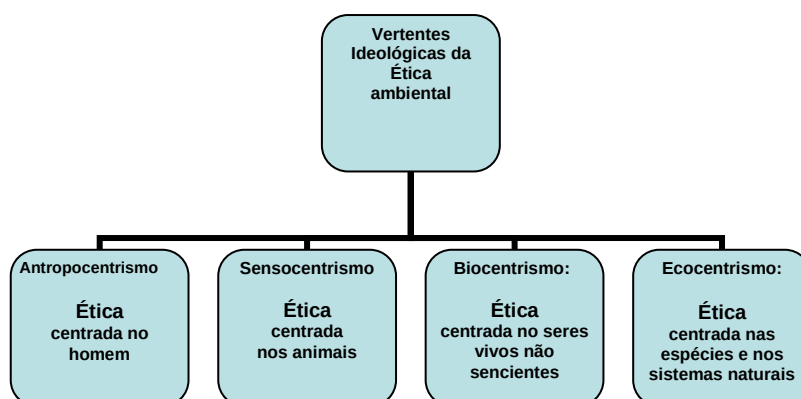
Nesta perspectiva, tal abordagem visa reconstruir as formas organizativas dos alunos quando da promoção de discussões em sala de aula, requerendo uma dimensão política comprometida com uma ética ambiental, na possibilidade de subsidiar políticas públicas de caráter permanente em áreas de assentamentos para que, eticamente, sejam responsáveis pelo ambiente em que vivem, procurando conservar os recursos naturais para não faltarem no futuro e, portanto, sobreviverem com dignidade.

Com efeito, o modo de como assegurar a efetivação desse processo formativo-educativo se traduz ao respeito das potencialidades, das possibilidades presentes na formação desses alunos (futuros profissionais da educação) no sentido de produzir alternativas para educar e aprender em um processo de diálogo pensante, demonstrando uma prática viabilizadora de conquistas dos direitos sociais. Pois, na engrenagem do processo formativo-educativo deve-se valorar e dar unidade às experiências vividas pelos alunos do curso, quando das construções de significados, das ações históricas e políticas, reaprendendo a ver o mundo/natureza de modo ético, onde se descortinam histórias, ações, atitudes e engajamento

¹⁴ A disciplina Prática de Ensino nas séries iniciais é um componente curricular do referido curso que tem como objetivo a realização do estágio de docência nas séries iniciais e nesse curso foi todo realizado nas escolas localizadas em áreas de assentamentos. Os alunos elaboraram projetos de ensino a partir dos interesses dos assentados quando realizaram diagnóstico com os alunos nessa etapa da escolarização. Assim, durante esse período grande parte dos projetos foi sobre as questões ambientais.

na organicidade do movimento, em particular, nas áreas de assentamentos de modo que eles possam tecer seus comentários emblemáticos sobre uma ética ambiental local.

Em seguida foram analisadas categorias que emergiram das respostas dos alunos participantes da pesquisa e seus dados categorizados mediante compreensão do discurso do sujeito, buscando registrar as formas explicativas que têm sobre a natureza, estabelecendo uma articulação com as principais vertentes da ética ambiental, conforme ilustração de nossa autoria abaixo:



Para análise da categorização e a apropriação da abordagem nas narrativas extraídas das entrevistas semi-estruturadas realizadas com os alunos, procurou-se tratar as vivências que lhes favorecem encontrar limites, articulando-se aos objetivos propostos neste estudo de forma interdisciplinar¹⁵, de modo a se entender como fruto do conhecimento “[...] em decorrência, a responsabilidade ética está diretamente relacionada ao nível de conhecimento atingido pelo indivíduo. Portanto, ele se obriga moralmente a ampliar o conhecimento e cada vez mais responsável se torna” (HEEMANN, 1998, p. 172).

Na proposta do Curso de Pedagogia da Terra – DED/UFS, o rol de disciplinas é tratado sob a forma modular. O curso possui uma proposta semelhante à desenvolvida para os futuros pedagogos da UFS com algumas especificidades do meio rural que são ancorados em

¹⁵ A interdisciplinaridade enquanto necessidade para a produção do conhecimento “[...] funda-se no caráter dialético da realidade social que é, ao mesmo tempo, una e diversa e na natureza subjetiva de sua apreensão. O caráter uno e diverso da realidade social distinguir os limites do objeto investigado. Delimitar um objeto para a investigação não é fragmentá-lo, ou limitá-lo arbitrariamente. Ou seja, se o processo de conhecimento nos impõe a delimitação de determinado problema, isto não significa que tenhamos que abandonar as múltiplas determinações que o constituem. E, neste sentido, mesmo delimitado, um fato teima em não perder o tecido da totalidade de que faz parte indissociável” (FRIGOTTO, 2008, p. 27).

questões relativas aos problemas nos assentamentos. E ainda o Curso de Pedagogia da UFS¹⁶ aprovou na última reformulação a disciplina Educação e Ética Ambiental como um componente da proposta curricular com a finalidade de refletir as ações ambientais do homem em relação à sua condição humana, bem como alertar sobre os problemas advindos da degradação ambiental e seus riscos para eles próprios e o planeta em que vivem.

Neste sentido, investigou-se em que medida as concepções de natureza e de ética ambiental contribuem nas áreas de assentamentos para preservação/conservação tanto em áreas de plantio quanto de reserva legal, uma vez que a terra é uma conquista para sua sobrevivência, garantindo sua cidadania¹⁷ nos espaços de assentamentos.

¹⁶ Autorizado a funcionar em 1951, com a criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Mas, sua implantação se deu em 1968, ano em que foi instalada a Universidade Federal de Sergipe. Ao longo desses longos anos o referido curso passa por reformulação para atender às orientações curriculares do MEC e assim aprofundar as questões teóricas e prática do processo de formação do pedagogo.

¹⁷ A cidadania é, essencialmente, consciência de direitos e deveres normalizados pelos indivíduos em sociedade. Contudo, o conceito de cidadania, é ambíguo, pois a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, estabelece as primeiras normas para assegurar a liberdade individual e a propriedade. É uma concepção restrita de cidadania porque essa depende da sociedade. Em oposição a essa concepção “[...] existe uma concepção plena de cidadania. Ela não se limita aos direitos individuais. Ela se manifesta na mobilização da sociedade para a conquista de direitos” (GADOTTI, 2000, p. 134), sociais, políticos e civis que devem ser garantidos pelo Estado. É uma cidadania que objetiva conquista e construção de novos direitos nos espaços do exercício do Estatuto de Cidadania. Di Pierro esclarece essa idéia ao afirmar que se “[...] confere aos cidadãos um estatuto de igualdade político-jurídico que não tem correlato nas estruturas das sociedades capitalistas, configurando um meio de compensar as desigualdades sociais em nome do princípio moral; implica, pois, na justiça redistributiva consubstanciada nos direitos sociais” (DI PIERRO, 2000, p. 40).

O MITO DA NATUREZA

ARCONTE – Você é a favor ou contra a Ecologia?

SÓCRATES – Não vejo como se possa ser a favor ou contra uma ciência... você é a favor ou contra a Astronomia?

ARCONTE – Mas eu posso ser contra a Astrologia!

SÓCRATES – Na verdade você não é contra. Você põe em dúvida que a Astrologia seja uma verdadeira ciência. É este o caso com relação à Ecologia?

ARCONTE – Não, não é isso. Coloquemos de forma diferente: você é a favor ou contra a preservação da Natureza?

SÓCRATES – Nesse caso, sou a favor, porém em termos;

ARCONTE – Por quê apenas em termos”?

SÓCRATES – Porque a proteção absoluta à Natureza é contrária à preservação do homem social. Você não poderia ser um arconte se a Natureza fosse preservada.

ARCONTE – Por quê?

SÓCRATES – Porque na Natureza não há nada convencional ou consensual. Portanto, não há eleição, voto, ou qualquer processo de escolha. Não há uma Ecologia humana, mas apenas Sociologia. No momento em que o homem optou pela primeira vez, ele afastou-se das leis naturais, não mais sendo regido por estas.

ARCONTE – Mas as formigas também têm uma organização social...

SÓCRATES – Mas não têm reivindicações... todas são escravas, até a rainha...

ARCONTE – Escravas... de quem?

SÓCRATES – Das larvas. Ou da hereditariedade.

ARCONTE – Nós também temos nossas tradições...

SÓCRATES – Mas podemos mudá-las. Por isso progredimos.

Fragmento de um diálogo que PLATÃO não registrou.

Extraído de BRANCO, 1999, p. 143

CAPÍTULO 2

NATUREZA E AÇÃO: VISÕES NO CONTEXTO HISTÓRICO-CIENTÍFICO

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA RELAÇÃO HOMEM/NATUREZA DESDE A ANTIGUIDADE

O pensamento racional surge no século VI a.C, nas cidades gregas da Ásia Menor. Segundo Barnes (1997), os filósofos jônios abriram o caminho que a ciência depois só fez seguir. Todavia, para Cornford (2001) as cosmologias dos filósofos retomam e prolongam os mitos cosmogônicos. Por detrás dos “*elementos*” dos jônios, perfila-se a figura das antigas divindades da mitologia. Ao formarem-se “natureza”, os elementos desmoronam-se do aspecto de deuses individualizados; mas permanecem as potencias ativas, animadas e imperecíveis, sentidas ainda como divinas.

Os filósofos não precisaram inventar um sistema de explicação do mundo: acharam-no já pronto. Para Cornford (2001) os filósofos fizeram apenas repetir em linguagem diferente, o que dizia o mito, ou seja, racionalizaram o mito. A ordem natural e os fatos atmosféricos (chuvas, ventos, tempestades, raios) ao tornarem-se independentes da função real, deixam de ser inteligíveis, na linguagem do mito, e apresentam-se doravante como “problemas”, constituindo-se a matéria da primeira reflexão filosófica.

Na perspectiva de Cornford (2001), o céu, a terra e o mar em Hesíodo permanecem míticos, apesar do esforço de conceituação, mas na verdade são realidades físicas, no seu aspecto concreto, mas ao mesmo tempo são forças divinas cuja ação é análoga à dos homens. Para Cornford, a lógica do mito é ambígua, pois enquanto que o pensamento depreende o fenômeno dizível de separação entre terra e água, ao mesmo tempo é fruto de uma geração divina desse mesmo fato natural.

A inovação mental do milésios consiste em transformar os personagens míticos (terra e água) em elementos concretos, forças ativas, divinas e naturais. O original, os primordiais despojam-se de seu mistério: a banalidade tranquilizadora do quotidiano; tornando o mundo dos jônios, segundo Tales “cheio de deuses” em um mundo plenamente natural (LAÉRTIOS, 1988). Logo, tudo que é real é natureza e esta, separada do seu pano de fundo mítico, torna-se problema, objeto de discussão racional. Assim, a cosmologia não modifica somente a

linguagem, mas muda de conteúdo. Em vez de descrever os nascimentos sucessivos, definiu os princípios primeiros, constitutivos do ser.

O domínio da *physis*¹⁸ precisa-se e limita-se. Concebido como um mecanismo, o mundo despoja-se pouco e pouco do divino que o animava entre os primeiros físicos. Na Grécia, os sábios já não põem em evidência a unidade da *physis*, mas a dualidade do homem, apreendida em uma experiência religiosa e filosófica; existe uma alma humana diferente do corpo e oposta, tal como a divindade procede com a natureza. A alma, no entanto, possui uma forma, de ação e de movimento, é imaterial. Para Snell (2001), as dimensões da alma: interioridade, intensidade, subjetividade formam a alma do filósofo e este tem a revelação da verdadeira realidade, sendo, portanto o contrário da *physis*.

Para Melo e Souza (2007), a natureza era conhecida como *physis*, porque os gregos partiam da apreensão da coisa presente em si mesma. O “descobrimento” da *physis* e a distinção que daí resulta acusam e acentuam essa separação da natureza, dos deuses, dos homens, sendo a primeira condição do pensamento racional. Vernant (1990), afirma que o termo tem origem na palavra *fio* (nascer); *physis* é uma realidade fundamental no mundo grego dos pré-socráticos, pois é a realidade da quais todos fazem parte, sejam humanos, animais ou coisas, e também os deuses. Para Vernant tudo o que existe provém da *physis*, porque antes dela nada existia, e passou a existir, ou a ser.

A *physis* é indissociável do cosmo, que é a ordem, e assim tudo o que existe é ordenado em uma ordem bela. A *physis* é uma realidade divina: é a realidade primeira, soberana, e que envolve tudo aquilo que existe. Para os gregos há na *physis* um princípio ordenador de tudo o que existe, e a esse princípio chamam “*Logos*”¹⁹. Com a libertação do

¹⁸ Na expressão de Unger, “[...] a palavra *physis*, diz mais do que aquilo que nós consideramos a física, ou o mundo físico. [...] pertence à *physis*, tudo o que é, em qualquer nível de ser: uma pedra, uma planta, o ser humano, mas também um sentimento, um deus, tudo que é expressão de *physis*. A própria palavra *physis*, provém de um verbo, *phuei*. Este tem sentido de jorrar, brotar, espocar, como uma fonte que jorra ou uma vegetação que brota. [...] à *physis* pertencem o céu e a terra, a pedra e a planta, o animal e o homem, o acontecer humano como obra do homem e dos deuses” (2006, p. 26).

¹⁹ Em consonância com a definição de Abbagnano, a doutrina do logos como substância ou causa do mundo foi defendida pela primeira vez por Heráclito: ‘os homens são obtusos com relação ao logos, tanto antes quanto depois que ouviram falar dele; e não parecem conhecê-lo, ainda que tudo aconteça segundo o logos. O logos é concebido por Heráclito como sendo a própria lei cósmica: ‘todas as leis humanas alimentam-se de uma só lei divina: porque esta domina tudo o que quer, e basta para tudo e prevalece a tudo’. Esta concepção foi tomada pelos estóicos, que viram na razão o ‘princípio ativo’ do mundo, que anima, organiza e guia seu princípio passivo, que é a matéria” (2000, p. 630).

Logos do Mito, mais do que uma mudança de atitude intelectual, do que uma mutação mental descobre-se definitivamente o espírito (SNELL, 2001).

Dentro dessa cosmovisão, a posição do homem é tranqüila, otimista e até mesmo passiva, uma vez que há uma ordem harmoniosa que rege necessariamente o destino de todos os seres e acontecimentos. Segundo Chauí (2000), a postura do homem é de confiança, sendo seu prazer contemplar a beleza e a harmonia de tudo o que existe. A contemplação, aqui, ocupa um lugar nobre, ou seja, quanto mais elevado se encontra um homem, mais distante ele está do mundo da ação. Dentro dessa visão ninguém cria nada, nem o artesão nem o artista; nem mesmo a mente humana, que nada mais é do que um receptor passivo de uma estrutura que sempre existiu e sempre existirá.

Embora só possamos dispor de alguns fragmentos das obras de Heráclito, Parmênides, Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Anaxágoras e outros pré-socráticos, há uma informação em comum que denota uma preocupação com a natureza: encontrar o princípio fundador de tudo que existe – a *Arké*. Só concordaram em uma coisa, este elemento primordial está na natureza, aqui podendo ser compreendida como um todo. Vemos em Chauí (2000) que o atomismo de Demócrito e Epicuro está na base da explicação mais próxima das origens do materialismo mecanicista tal qual o conhecemos hoje, sem, contudo recorrer às explicações metafísicas ou míticas. O movimento atômico teve influência significativa principalmente na obra de Aristóteles, cujos princípios da sua física predominaram durante mais de vinte séculos, sendo a sua filosofia primeira a base da ciência moderna.

Segundo Chauí (2000) foram várias as contribuições de Aristóteles acerca da natureza, devido as suas pesquisas e experimentos que até hoje são úteis à ciência. Aristóteles sistematizou o campo do conhecimento científico e filosófico, onde elaborou teorias sobre a *physis* que perduram até hoje em seu sentido conceitual, uma vez que é o primeiro a descrever a *physis* como a totalidade de todos os seres que existem, bem como descreveu que cada coisa que existe tem sua própria *physis* específica, ou seja, uma *natureza* particular. A natureza em Aristóteles é hierárquica, pois cada ente tem o seu lugar no mundo e, é teleológica, ou seja, tem uma finalidade da qual não pode se afastar nunca, pois tem de realizar o seu *logos*. Outro conceito de natureza diferente surge com os estóicos (LAERTIOS, 1988), os quais a vêem como unidade perfeita e divina num fluxo e refluxo infinito onde a *physis* aparece como um

logos providencial, divinizado. Esta conotação divina toma maior fôlego depois do advento do cristianismo, o qual inaugura um novo período na relação homem/natureza.

Esse novo período encontra seu apogeu na Idade Média, que foi um período em que se encontraram duas culturas: a greco-romana e a judaico-cristã. Para Gilson (1998), o encontro dessas duas culturas vai supor a presença de um elemento novo: para o pensamento judaico-cristão, o mundo foi criado por Deus. O fato de que o mundo seja uma realidade criada em virtude de uma decisão, supõe uma revolução na existência, porque se o mundo e a natureza são criados por Deus, esta última perde seu lugar sagrado, eterno e gerador, para ser uma realidade profana, surgida em determinado momento, sendo, portanto, gerada.

Com efeito, se os gregos admiravam a *physis* e nela buscavam a harmonia, o homem medieval vai admirar o autor da *physis*, da natureza, procurando a harmonia na vontade de Deus, que se realiza livre de qualquer condicionamento. Em Costa (2007) essa mudança de olhar vai ocasionar uma forma de existência totalmente nova: se o centro das atenções do homem grego era a *physis* e seu *logos*, as atenções do homem medieval se dirigem para o autor da *physis*, que é Deus, e o seu *logos*, que é Jesus Cristo. Por isso, natureza deixa de ser uma realidade sagrada e digna de admiração para converter-se em profana e vulgar.

No período medieval, Gilson (1998), afirma que o homem passa a se importar em conhecer a natureza, que passa a ser vista como o livro no qual Deus escreveu sua vontade, sendo por meio dela que ele se revela. Isso se dá a partir do século XI, em função do surgimento de uma burguesia que admira e se interessa pelas coisas concretas e cotidianas. Desta forma, a visão de natureza aparece, durante a Idade Média, em três momentos distintos: primeiramente como algo que não é interessante nem apreciável. Segundo, a realidade em que se vive começa a ser interessante, para mais tarde começar a ser vista como algo digno de amor; e terceiro como realidade diante da qual devemos tomar uma posição.

Para Costa (2007), existe uma diferença fundamental entre o pensamento medieval e o pensamento grego: se, para o grego, o homem é parte da *physis*, para o homem medieval o homem é a mais nobre criatura do ato da criação, criado à imagem e semelhança de Deus. Passa-se assim do mundo grego, eterno, divino, harmonioso, digno de contemplação, a um mundo medieval produzido, profano, belo e admirável como obra do Criador, mas colocado a serviço do homem, que é a criatura mais elevada na hierarquia da criação.

Durante a Idade Média, deu-se uma mudança na relação homem-natureza, que segue na direção de uma autoconsciência do homem ou, dito de outro modo, com a imagem que os homens têm de si implantando-se de maneira muito forte o antropocentrismo, no período conhecido como Renascimento (GILSON, 1998). Quando o mundo passa a interessar aos homens, a visão platônico-agostiniana dá lugar à visão aristotélica, com sua Lógica e sua Física, pois graças a essa visão era possível dar uma explicação racional a uma série de fenômenos da vida cotidiana.

Na modernidade, a natureza deixa o modelo contemplativo originada nos gregos, deixa o modelo divino, originada no cristianismo e toma lugar o modelo manipulador em favor dos homens. Com isso a relação homem/natureza toma outro rumo, principalmente depois de Bacon e Descartes. De acordo com Francis Bacon²⁰, a natureza não é para ser contemplada, mas deve-se conhecê-la para saber a sua finalidade. Aparece assim uma nova posição diante da existência: a categoria da utilidade.

No mundo mecanizado de Descartes²¹ há uma desvalorização da natureza em relação ao divino e ao que é racional, pois este fundamenta sua filosofia no critério científico do que realmente é verdadeiro e não em evidência subjetiva, ou seja, especulação. Diante disso, Kant²² dará outro significado ao conceito de natureza e conseqüentemente em relação ao homem. Para ele a natureza é a existência das coisas, à medida que é determinada por leis universais, ou seja, a natureza é matéria prima da ação humana, onde é imposta a ela seus fins e meio de satisfação de suas necessidades. Assim sendo, a relação “[...] moral do homem com a natureza é uma relação em vista da humanidade atual e futura. Ela é, para os homens de boa vontade, uma garantia de que só a esse nível a natureza poderá ser universalmente assegurada e preservada como condição geral da vida” (ROHDEN, 2006, p. 112) dessa maneira, faz-se necessário repensar as formas de dominação com a natureza.

²⁰ Japiassu considera Bacon como sendo “[...] o primeiro a propor um método susceptível de libertar o pensamento da esterilidade dos métodos escolásticos de pensar e a indicar as razões reais pelas quais devemos conhecer: dominar a Natureza pelo saber, a fim de converter nosso conhecimento em algo útil e proveitosa para a vida dos homens” (1995, p. 5).

²¹ Para Huisman, os trabalhos na época de Descartes estavam voltados para a matemática. Contudo, um problema filosófico nasceu a partir de suas investigações “[...] procurar o verdadeiro método para chegar ao conhecimento de todas as coisas de que no espírito seria capaz” (2001, p. 270).

²² Rohden esclarece que Kant “[...] foi pelas suas contribuições teóricas e pelo seu espírito um filósofo cosmopolita, no sentido estrito do termo. Ele viveu o século XVIII, época do Iluminismo, chamada em alemão de *Aufklärung* (Esclarecimento). Essa foi uma época racionalista, de crença no triunfo da ciência e de crença em um ainda mais ilusório futuro feliz da humanidade, presumidamente proveniente do progresso da ciência. Só que a ciência nunca bastou para tornar os homens melhores. [...] Kant foi um crítico de seu tempo” (2006, p. 108).

A dominação sobre a natureza, em que a ciência além de teórica passa a ser prática, intervindo como nunca se viu em favor da satisfação humana, retirando da natureza todo valor e sentido em si mesma. Em suma, podemos expor a concepção de natureza e suas características centrais ao longo dos tempos no Quadro I:

QUADRO I - CONCEPÇÕES DE NATUREZA

CONCEPÇÕES DE NATUREZA	CARACTERÍSTICAS CENTRAIS
Pré-Socrática e Grega Clássica	Natureza como coisa em si mesma, auto-emergente e matricial (<i>Phusis</i>). Caráter teleológico.
Medieval	Inesgotável fonte de recursos (cornucópia), assim como passageiro rumo à eternidade onde haveria a perfeição.
Renascentista	Natureza como sucessão de fenômenos. Homem separado da natureza.
Romântica	Ênfase na subjetividade em oposição ao racionalismo.
Moderna	Natureza enquanto máquina regida por leis externas a si mesma, logo, possível de regulação e de completo domínio pelo homem.
Contemporânea	Natureza como condição e parte integrante do processo de reprodução social (Marxismo). Consciência dos limites planetários e das conexões com o Todo. Crise ambiental.

Fonte: MELO E SOUZA, 2007, p. 80.

As concepções acima demonstram ao longo desses anos mudanças substanciais em relação à idéia de natureza. A necessidade de uma atitude de contemplação do homem sobre a natureza no sentido de admirá-la passa à utilização e, portanto, fonte de sobrevivência. Dessa forma, quando a categoria utilidade domina, o homem passa a ser o centro, o início e o término do processo: instala-se o antropocentrismo²³ que vai perdurar durante a Modernidade de modo que a natureza deixa de ser objeto a ser admirado para tornar-se útil ao homem. Diante de um universo descritivo de Copérnico, Galileu e Newton surge à ciência Moderna, ou a Filosofia da Natureza.

²³O antropocentrismo é uma herança do povo grego (século VI a.C. abandonaram as soluções metafísicas e espirituais do mundo e buscaram explicações racionais para os eventos) o qual influenciou as diversas áreas do conhecimento, das artes às religiões. O antropocentrismo é uma concepção que considera que a humanidade deve permanecer no centro do entendimento dos humanos, isto é, o universo deve ser avaliado de acordo com a sua relação com o homem. É normal se pensar na idéia de "o homem no centro das atenções". A tomada de consciência do homem sobre si mesmo e sobre os fenômenos que os cercam não ocorreu apenas na Grécia, mas foi ali que, por força de uma cultura dedicada à figura humana, desenvolveram-se explicações racionais como a matemática, a medicina e a filosofia.

É evidente que o caminho traçado nos leva a um antropocentrismo, e a partir dele o homem vai dominar, além da natureza, o outro homem; para que esse domínio não seja violento, se estabelecem regras, pelas quais os mais fracos se agrupam para evitar o domínio dos mais fortes, logo está arraigado no pensamento ocidental o modelo antropocêntrico. Nessa perspectiva de modo simplificado podemos elencar ainda as diversas visões de natureza concebidas ao longo desse processo histórico, conforme ilustramos no Quadro II:

QUADRO II - VISÕES DE NATUREZA

VISÕES	CARACTERÍSTICAS BÁSICAS
Visão sacralizada	Conhecer a natureza não era compreendê-la, mas adorá-la. Era dominado por um mistério em todas as suas manifestações, panteísmo; povoada por deuses, politeísmo; ou habitada por espíritos, animismo.
Visão semi-sacralizada	A invenção da agricultura e da pecuária deu a origem à revolução urbana por volta de 3500 a.C. Surgem as primeiras intervenções do homem sobre a natureza.
Visão holístico-interrogativa dos físicos gregos	Aparecimento dos primeiros pensadores nos séculos VI e V a.C. denominados de físicos porque as suas reflexões eram buscar a origem dos elementos formadores e do significado da natureza. A natureza englobava tudo, ou seja: os seres humanos, a natureza não humana e também os deuses.
Visão semi-dessacralizada judaico-cristã	A história do povo hebreu-judeu e depois da própria humanidade cristã separa-se da história do cosmo.
Visão mecanicista	Construída no seio da cristandade ocidental. A noção de criação é a dessacralização radical do cosmo. O corpo humano, dos animais, o universo, não funciona diferente de um relógio feito pelo homem, agora senhor absoluto e possuidor da natureza.
Visão organicista contemporânea	Surge na primeira metade do século XIX, quando há o declínio mecanicista de natureza. O absolutismo e a certeza são contestados pela teoria da evolução das espécies, da relatividade, do princípio da incerteza, da biologia molecular. O ser humano percebe seu lugar no mundo.

Fonte: SOFFIATI, 1999, p. 97-118

Em suma, o estilo de vida humano está comprometendo o planeta Terra como demonstrado acima, em virtude da necessidade de sobrevivência dos homens e para o atendimento do sistema capitalista engendrado no mundo. O crescimento populacional parece ser o principal problema cuja solução é mais imediata, porém alguns fatores contribuem para dificultar tal processo. Quanto mais pessoas, mais desejo, mais se consome alimentos, energia, materiais e a vontade de ficarem aglomeradas em grandes centros. Mesmo que estes não tenham condições geográficas, físicas, políticas ou educacionais para contê-los da melhor forma possível.

Logo, segundo Dupas (2006), de pequenos grupos na pré-história a bilhões de seres humanos espalhados em nosso planeta atualmente, veio à tona uma procura nas mesmas proporções de recursos naturais que suprissem o progresso, havendo crescimento incontrolável do consumo e promovendo uma barbárie irrefutável. Pois, as ações dos homens para com a natureza, segundo Ferry (1994) é de tal ordem, que nos torna impossível na maioria das vezes aferirmos as conseqüências das decisões humanas.

Disto decorre que se tomarmos a noção de que todos são iguais perante a lei, idealizadas em vários segmentos da sociedade, que por isso mesmo todos têm direito a obter bens de consumo no mesmo nível dos mais ricos, que utilizem o mesmo poderio tecnológico disponível no mercado, todos estaríamos produzindo em grande escala a maior concentração de lixo em curto prazo jamais registrada no mesmo ambiente, gerando poluição e esgotabilidade dos recursos naturais disponíveis hoje na natureza.

Levando em conta o crescimento demográfico exagerado em várias nações do mundo, sobretudo as mais pobres; o uso indiscriminado dos recursos naturais como se nunca fossem acabar e ainda o consumo de materiais não renováveis e descartados na natureza, presume-se que o planeta não tem condições de suportar tamanho estrago. Com efeito, alude-se o fato de que há vários agravantes de toda ordem que somados promovem a certeza que estamos num processo quase irreversível de destruição da natureza, isto sem nenhum pessimismo, terrorismo ou sensacionalismo, mas com base apenas em fatos.

Vimos apenas alguns dos processos já consumados que provocaram danos irreversíveis ao meio ambiente em muitas partes da natureza, os quais o homem tenta desfazer nesse começo de século por meio de várias iniciativas em escala mundial. Devemos levar em consideração que isto se deve ao conhecimento adquirido ao longo dos séculos, o crescimento da economia em escala mundial e a forte influência da política, pois estas contribuíram para o que está acontecendo atualmente em todo planeta, uma vez que os homens tornaram-se mais poderosos conforme se avançou o aumento da tecnologia a níveis globais, provocando já no século XXI, os resultados mais fantásticos e atemorizantes dos últimos tempos (LEFF, 2006).

2.2 A CIÊNCIA PROMOTORA DOS AVANÇOS TECNOLÓGICOS.

O saber enquanto ciência emergiu na Grécia antiga²⁴, jamais se poderia objetar que todo o planeta padeceria justamente por sua má utilização. Desde então, passando do Ocidente para lado Oriental, vemos que já na China havia intensa produção de artefatos cerâmicos e de metal, bem como no mundo árabe o comércio intensificava-se como em toda a Europa. A partir do século XVI houve uma efervescência de conhecimentos antes só comparada à do mundo grego, pois apareceram diversas correntes de pensamento que alavancaram o progresso tecnológico existente. Num primeiro momento pode-se dizer que a Natureza começou a ser desvinculada da idéia romântica que a mantinha quase intocável para ser já na teoria de Francis Bacon objeto útil ao conhecimento humano (DIEGUES, 1996). Para Chauí (2000), Descartes abriu o caminho que ciência até então não conhecia, que os primeiros cientistas gregos apenas intuíram na busca de uma *Arké* imaginária, ou seja, buscar de forma confiante os elementos fundamentais que constituem a Natureza.

O gênio da ciência Isaac Newton já no século XVII descobriu e mediu a força gravitacional do sol e dos planetas conhecidos ao seu redor. Fahrenheit inventa o termômetro e mede a intensidade do calor pela primeira vez, sendo relevante para depois surgirem os instrumentos da indústria química. James Watt desenvolveu a força motora na indústria de algodão no início do Século XVIII, culminando na Revolução Industrial. Algum tempo depois seria o motor a vapor desenvolvido por George Stephenson que faria surgir a locomotiva e daria um salto gigantesco nas viagens de longas distâncias (CHAUÍ, 2000). Praticamente toda tabela periódica dos elementos químicos fora descoberta entre os séculos XVIII e XIX. Nomes como Lavoisier, John Dalton e Dmitri Mendeleiev foram os precursores de uma revolução na indústria química; as ondas de rádio tiveram com Marconi o impulso necessário para se tornarem numa das maiores invenções do homem em termos de comunicação.

Tantas descobertas em tão pouco tempo promoveram ao homem um poder jamais visto ou pensado em toda história da humanidade. O estudo das principais substâncias que compõem o universo trouxe benefícios variados em todas as áreas do conhecimento, porém o homem desde a sua tenra formação desenvolveu suas habilidades de caçador para se tornar o maior predador do reino animal. Segundo Dupas (2006) isto fez com que a mente brilhante do

²⁴ Examinando a surgimento da Filosofia na Grécia Antiga, Marcondes afirma que “[...] os diferentes povos da Antigüidade – assírios e babilônios, chineses e indianos, egípcios, persas e hebreus -, todos tiveram visões de natureza e maneiras diversas de explicar os fenômenos e processos naturais. Só os gregos, entretanto, fizeram ciência, e é na cultura grega que podemos identificar o princípio deste tipo de pensamento que podemos denominar, nesta fase inicial, de filosófico-científico” (2001, p. 19).

homem, desenvolvesse pesquisas, a exemplo da energia nuclear, que se bem usada pode ser benéfica para os seres humanos, mas seu uso em guerras como em Hiroshima, Japão, na segunda Guerra Mundial, mostrou ao mundo o poder avassalador do conhecimento e abriu a discussão quanto ao que queremos para a humanidade e para o planeta.

A economia de mercado dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, apoiadas na ânsia capitalista do enriquecimento a todo custo também é um empecilho ambiental, pois lançam diariamente em todo planeta toneladas de carbono, enxofre e fuligem na atmosfera. É preciso reduzir imediatamente o uso indiscriminado dos combustíveis fósseis no mundo todo, além dos governos dos países ricos propiciarem aos países pobres recursos para que se desenvolvam sem precisar extinguir suas reservas naturais (REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC, 2009).

O aumento da população e do consumo pessoal está na origem dos problemas ambientais, cuja solução é o grande desafio para cientistas e pesquisadores de todo o mundo civilizado, incluindo os ambientalistas, governos, ONG's e várias comunidades. O mau uso dos recursos naturais tem gerado poluição, destruição da camada de ozônio, sucateamento do solo, além de comprometer todos os ecossistemas existentes, ameaçando a fauna e flora de desaparecerem para sempre da face da Terra, inclusive a espécie humana.

Os usos indiscriminados das principais fontes de recursos naturais como o carvão mineral e o petróleo têm custado milhões aos países desenvolvidos e onerado a desigualdade social dos países mais pobres. Não bastasse isso, há a poluição do ar por conta da industrialização de produtos à base de Clorofluorcarbono, gás que destrói a camada de ozônio causando o efeito estufa; pelos gases que escapam das chaminés das indústrias; pelas queimadas e pela combustão de motores dos automóveis que trancam o trânsito das grandes cidades, todos juntos dão origem à questão ambiental (Op. Cit.).

Outros fatores agravantes advertem os pesquisadores, é o uso inadvertido de materiais pesados e extremamente poluentes como o mercúrio, o chumbo, o cézio e os mais variados tipos de agrotóxicos deixados pela indústria química. Na opinião de Jamieson pode ocorrer “[...] três amplos cenários que o futuro pode trazer: catástrofe ambiental; contínua e crescente desigualdade global e degradação ambiental; ou uma mudança do estilo de vida das pessoas mais privilegiadas do mundo” (2010, p. 301).

Moran (2008) aponta para a necessidade de que a questão ambiental está aos poucos sendo tema de debates em todo mundo e muitas escolas já estão implantando em suas grades curriculares o ensino obrigatório de Educação Ambiental. É evidente que a educação pode auxiliar a médio e longo prazo, mas o problema carece de medidas governamentais imediatas, pois o planeta já está sofrendo mudanças ambientais as quais são consideradas irreversíveis por muitos cientistas. Adverte Boff “[...] precisamos efetivamente de uma nova experiência fundacional, de uma nova espiritualidade que permite uma singular e surpreendente nova re-liquidação de todas as nossas dimensões com as mais diversas instâncias da realidade planetária, cósmica, histórica, psíquica e transcendental” (1996, p. 119).

O uso da técnica²⁵ alargou o âmbito da competência ética iniciando uma crise moderna entre a ciência²⁶ e os valores. Estas e a filosofia nasceram praticamente juntas e mantinham entre si uma relação de uso no sentido em que o fazer e o saber formassem um todo. Neste sentido, a civilização anda junto com a técnica e a ciência, as quais auxiliam o homem a suprir necessidades emergentes. Com o crescimento tecnológico se abriu a discussão para uma nova aceitação dos valores sociais, uma vez que o “progresso” envolve todas as culturas e a moral vigente não dá conta dos conflitos resultantes do imediatismo capitalista.

Sendo assim, as reflexões teóricas acerca da natureza e dos movimentos desses séculos sobre a exploração dos recursos naturais para servir ao capitalismo, na expressão de Moscovici histórica, pois a “[...] idéia de uma natureza histórica significa que existem escolhas, alternativas, que nenhum estado de natureza é independente da sociedade humana” (2007, p. 250), razão pelo qual a conscientização dos sujeitos favorece a busca de alternativas para minimizar as consequências dos agravos causados pelo homem à natureza. Pois,

compõe-se então um grande painel onde todos falam a mesma língua, onde a expressão ‘respeito à natureza’ [...] está à disposição dos bem-intencionados, onde a tentativa de efetivação deste respeito amarra a consciência e não permite a percepção do fato de que se está a usar esquemas viciados de compreensão da própria idéia de natureza (SOUZA, 1996, p. 152s).

²⁵ Em a Questão da Técnica (1953), Martin Heidegger (1889-1976), se aparta da representação “instrumental” da técnica e compreende a técnica como “a marca instrumental” do ser-no-mundo. Ao analisar a origem e a natureza da técnica moderna ele abre um caminho para profundas reflexões sobre a essência da técnica.

²⁶ Para Chalmers (1993) a ciência passou a ser um conhecimento livre de falhas, de subjetividade, de mitos e superstições, tornando-se necessária para as demais áreas do conhecimento se estas quisessem alcançar o status das ciências naturais.

Ferry afirma, que toda a “[...] valoração em relação à natureza é um fato próprio dos homens e que, portanto, toda ética normativa²⁷ é de certo modo humanista e antropocêntrica” (1994, p. 193) de tal forma que ela comparece nos discursos dos alunos do Curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal de Sergipe.

²⁷ Segundo Jamieson (2010) a inspiração por trás dessa idéia é a percepção de que a teoria moral se ocupa com quais espécies de coisas são boas, quais atos são bons e quais são as relações entre o certo e o bom. A ética prática estuda a avaliação de coisas particulares como boas e más e diversos atos ou práticas como certas ou erradas a teoria moral assume visão ampla e a ética prática visão restrita.

A cor brilha, e quer somente brilhar. Quando a analisamos em termos racionais, medindo suas ondas, ela já se foi. Ela se mostra somente quando se manifesta velada e inexplicada. Assim, a terra estilhaça toda tentativa de nela penetrar. Ela faz com que todo agir inoportuno e meramente calculador sobre ela se torne uma destruição. Essa destruição pode se apresentar sob a aparência do domínio e do progresso, na forma da objetivação técnico-científica da natureza, mas esse domínio permanece, entretanto, uma impotência da vontade (HEIDEGGER, 1971, p. 47).

CAPÍTULO 3

A VALORAÇÃO DA ÉTICA AMBIENTAL: CONCEPÇÕES

3.1 A ORIGEM DA ÉTICA

A origem da ética é facilmente reconhecível no plano teórico, sendo sua prática ainda restrita em grande parte ao domínio absoluto da filosofia grega. Esta nascida no alvorecer do despertar racional dos gregos do século V a.C, teve na verdade seu crescimento a partir da revolução científica engendrada por Galileu Galilei, Bacon e Descartes. Para Chauí (2000), os pré-socráticos foram os primeiros a questionar a origem das coisas sem que para isso recorressem aos mitos, a eles interessava apenas conhecer qual era o fundamento da matéria, qual o elemento primordial (*Arké*) do qual tudo era formado. Os mais destacados desses pensadores originários foram Tales (água), Anaximandro (infinito), Anaxímenes (ar), Heráclito (fogo) e Demócrito (átomo), entre outros. Algum tempo depois com Sócrates e Platão, o foco da filosofia grega passou da natureza para o homem, e com ele seus valores éticos e morais.

Em todos os tempos investigou-se de que maneira os primeiros pensadores intuíram a reflexão ética da cultura ocidental em paralelo à cultura oriental. Contudo, podemos assinalar que a ética tenha sido uma das primeiras preocupações do ocidente tendo como seu principal interlocutor, Sócrates. Por tudo o que se conhece da civilização grega em seus períodos áureos, sabe-se que hoje em dia a ética tem vários segmentos de raciocínio, sendo difundida de muitas formas, em especial a que é usada nas religiões, na poesia, na tragédia, na organização da vida política e noutras manifestações do pensamento que ocupam intenso significado para vida humana, animal e vegetal.

Assim, faz-se necessário diferenciar ética da palavra moral. A palavra Ética representa algo que tem inúmeras significações. É um vocábulo que permite ser interpretado de acordo com a cultura da região na qual é invocada. Isto posto, podemos definir a ética como sendo ocidentalmente, caráter ou índole, ou seja, como uma disposição fundamental de uma pessoa diante da vida. Enquanto a ética tem a ver com regras postas para todos nós que vivemos no interior da esfera pública; a moral tem a ver com as regras postas para nós em nossa vida individual, familiar, íntima – quando somos partícipes da esfera privada. Logo, a moral é o

campo em que dominam os valores relacionados ao bem e ao mal, como aquilo que deve ser buscado ou de que se deve afastar.

Ética vem da palavra grega *éthos*, a qual significava costumes e hábitos, podendo ser em outro contexto, acrescida da idéia de comportamentos associados ao temperamento. Sabemos que a vida individual e a democracia dos gregos em nada se parecia com a nossa. Eles viviam na *polis* e para a *polis* mantendo uma “unidade” com a cidade. Seus hábitos particulares, do âmbito privado, se fundiam com seus hábitos coletivos, sendo que suas regras de conduta coletivas e individuais se aproximavam muito. O temperamento, algo do indivíduo, seria o elemento diferenciador. Quando as pessoas passaram a viver em comunidades, necessitaram de regras bem definidas nas quais todos deveriam seguir, pois a obediência a tais leis determinava o tipo de moral de alguém.

O conteúdo dessas noções ganha espaço no interior de cada contexto social específico e varia enormemente de sociedade para sociedade, de cultura para cultura; a cada situação, intervêm interesses, estabelecem-se poderes, emergem conflitos. O que é importante enfatizar é que a moral é componente de todas as culturas e a dimensão dela está presente no comportamento de cada pessoa em relação com as outras, das culturas e dos povos entre si, num processo de valorização.

A ética está acima da moralidade²⁸, pois sua reflexão é a reflexão a respeito dela. Ela não tem um caráter normativo, pois, ao fazer uma reflexão ética, pergunta-se sobre a consistência e a coerência dos valores que norteiam as ações, busca-se esclarecer e questionar os princípios que orientam essas ações, para que elas tenham significado autêntico nas relações. Há uma multiplicidade de doutrinas morais que, pelo fato de serem históricas, refletem as circunstâncias em que são criadas ou em que ganham prestígio. Assim, são encontradas doutrinas morais cujos princípios procuram fundamentar-se na natureza, na religião, na ciência, na utilidade. Do ponto de vista ético nos ajudará a “[...] nos libertar dos estereótipos acerca da moralidade que nos impedem de refletir eticamente sobre muitos problemas graves de nossa era” (JAMIESON, 2010, p. 54).

²⁸ Para Jamieson a moralidade significa “[...] um sistema comportamental, com um certo tom apaziguador, que evoluiu entre determinados animais sociais com o propósito de regular suas interações” (2010, p. 54).

Da mesma forma como a cultura varia, as normas culturais também, a sociedade se estrutura de forma diferente. Os valores diferem de sociedade para sociedade. Numa mesma sociedade, valores diferentes fundamentam interesses diversos. No cotidiano estão sempre presentes valores diferenciados, e a diversidade pode levar, sem dúvida, a situações de conflito. A distinção que se faz contemporaneamente entre ética e moral tem a intenção de salientar o caráter crítico da reflexão, que permite um distanciamento da ação, para analisá-la constantemente e reformulá-la, sempre que necessário.

As pessoas são produtos da sociedade, por isso a ética se origina no meio social se transformando de acordo com os preceitos e os valores impostos. Muitas são as instituições responsáveis pela educação moral dos indivíduos: a igreja, a família, a política, o Estado, a família e a Escola. Ética é um termo que é constantemente usado na cotidianidade por todas as pessoas de todos os lugares, ou seja, em todo planeta. Por outro lado é difícil mesmo para aqueles que têm um amplo conhecimento dos termos definirem-na de forma adequada, pois parece que o que pode para uma pessoa ser um bem, para outra, ser um mal ou vice e versa.

Quando as pessoas passaram a viver em comunidades, necessitaram de regras bem definidas nas quais todos deveriam seguir, pois a obediência a tais leis determinava o tipo de moral de alguém (SANCHEZ, 2006). Portanto, tradicionalmente sabemos que viver de forma ética é viver de forma que nossa conduta moral não prejudique a vida do próximo, ou seja, uma ética que enfatize a formação do caráter, da prática da virtude e, principalmente em atitudes e bons hábitos, na “[...] possibilidade do homem atuar sobre a natureza, enquanto operador independente de qualquer sensibilidade e envolvimento” (MELO E SOUZA, 2007, p. 76).

A preocupação com a questão ética cresceu muito nos últimos anos em todos os países, sobretudo em relação à profissionalização de vasta mão de obra em todos os campos dos conhecimentos, de modo particular para aqueles que se encontram engajados no processo de formação para o exercício do magistério. O crescimento da sociedade brasileira em seu aspecto educacional tem requerido atenção por parte de vários estudiosos, principalmente se oriundos de demandas existentes no meio rural em que os níveis de qualificação para exercer a função do professor em escolas municipais são imprescindíveis, porque a sua grande maioria necessita ter formação, escolarização e, sobretudo, consciência do seu papel social para que sejam possuidores de uma ética profissional (SOARES, 2006).

Na contemporaneidade os níveis de desigualdades aumentaram substancialmente, inclusive em lugares cuja dimensão econômica possibilita que sujeitos ainda vivam numa condição de vida desumana e sem nenhum tipo de escolarização. Uma vez que se faz necessário que todos sejam dignos e possuidores de uma compreensão ética sobre a natureza e capazes de refletirem todas as dimensões da vida em sociedade, ou seja, de pensar as dimensões técnicas, econômicas, sociais, ambientais e humanas. Quanto a isso, Freire exorta que a “[...] desumanização e humanização não podem ocorrer a não ser na história mesma dos homens, dentro das estruturas sociais que os homens criam e a que se acham condicionados” (2001, p. 115).

3.2 UM NOVO SENTIDO ÉTICA

A ética tradicional por si só não consegue dar conta dos novos problemas e o homem diante da era tecnológica deve buscar uma alternativa que possibilite tomada de decisões cada vez mais urgentes, pois as consequências podem ser graves, não só para as gerações futuras, mas para nós próprios em curto período de tempo. No âmbito social, o indivíduo não tem mais o controle sobre os efeitos intencionais e colaterais de sua ação e isso é tão mais verdadeiro quanto mais complexa é a sociedade. Como a ética tradicional nos atribuiu consequências mais sérias, Bellino adverte que “[...] o universo da ética tradicional era, portanto, constituído pelos homens contemporâneos e limitado pelo arco previsível de suas vidas. O agir ético se realizava no âmbito da proximidade e da urgência. O alcance, os objetivos e as consequências da ação, determinados pela tecnologia” (1997, p. 61).

Com efeito, a técnica e a ciência, auxiliam o homem a suprir necessidades emergentes, cobrando para tanto um alto preço, pois o remete a uma crise de seus próprios valores induzindo a consumir, substituir objetos por outros de igual suprimento, mas ampliar oportunidades de possibilidades, a exemplo, a troca de celular, aquisição de materiais necessários. Isto provoca no homem mudanças impregnadas de novos valores de modo a ser necessária uma reviravolta no sistema ético vigente.

No âmbito das intenções e ações individuais, que não vai além das relações familiares e do círculo de amigos dos sujeitos, Hans Jonas (2006), propõe uma nova ética, baseada no

princípio responsabilidade, pois entende que somos todos responsáveis não só pela situação presente na qual nós e o próprio planeta estamos em perigo, mas também pelas gerações futuras que têm o direito de morar neste mesmo planeta.

Enquanto imperativo categórico da moral, o agir é o modo pelo qual o outro possa ser visto como um fim, e não como um meio (KANT, 2002). Se essa máxima fosse aplicada na relação homem-natureza, esta não seria apenas objeto a ser utilizado, mas como algo possuidor de valor intrínseco. Mas, não é isso o que acontece, estando aí os graves problemas ambientais para confirmar a tese de que, dentro de um modelo antropocêntrico, não é possível o surgimento de uma ética ambiental, sendo necessária então uma nova postura frente aos problemas ambientais (COSTA, 2007). Os últimos séculos foram importantes no que diz respeito à qualidade vida, porém trouxe uma era de incertezas e de medo que põem em risco não somente a existência humana como o planeta em que vivemos.

Para os antigos, a potência humana era limitada ao mundo, hoje acontece o contrário segundo Jonas (2006), pois antigamente os bosques rodeavam as cidades onde homem interagia com a natureza harmonicamente, hoje a situação vive seu caráter inverso, pois é a natureza que fica concentrada nos bosques situados no meio das praças públicas, rodeados de civilização e tecnologia. O homem é objeto de sua própria tecnologia, logo tem o dever moral de proteger a natureza e esse dever aumenta na medida em que se sabe que podemos destruir a própria vida, pois a “[...] nossa capacidade de agir está nos empurrando para além dos confins de todos os sistemas éticos precedentes” (BELLINO, 1997, p.62).

Não obstante, a crise ecológica é também um sintoma da contemporaneidade do qual nos obriga a refletir sobre as ações na natureza. Pois, foram-se os tempos em que homens e mulheres viviam nas cidades e concentravam suas forças no puramente artificial sem se importarem com as conseqüências para o puramente natural. Porém, apesar de grandiosa, a natureza começa a apresentar sinais de cansaço e urge medidas de conservação sem precedentes, devendo encontrar um sentido ético que suporte as atuais demandas, ou seja, uma ética com ênfase na formação do caráter, na prática da virtude e, principalmente, respaldada em atitudes e bons hábitos.

Em busca de um novo sentido ético, muitos pensadores abordaram o tema. O americano Aldo Leopold (há mais de 40 anos) escreveu sobre a necessidade de uma nova ética, salientando uma “[...] ética para lidar com a relação do homem com a terra e com os animais e plantas que nela crescem” e ainda pensar numa ética dentro dos “[...] limites da comunidade para incluir o solo, a água, as plantas e os animais, ou coletivamente a terra” (Apud SINGER, 2002, p. 133).

As devastações, as guerras têm assolado a humanidade aniquilando a vida e destruindo a vida na natureza, com violência física e simbólica, desconhecendo a dignidade humana e o direito do outro. O pressuposto para obtermos uma nova ética voltada para a sustentabilidade²⁹ é uma ética voltada para uma cultura ambiental de consumo sustentável; de uma sociedade mais consciente da importância dos sujeitos resolverem seus conflitos por meio do diálogo. Pois, somente um juízo moral pode dirimir e superar as controvérsias entre juízos racionais igualmente legítimos no uso da natureza sem, no entanto por em risco a sua existência.

A função da inteligência humana não é só a de raciocinar logicamente, conhecer e criar produtivamente, mas também de orientar sabiamente o comportamento e dar sentido à vida. Estas são funções éticas do bem viver. Neste sentido, a ética enaltece a razão na medida em que esta olha a natureza como sendo o outro. A dignidade, a identidade e a autonomia das pessoas, bem como a consciência da existência de vidas sencientes, biológicas e ecocêntricas aparecem como direitos fundamentais do sujeito e da natureza para existir e serem respeitados.

A degradação socioambiental, a exemplo da perda de fertilidade do solo, marginalização social, desnutrição e outras tem sido resultado de práticas inadequadas com o uso do solo e que se reveste numa problemática para o futuro, pois “[...] as transformações ambientais futuras dependerão da inércia ou da transformação de um conjunto de processos

²⁹ Nessa perspectiva, Bartoholo Jr e Burszryn afirmam ser necessário tomar “[...] decisões em consonância com o princípio ‘sustentabilidade’, pois, são decisões éticas que contribuem para a manutenção e aperfeiçoamento de sistemas de sustentação da vida. O fortalecimento de códigos de conduta e diretrizes para a comunidade científica e tecnológica contribui decisivamente para a consciência ambiental e o desenvolvimento sustentável. Para que sejam eficazes no processo de tomada de decisões, esses princípios, códigos de conduta e diretrizes, devem, não apenas, ser produto de um acordo interior à comunidade científica e tecnológica, mas também receber o reconhecimento de toda a sociedade” (2001, p. 183-184).

sociais que determinarão as formas de apropriação da natureza e, suas transformações tecnológicas através da participação social” (LEFF, 2007, p. 111).

Torna-se urgente que os sujeitos possam aprender a entender a complexidade da condição humana e de suas relações com a natureza numa direção que impulsiona para uma mudança de paradigmas em que se possa olhar adiante, refletir sobre os desafios e alternativas significativas para a humanidade e para o planeta e assim desenvolver atitudes de uma ética ambiental como sendo “[...] um conjunto de condutas normativas que têm por finalidade a articulação dos homens com a natureza ou natureza e cultura” (SIQUEIRA, apud MELO E SOUZA, 2007, p. 31).

Para tanto, é preciso problematizar continuamente as ações que melhor se adaptem à realidade nessa contemporaneidade, numa dimensão ética que se evidencia num processo em construção respeitando a natureza de modo a produzir com sustentabilidade. As soluções adequadas deverão ser estudadas em conjunto, num processo em que participem todos os intervenientes, nomeadamente nesta pesquisa os trabalhadores que se encontram em áreas de assentamento, pois os sujeitos ao conquistarem seu espaço dimensionam as formas para melhor organizar e enfrentar os desafios em níveis das relações sociais e também ambientais. Assim, podemos ensejar por uma ética ambiental quando são levados a desrespeitar áreas preservadas ao extrair plantas essenciais para sobreviver.

3.3 AS PRIMEIRAS CONCEPÇÕES DA ÉTICA AMBIENTAL

Uma das razões de se refletir sobre uma ética para o meio ambiente é que nossa relação com a natureza entrou em crise há muito tempo. Isto por que os interesses econômicos das nações predominam sobre os ecológicos. O mundo mudou significativamente, contudo conhecer os dados que atestem esta afirmação não basta para modificá-los. É preciso mudar nossa atitude em relação ao meio ambiente, isto implica que temos que mudar a nós próprios antes de qualquer coisa, uma vez que são nossas carências individuais e coletivas, nosso estilo de vida e comodidade tecnológica que está causando danos irreversíveis a natureza. Neste sentido a ética ambiental tratará de forma racional os principais problemas relacionados ao meio ambiente.

A Ética ambiental surge em meados do século XX, impulsionada principalmente pela necessidade de responder a dois importantes desafios colocados pelo antropocentrismo tradicional. Em primeiro lugar, as reivindicações de superioridade moral, sem quaisquer reservas manifestadas por seres humanos para os membros de outras espécies. E em segundo lugar, a possibilidade de encontrar argumentos racionais que permitem atribuir valor intrínseco ao ambiente natural e ao não humano. Com base nestas duas referências, gradualmente, começou a tomar forma um processo crucial para o impacto exercido por ações humanas sobre o meio ambiente e de um repensar sobre a maneira pela qual os homens contemporâneos compreendem a sua relação com a natureza, mediado pela tecnologia. Isso foi feito explicitamente pela primeira vez pela necessidade de incentivar uma atitude reflexiva, capaz de enfrentar a ameaça galopante contra a (*Hybris*), vida, em todas as suas manifestações.

Entre os trabalhos pioneiros que criaram esta nova sensibilidade para a crise ambiental emergente, citamos o famoso *Silent Spring*, *Primavera Silenciosa*, publicado em 1963 por Rachel Carson, texto de uma série de artigos publicados anteriormente na revista *The New Yorker*, que abordam a forma como certos pesticidas agrícolas (DDT e alguns outros) acabaram definitivamente se infiltrando na cadeia alimentar, afetando o ambiente e a saúde humana. Posteriormente, em 1968, Paul Ehrlich publicou *The Population Bomb*, que advertiu que o crescimento excessivo da população humana ameaça a viabilidade dos sistemas de apoio à vida do planeta. Estas e outras obras de tempo que foram resumidos no clássico de investigação, liderado por Dennis Meadow no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, que conduziu, em 1972, a *Limits to Growth*, um relatório que refletiu as preocupações levantadas durante a década anterior e responde desta forma a nova sensibilidade ambiental e, em seguida, um forte incentivo para as primeiras imagens da Terra tomadas pelos satélites.

No entanto, grande parte do impulso do trabalho de tema ambiental inspira-se no trabalho do renomado conservacionista Aldo Leopold, que alertou anteriormente (em 1949) para adoção de uma "ética da terra" em *A Sand County Almanac*, cujas principais preocupações foram motivadas pela necessidade de fornecer mais respostas para os problemas éticos e estéticos, os problemas da natureza, rejeitando qualquer perspectiva de um valor puramente econômico de objetos naturais. A abordagem fundamental da Leopold foi baseada em três idéias principais: a Terra é uma comunidade de organismos vivos; a Terra foi feita de amor e respeito; e a Terra proporciona uma colheita da cultura. Com efeito, desde aquela

época até hoje, as implicações e ressonâncias deste movimento não pararam e os subseqüentes teóricos do pensamento ético ambiental têm levado a uma abundante literatura, chegando a tornar-se um tema incontornável das preocupações filosóficas de hoje.

Por outro lado, a confluência dos debates éticos, políticos e jurídicos no que diz respeito aos problemas do ambiente provocada durante os anos 70, gerou um debate interessante entre grupos ambientais e outros moderados extremos. Subjacente a estas divergências há uma distinção sobre ecologia profunda introduzida pelo filósofo norueguês Arne Naess, considerado por alguns um verdadeiro profeta da ação dos militantes do ambientalismo. Surge também uma idéia do filósofo Bryan Norton, dos Estados Unidos, de que a política ambiental deve ser respaldada com base em uma ampla e extensa revisão do antropocentrismo, onde os valores humanos das gerações atuais e futuras gerações também serão considerados, apelando aos filósofos que possam aderir a um antropocentrismo conservador, embora "fraco", baseado nas políticas ambientais em todo o espectro do material humano, científico, estético, e valores espirituais, tanto da atual geração como das próximas.

Neste sentido, segundo esta linha de pensamento, uma perspectiva antropocêntrica refinada seria mais que suficiente para os efeitos práticos, e ainda mais eficazes do que qualquer teoria pragmática não-antropocêntrica em conseguir resultados, especialmente em termos de formulação de políticas, dado o pesado fardo de prova que recai sobre esta última que tem de fundamentar a sua opinião de que o ambiente não-humano tem valor intrínseco. A partir de uma visão crítica dessa corrente específica, muitos têm apontado que o antropocentrismo radical ou não se tornou a principal causa da atual crise ecológica, entretanto, seus defensores argumentam que historicamente o fato de exaltarem a figura de homem, de modo algum legitima a progressiva destruição do meio ambiente. Neste contexto, por vezes, tem sido alegado que as raízes históricas da destruição ambiental seriam encontradas no pensamento cristão, pois seria este que teria incentivado a super exploração da natureza para afirmar a superioridade do homem sobre todas as outras formas de vida, e que estas representavam todo o ambiente natural como se tivesse sido criado para o uso livre do homem.

No entanto, clarificar as definições ou características da ética relativa às questões que afetam o ambiente natural não é simples, uma vez que o horizonte da reflexão filosófica contemporânea tem variadas perspectivas. Portanto, a tentativa de chegar a uma compreensão

adequada do que poderia ser definido como "ética ambiental" exige o reexame das numerosas questões preliminares.

Com efeito, vários pensadores, biólogos, ecologistas e filósofos têm publicado diversas obras retomando a relação homem/natureza que estacionara nas bases do pensamento judaico-cristão, onde se encorajava explorar a natureza sem medidas devido à “superioridade” dos seres humanos sobre todas as formas de vida existentes no planeta, delas utilizando-se ao seu bel prazer. Assim, nas décadas posteriores o tema ambiental ganhou relevância mundial e diversos grupos foram formados, desde ecologistas a partidos políticos preocupados com a situação planetária, chamando atenção para trabalhos no campo científico-ecológico acerca dos crescentes impactos que o progresso econômico dos países desenvolvidos provoca aos ecossistemas da terra.

3.4 PRINCIPAIS VERTENTES DA ÉTICA AMBIENTAL

Os últimos séculos foram importantes no que diz respeito à qualidade vida, porém trouxe uma era de incertezas e de medo que põem em risco não somente a existência humana como o planeta em que vivemos. Neste sentido, a ética enaltece a razão na medida em que esta olha a natureza como sendo o outro. A dignidade, a identidade e a autonomia das pessoas, bem como a consciência da existência de vidas sencientes, biológicas e ecocêntricas aparecem como direitos fundamentais do sujeito e da natureza para existir e serem respeitados. Assim, outras questões se fazem presente para entender as principais vertentes ideológicas da ética tais como o antropocentrismo, o sensocentrismo³⁰, o biocentrismo³¹ e o ecocentrismo³², de modo a compreender o pensamento e concepções da ética prática.

É importante ressaltar que uma questão que intriga muitas pessoas ao pensarem em adotar uma perspectiva ética para direcionar o curso de sua existência e orientar as decisões que acabam se tornando ações, que, por sua vez, acabam por interferir nos propósitos de outros seres vivos, é o fato de que cada pessoa tem sua ética. Esta independe de teoria,

³⁰ O sensocentrismo é uma formulação ética em que todo ser merece respeito moral. É uma extensão da consideração moral a todos os indivíduos que são sujeitos de danos, a exemplo da realização dos experimentos conscientemente.

³¹ O biocentrismo (do grego βίος, bios, "vida"; e κέντρον, kentron, "centro") É um termo que apareceu para designar uma teoria que afirma que todo ser vivo procede do centro da terra, do antigo Deus grego "Centla". O termo foi desenvolvido por Centrico de Atenea junto a Biosni de Aquino na escola de Salamanca.

³² O ecocentrismo é uma corrente filosófica que surgiu no final do Século XX, praticamente com a concepção de desenvolvimento sustentável. Essa corrente de pensamento se ocupa das ações do indivíduo no centro do meio ambiente sobre todas as coisas. É característico do movimento ecologista.

conceitos e estudos. A ética de cada um é implícita no modo de vida que levam desde o nascimento até a fase adulta, são as particularidades do entorno vital que permeiam a direção ética a ser tomada.

Isto quer dizer que cada pessoa tem uma perspectiva moral própria, pois está acostumada, ao modo do que aprendeu na família, na escola e na vida social com suas regras, a fazer as coisas de certo modo, julgando que este é o único modo certo de se fazer essas coisas. Mas, para dizermos que um determinado costume é ético, ou não, não basta recorrermos à natureza dessas práticas, nem à tradição que as disseminou. Para Kant (1985) existe o princípio universal que o sustenta e este deve ser reconhecido como válido para qualquer agente moral, que, ao segui-lo, não pode violentar sua natureza racional. Primeiro, é preciso que seja reconhecido como bom por qualquer pessoa capaz de ser razoável na elaboração de um juízo moral. Precisa ainda ser um princípio geral, quer dizer, que sirva para iluminar nossos juízos nos casos mais diversos. Precisa também ser imparcial, para evitar que um juízo moral seja contaminado por interesses pessoais ou subjetivos. E precisa ser apto a promover o bem daqueles que forem afetados pela decisão moral.

3.4.1 O Antropocentrismo

Na ética prática contemporânea temos quatro tendências bem definidas, cada uma delas elaborada a partir de um núcleo, um âmbito de interesse julgado digno de consideração e respeito moral. As perspectivas antropocêntricas estabelecem os deveres morais positivos e negativos tendo em vista o bem dos seres humanos, colocado no centro e acima do bem de qualquer outro ser vivo. Por isso a designação “ética antropocêntrica”. Essa ética, ao engrandecer a natureza humana, afirma que os interesses e propósitos humanos estão acima de quaisquer interesses ou fins de quaisquer indivíduos de outras espécies nesse planeta, coloca em segundo plano, para não dizer, em último lugar, os interesses de todas as demais espécies de vida.

O filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), no século XVIII, vislumbrou uma oportunidade de fundamentar uma ética baseada na liberdade e na autonomia do sujeito. O indivíduo deveria buscar em sua própria razão as regras do que é certo e justo e fundar nelas a sua conduta moral. Esta ética Kantiana fundamenta-se no indivíduo para alcançar a humanidade como um todo. Porém, o desenvolvimento da sociedade capitalista fundamenta-

se também sobre preceitos morais individualistas e tenta alcançar o maior número de pessoas em diferentes nações, pois incentiva a competição desenfreada entre as pessoas, gerando por sua vez uma contraposição à ética universal.

A maioria dos textos citados na extensa bibliografia da ética ambiental quer queira ou não tem uma perspectiva antropocêntrica. Contudo, a ação antropocêntrica causou efeitos muitas vezes mais mortais e destrutivos que os naturais, o que levou cientistas, ambientalistas e pensadores dos mais diversos segmentos e correntes a desviarem sua atenção para o perigo que nossas aspirações capitalistas vêm fazendo ao planeta. O antropocentrismo é entendido como a idéia de que os interesses, bens e valores humanos são prioritários sobre a natureza, uma vez que o homem é o agente de todo valor moral.

No antropocentrismo, o ser humano é o único ser dotado de valor intrínseco, logo as outras espécies gozam apenas de valor econômico, ou seja, são considerados propriedades e recursos de utilidade. A esta concepção dá-se o nome de antropocentrismo forte ou radical, pois procura distinguir os seres humanos do mundo natural, pois estes possuem alma, linguagem e racionalidade. Da mesma forma, índios, negros e mulheres por muito tempo foram excluídos do meio social “inteligente”, pois eram considerados inaptos racionalmente para tomar decisões. Por isso, os animais, plantas e toda forma de vida não sencientes no enfoque antropológico radical não gozavam de atenção por serem destituídos de moral.

Ao sofrer duras críticas de ambientalistas e das comunidades organizadas buscou-se fundamentar um antropocentrismo moderado, ou seja, centrado no ser humano, sem, contudo excluir os seres não humanos. Busca dar condições iguais mulheres, índios e negros, bem como procurar uma interação mais harmoniosa com as outras formas de vida. Propõe que somente os homens são moralmente importantes, fazendo com que a natureza e os seres vivos sejam preservados e protegidos com finalidade de ser útil em algum momento.

A ação antropocêntrica carregou efeitos mortais e destrutivos, o que levou pesquisadores, ambientalistas e pensadores das diversas correntes a desviarem sua atenção para a retomada de uma nova atitude ética frente a tudo que está ocorrendo, ou seja, estarmos imbuídos de uma ética ambiental, como assinala Leff “[...] a ética ambiental rompe, assim, os esquemas de racionalidades fundados na verdade objetiva e abre perspectivas de uma nova racionalidade na qual a vida possa se reencontrar com o pensamento e a razão amalgamar-se

com o sentido da existência (2006, p. 271).

3.4.2 O Sensocentrismo

Houve desde o século XVIII argumentos contrários a ética antropocêntrica, ao propor que a moralidade humana fosse julgada a partir do modo como os humanos tratam qualquer ser capaz de sentir dor e de sofrer. Ancorado nessa crítica ao antropocentrismo, o filósofo australiano Peter Singer propôs, na década de 70 no século passado, uma ética cuja finalidade seria nortear as ações humanas evitando danos ao bem-estar ou destruição da vida de qualquer ser senciente. Na esteira desse filósofo, a ética sensiocêntrica segue em franco desdobramento ao redor do planeta nos últimos 30 anos. Se a dor humana merece consideração, pelo efeito devastador que tem sobre a existência de quem a sente, o mesmo merece a dor de qualquer animal. Dor é dor. Respeito pela dor não pode ter viés especista³³. A ética sensiocêntrica alargou enormemente o âmbito da moralidade humana, ao incluir no rol da consideração todos os animais capazes de sentiência.

O Sensocentrismo³⁴ parte do princípio de que um ente para ser considerado moralmente basta ter sensibilidade. Isto força os seres humanos a reconhecerem que todas as espécies sencientes, ou seja, que sentem dor, tem e merecem gozar dos mesmos privilégios que a raça humana. Peter Singer é o principal idealizador desta ética cujo objetivo é evitar dor e desconforto aos animais. Pois se o homem não suporta sentir dor, o mesmo direito deve ser dado a animais indefesos evitando seu sofrimento. De modo prático, os animais ao sofrerem merecem a mesma atenção que um ser humano que sofre na mesma proporção, sendo a preservação da vida o maior objetivo. Pois,

A razão mais óbvia para se valorizar a vida de um ser capaz de sentir prazer ou dor é o prazer que ele pode vivenciar. Se valorizamos nossos próprios prazeres – como os prazeres de comer, de manter relações sexuais, de correr em alta velocidade, de dar um mergulho num dia de calor – então o aspecto universal dos juízos éticos exige de

³³ Segundo Costa o “[...] especista é aquele que tem tendência em favor de membros de sua espécie, contra os membros de outra. No âmbito de uma ética ambiental, o especista é acusado de derivar a moral a partir da pertença a uma espécie (*Homo sapiens*), não sendo essa sua posição justificada, e sim arbitrária. Na visão especista, são ignorados os interesses de certos grupos a favor do grupo dominante” (2007, p. 155-156).

³⁴ O sensocentrismo se encontra “[...] cada vez mais disseminada dentro do senso comum, por ver muitas criaturas assemelhadas aos seres humanos, em seus estados de consciência. Isso porque essas pessoas estão baseando a significação moral desses animais a partir de interesses e preferências – e isso fica no âmbito metafísico, e não na racionalidade da linguagem discursiva. Funda-se, então, em algo que parece evidente: a capacidade de sentir dor do indivíduo” (COSTA, 2007, p.170).

nós a extensão da avaliação positiva que fazemos de nossa própria experiência desses prazeres às experiências equivalentes de todos os que são capazes de tê-las. Mas, a morte é o fim de todas as experiências prazerosas; então o fato de que os seres irão experimentar prazer no futuro é uma razão para se dizer que seria errado matá-los (SINGER, 2002, p. 178).

3.3.3 O Biocentrismo

Paul Taylor publicou um livro, em 1986, intitulado *Respect for nature* (Respeito à natureza). Da tradição antropocêntrica, mais especialmente do modelo kantiano da ética para humanos, Taylor adota o conceito de valor inerente e a tese de que compete a agentes morais racionais elucidar conflitos morais, quando interesses de diferentes sujeitos estão em jogo. Mas, ao contrário da proposta antropocêntrica, Taylor não admite que a solução de qualquer conflito moral tenha somente em conta os interesses do agente humano. Por outro lado, o critério da inclusão na consideração de interesses de seres dotados de senciência, conforme o propõe Singer, também não basta para nos orientar na solução dos conflitos e superação de dilemas quando estão em jogo interesses de seres de diferentes espécies, humanos, animais não humanos e plantas, por exemplo, pois estas, até onde os conceitos filosóficos conseguem alcançar, não seriam dotadas de senciência nos termos psicológicos nos quais o conceito é firmado.

Finalmente, reconhecer, como o faz a ética ecocêntrica, que apenas as espécies contam, podendo-se exterminar a vida de todo indivíduo animal, quando incomoda ou atrapalha a vida de alguma espécie, também não parece a Taylor uma proposta sensata, razoável e ética, pois a vida dos indivíduos importa, para eles, ainda que sua existência implique uma série de problemas para os que os cercam. Taylor, com sua ética biocêntrica, sugere que seja levado em consideração o valor inerente à vida de cada indivíduo, não significando isso que em hipótese alguma uma vida não possa ser eliminada. Mas a razão pela qual uma vida pode ser exterminada deve ser uma razão ética, descartando-se a hipótese de que interesses comerciais, estéticos, científicos ou de qualquer natureza antropocêntrica possam servir como pretexto para que tiremos a vida dos outros. Isso vale para humanos, animais e ecossistemas naturais. Por isso, a designação biocêntrica para tal proposta ética.

O Biocentrismo é a posição moral que considera relevante a vida em si mesma, ou seja, à margem da subjetividade de quem a vive e experimenta. Logo, todos os seres vivos

estão dotados de valor moral e devem ser respeitados porque devem ser observados fins biológicos. Enquanto o sensocentrismo busca o estatuto moral para os seres vivos sencientes, o biocentrismo tem como pressuposto ético a proteção de seres vivos não sencientes. Pois, uma planta deve seguir o curso biológico pelo qual a natureza determinou, levando em conta as tendências biológicas de todos os seres vivos, os quais merecem valor intrínseco.

Com efeito, segundo o biocentrismo, todos os seres vivos possuem o mesmo valor, não sendo os seres humanos superiores a nada, pois tudo tem um fim em si mesmo. Todavia, são os seres humanos os únicos dotados de razão a ponto de se conscientizarem que devem suprir suas necessidades sem esquecer a dos outros seres, fazendo com que todos tenham a mesma igualdade de condições de sobrevivência no planeta.

3.4.4 O Ecocentrismo

Enquanto a filosofia utilitarista, na qual está fundada a ética sensocêntrica, dava os seus passos largos para impedir que a ética antropocêntrica continuasse hegemônica no mundo ocidental, iniciava-se outro movimento de contestação ao antropocentrismo, dessa vez não privilegiando qualquer atributo mental, erro cometido tanto pelo antropocentrismo quanto pelo sensocentrismo, o primeiro privilegiando a racionalidade, o segundo a sensibilidade. Aldo Leopold, em 1949, inicia a escrita de uma concepção ética que abarca todas as formas de vida, sem discriminação de qualquer uma delas por ser dotada, ou destituída, de habilidades psicológicas. Para esse autor, seguido por Callicott e Holmes Rolston III, a ética deve nortear as ações humanas no sentido de que nenhuma delas implique destruição de qualquer espécie de vida.

A grandeza da ética ecocêntrica, conforme se denomina hoje essa perspectiva que deu origem à Ética da Terra e à Ecologia Profunda, está em incluir sem hierarquizar qualquer espécie de vida na consideração moral. O limite dessa perspectiva ecocêntrica é que ela não oferece recursos para dirimir conflitos ou superar dilemas morais quando os interesses de uma determinada espécie de vida se chocam contra os interesses de seres vivos individuais. A ética ecocêntrica não chega a lidar com dilemas morais.

O ecocentrismo é uma ética centrada em espécies e nos sistemas naturais. Nesta

categoria, o que deve ser considerado moralmente são as espécies, processos e sistemas naturais. Tanto os ecossistemas particulares, terrestres e todo o universo são levados em consideração. O ecocentrismo não foca o ser humano enquanto pessoa, mas pertencentes a um sistema, ou seja, a preocupação ética deixa de ser a vida humana para dar lugar ao ecossistema no qual ele pertence. Esta prevalência do processo sistêmico sobre o indivíduo ganha relevância por que é muito mais danoso nesta ética o desaparecimento de um ecossistema do que de uma pessoa. A natureza é supervalorizada nesta concepção em que alcança as fronteiras do espaço, sendo todo o universo alvo de estatuto ético. Para tanto, Costa afirma que o ecocentrismo

propõe o valor intrínseco de um sistema natural, e não do ser humano. Isso implica em interromper quase a totalidade de nossas atividades, como a agricultura (que pode ameaçar a integridade do ecossistema) ou até mesmo extinguir ou diminuir drasticamente a presença de humanos na terra, uma vez que temos práticas abusivas ao ambiente (COSTA, 2007, p. 168).

MOTO SERRA

Ouve-se um canto novo na floresta.
 Ecoam tristes na noite sombria
 Tristes preces de contentamento
 Vozes de últimas melodias

um Pássaro canta e não encanta
 a fauna, a flora, os curumins
 seu canto assombra a mata verde
 Moooooo to to to to to to to...

Um canto que não é mais do Uirapuru
 Ou da flauta quebrada do pequeno índio
 É um canto roço sem claves de sol
 E desprovido de notas musicais

Que Pássaro faz com tão triste canto
 Árvores, plantas e animais
 Não ouviram mais suas próprias vozes
 Moooooo to to to to to to to...

Silêncio na floresta...
 Não foi o Uirapuru que começou a cantar
 O Pássaro triste parou seu canto
 E uma árvore morreu por lá

Canta, canta Pássaro triste
 Para que se saiba que ainda existe
 Uma árvore a respirar

Canta, canta, Pássaro triste
 Chico Mendes ainda existe
 Em cada árvore que cai lá

Moooooo to to to to to to to...
 Moooooo to to to to to to to...
 Moooooo to to to to to Serra.

Edivânio Santos Andrade, 2000.

CAPÍTULO 4

A FORMAÇÃO COMO CONSTRUTO DA CONSOLIDAÇÃO DO PROCESSO PEDAGÓGICO NO MST

4.1 ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE A FORMAÇÃO DOS ASSENTADOS NO MST

Na perspectiva de abordar alguns dos aspectos implementados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) organização que aglutina trabalhadores rurais excluídos do direito de cidadão³⁵, com vistas a se organizar pela causa da Reforma Agrária, busca estratégias e mecanismos para a conquista de direitos sociais por meio de um processo de conscientização, em que ancorados no pensamento de Freire, ele afirma ser uma “[...] unidade pedagógica [em que] os agrônomos, os administradores, os planejadores, os pesquisadores, todos os que, finalmente, estejam ligados ao processo” (1983, p. 58) possam lutar pelos seus direitos.

O processo de organização social passa pela idéia de que cada sujeito estabelece relações entre si. E essas relações “[...] são marcadas por concepções de mundo e de sociedade, de poder, de interesses diferenciados, etc, o que torna os envolvidos distintos entre si” (OLIVEIRA, 1996, p. 287). Por conseguinte, o MST se afirma enquanto organização social porque visa no coletivo a interação entre os sujeitos para legitimar objetivos comuns: receber um lote para sobreviver e viver com dignidade e atingir seu processo de emancipação histórica ancorados em duas vias: “[...] a via econômica, traduzida pelo trabalho e pela produção, que pode garantir auto-sustentação; e a via política, traduzida pela formação da cidadania organizada, que pode garantir a autogestão” (DEMO, 1994, p. 26).

As reflexões acerca da desigualdade social³⁶ presente no contexto atual criam espaço de debate que desnudam as necessidades de mudanças, como também encontram alternativas viáveis mediante a incorporação de novos valores e uma consciência social para continuar a luta. Assim, encarar a desigualdade como um problema a ser enfrentado por todos mediante

³⁵ Pode ser interpretado como um sentimento de carência de direitos. Essa carência faz com que os sujeitos se tornem imbuídos de sentimentos que reforça a determinação de buscar valores perdidos (ou nunca adquiridos), de um lugar condizente de cidadão.

³⁶ Corroborando com Carter sobre a desigualdade social afirma que “[...] as barreiras à transformação social e política precisam ser atacadas por meio de pressão combinada, contundentes e disruptiva de baixo para cima. Aliada a um processo de negociação no topo, em energia social pode promover um ímpeto auspicioso para a inovação do Estado e a adoção de reformas progressivas” (2010, p. 517).

uma política social, ratifica-se na expressão de Demo como uma “política social autêntica” que implicam

compromissos evidentes de atingimento do espectro da desigualdade, reduzindo-o. Caso contrário, não será ‘social’. Daí decorre, primeiro, que política social carece ser preventiva, no sentido de ir às raízes do problema, evitando que se processe. Políticas curativas são inevitáveis diante da pobreza vigente, mas não debelam o mal, e podem, nessa insistência, incentivá-lo. Aparentemente, políticas preventivas podem parecer mais caras, porque implica inicialmente investimentos significativos (DEMO, 1994, p. 21).

A organização é importante, sobretudo, quando se faz necessário iniciar um processo de formação dos assentados de modo consciente de sua ação nos espaços de assentamento, aprendendo a conviver com o coletivo e ser capaz de legitimar a força que têm por meio da organização social. Na expressão de Caldart esses níveis de organização se caracterizam como um processo que tem “[...] uma dimensão educativa muito importante porque, à medida que se flexibilizam as formas e os momentos de concretização dos princípios e das linhas de ação (2000, p. 84) no assentamento. E ainda com base em princípios orientadores, a saber:

Trabalhamos por uma identidade própria das escolas do meio rural, com um projeto político-pedagógico que fortaleça novas formas de desenvolvimento no campo, baseadas na justiça social, na cooperação agrícola, no respeito mútuo ao meio ambiente e na valorização da cultura camponesa (CALDART, 2004, p. 429).

Para tanto, a existência dos espaços interativos é que se configura fundamentalmente um processo formativo “[...] de construção do conhecimento, na formação dos assentados, e para o avanço da organização do movimento social. Pois é também nesse espaço, onde se desenvolvem as relações, articulações e alianças” (FERNANDES, 1996, p. 223). Objetivando minimizar as desigualdades sociais presentes na contemporaneidade e formar assentados “[...] plenos de seu processo de capacitação e construção de um novo projeto de sociedade” (MOVIMENTO..., 1994, p. 09); assumindo, portanto, princípios filosóficos que garantam o fortalecimento da educação para a “[...] transformação social; educação para o trabalho e a cooperação; educação voltada para as várias dimensões da pessoa humana; educação com/para valores humanistas e socialistas; educação como um processo permanente de formação/transformação humana” (Op. Cit., p. 10) e, ainda, as problemática ambiental nos espaços de assentamentos.

A formação dos filhos dos trabalhadores rurais sem terra do MST possui um aspecto relevante para a organização tendo em vista atingir objetivos organizativos para a convivência entre os assentados, uma vez que necessitam entender a lógica para sobreviver com dignidade nos espaços de assentamento e partilhar no coletivo os problemas, os limites e desafios no espaço conquistado. Assim, o MST promove formação geral em encontros promovidos pela Diretoria como uma forma de atualizar e capacitar os trabalhadores rurais sobre questões da atualidade. Conforme salienta Soares nesse processo

há um diferencial significativo com proposições coerentes com a realidade, possibilitando uma formação-escolarização que garanta o fortalecimento e o desenvolvimento nas áreas de assentamento, potencializando assim assentados para o desempenho de funções em áreas de Reforma Agrária, partilhando valores culturais e experiências práticas de forma dialógica entre seus membros (SOARES, 2006, p. 84-85).

Desta forma, a partir de 1986, em âmbito nacional, o Setor de Educação do MST começou a estruturar-se no Rio Grande do Sul e mais efetivamente quando se realizou o 1º Encontro Nacional do Setor. O Coletivo Nacional de Educação foi constituído em 1988 e se propôs a “[...] formular uma proposta pedagógica transformadora, que rompesse com a histórica negação da cultura rural na escola, fomentando seu enraizamento no campo e na luta pela terra” (DI PIERRO, 2000, p. 76). A partir de 1990, o movimento em convênio com entidades religiosas e educacionais inicia uma proposta de cursos de magistério com a finalidade de superar as necessidades nos assentamentos, como também a localização urbana desses cursos. Para tanto, a estratégia encontrada foi

Dividir o tempo da formação entre o local da escola e o lugar de trabalho, onde os futuros professores realizam tarefas, teóricas e práticas, referentes às diversas disciplinas escolares. Essa preocupação é tão importante para o MST. Foi criada inclusive uma ‘escola itinerante’, que acompanha as crianças dos acampamentos conforme a necessidade da luta pela terra as obriga a mudar de lugar (KULESZA, 2008, p. 301).

Em 1995 é criado o Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA), destinado inicialmente para a formação de técnicos agrícolas para atuar nos espaços de assentamentos. Foi criada nessa época a Associação Nacional de Cooperação Agrícola (ANCA) e a Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil (CONCRAB), com a finalidade de atender as demandas de formação e escolarização dos trabalhadores envolvidos no movimento em todo o país. A unidade de atuação é a Escola José

de Castro, localizada no município de Veranópolis – Rio Grande do Sul. Esse Instituto objetiva

promover o desenvolvimento rural e a melhoria das condições de vida da população camponesa por meio das seguintes ações: capacitação de assentados da Reforma Agrária e de pequenos agricultores, nas diversas áreas do conhecimento técnico e científico, estimular e apoiar a cooperação e as formas associativas de organização da produção; incentivar e promover a agroecologia. Promover pesquisas e estudos que visam contribuir para o desenvolvimento dos assentados, promover e propiciar o acesso a escolarização em todos os níveis (REVISTA SEM TERRA. Out/Dez, 2003, p. 53).

Várias atividades formativas foram desencadeadas por todo o Brasil e no ano de 1997, as primeiras turmas de cursos superiores em Pedagogia, desenvolvidas em convênio com a Universidade de Ijuí, a Universidade Federal do Espírito Santo e a Estadual de Mato Grosso. O Curso de Magistério em nível médio, com a Universidade Federal da Paraíba e a Universidade Federal de Sergipe, o curso de supletivo da 5ª a 8ª série do ensino fundamental e outros que foram sendo conveniados como Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA³⁷) na maioria dos Estados brasileiros.



Figura 2 Alunos em atividades para o início das aulas na Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE. Arquivo pessoal, outubro, 2010

Importa destacar o papel que as universidades devem assumir frente a promoção de cursos dessa natureza para a formação dos trabalhadores rurais – assentados ampliando níveis de escolarização de modo a se engajar em ações com organizações sociais na possibilidade de atender a demanda; ser um *lócus* onde podem ser buscados as soluções dos problemas da

³⁷ É um Programa de Educação de trabalhadores (as) das áreas de Reforma Agrária que tem como objetivo geral: Fortalecer a educação nas áreas de Reforma Agrária, estimulando, propondo, criando, desenvolvendo e coordenando projetos educacionais, utilizando metodologias voltadas para as especificidades do campo, tendo em vista contribuir para a promoção do Desenvolvimento Sustentável (PRONERA, Manual de Operações, 2004, p. 12). Este programa estimulou o estabelecimento de inúmeras parcerias com os movimentos sociais no campo e o MST em parcerias com os órgãos governamentais visando ao desenvolvimento de projetos de educação em todos os níveis de ensino

sociedade em geral, e apontar os caminhos para que se consiga pensar na solução planetária (RIOJAS, 2003) mediante a produção do conhecimento. Pois,

A educação, em especial a universitária, que possui a missão de formar profissionais para o mercado, deve considerar [a natureza] como algo essencial para que se consiga superar a crise planetária. É necessário que os professores universitários [e da educação básica] sejam formados com bases que estejam além da mera memorização de conteúdos ecológicos. Estes educadores, trabalhando de maneira interdisciplinar, devem possuir uma formação que lhe dê condições de refletir sobre conceitos, valores, e atitudes que possam contribuir para a real conscientização da sociedade com relação às questões do meio ambiente (GUIMARÃES; TOMAZELLO, 2003 Apud LEANDRO; COSTA, 2008, p. 50).

Neste sentido, considerar-se-á a universidade como um local de reflexão sobre a resolução da problemática ambiental, articulada a uma ética ativa para a construção do conhecimento. Para Riojas (2003) a universidade não tende a simplificação e ao pragmatismo em sua estrutura, mas, formar assentados em que se cultive o desejo da investigação sobre a realidade de modo a que leiam toda a complexidade das relações sociais, ou seja,

proceder reais mudanças no que diz respeito aos seus hábitos, valores e atitudes, para que seja possível a continuidade da manutenção da vida neste planeta. O graduando deve deixar de lado a ética utilitarista antropocêntrica onde predomina o domínio do humano sobre a natureza e abraçar uma ética ecológica/ambiental envolvida e preocupada com as obrigações, os direitos e as responsabilidades (LEANDRO; COSTA, 2008, p. 53).

Com essa perspectiva, cursos, conferências, seminários, simpósios e encontros são promovidos como uma forma para suprir a formação. Loureiro (2004) afirma que as universidades brasileiras não apresentam ações de caráter institucional, apenas há existência de alguns núcleos por iniciativa de professores envolvidos com as questões ambientais, o que nos alerta para a necessidade de consolidar na universidade em nível de graduação a formação de futuros profissionais com uma visão global de mundo com habilidades e objetivos de: articular, contextualizar, refletir e situar-se criticamente num determinado contexto socioambiental; promover cursos em parcerias com organizações sociais, ao implantar cursos de caráter especial na possibilidade de suprir demandas e reivindicações sociais.

Como exemplo, podemos citar o Curso de Magistério desenvolvido com o MST, o qual privilegia as dimensões: formação técnico-profissional, formação política e formação cultural. Essas estão inter-relacionadas entre si, o que permite “[...] uma intencionalidade pedagógica diferenciada [...] com todos os limites e potencialidades que esta condição

implica” (CALDART, 1997, p. 113-114). Sobretudo, quando esses cursos são promotores dessa formação-escolarização em todos os níveis, pois na concepção de Soares (2006) as instituições de Ensino Superior em parcerias com o MST, PRONERA e outros organismos governamentais e não-governamentais têm contribuído significativamente para a concretização dessa ação nas áreas de assentamento.

Com efeito, cursos são promovidos como meio de qualificar e formar trabalhadores, a exemplo do Curso de Pedagogia da Terra, pois este vem atender a uma demanda para

assegurar profissionais com formação e titulação adequados às características e aos desafios da realidade do campo, para atuarem na escolarização de educação infantil até o ensino médio nas áreas de assentamentos rurais [...] suprir uma deficiência histórica no meio rural, possibilitando ao ensino superior aos jovens do campo (ANDRADE; DI PIERRO, 2004, p. 74).

Em relação a outros cursos, em particular os que se referem à educação de jovens e adultos para as áreas de assentamentos, o Coletivo Nacional iniciou na década de 90 do século passado uma discussão para a implementação de uma campanha nacional de alfabetização envolvendo brigadas juvenis capacitadas pelo DER/FUNDEP em diversas regiões do Rio Grande do Sul. O Setor de Educação do MST desencadeou um movimento fortalecido nacionalmente, a partir do 1º Encontro Nacional de Educadores e Educadoras de Jovens e Adultos - ENEJA, realizado em 1998, na cidade de Recife/PE e com a implementação pelo Governo Federal do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Sobre a atuação desses cursos, estudos de Andrade e Di Perro afirmam que têm

proporcionado mudanças de comportamentos qualitativos em, suas vidas, tanto do ponto de vista do conhecimento técnico como da conscientização política, do exercício da cidadania. Identificam elevação da auto-estima; maior diálogo com a família na discussão das estratégias de produção, tema que se torna de interesse comum entre pais e filhos; e também o amadurecimento de projetos concretos para os assentamentos de origem, uma vontade de fazer ‘mudanças’, intervir no contexto social em que vivem (ANDRADE; DI PIERRO, 2004, p. 67).

Com a experiência dos cursos já implementados em 2007, começa a funcionar em algumas universidades federais de Brasília, da Paraíba, de Sergipe, de Minas Gerais e da Bahia um curso de “Licenciatura do Campo” destinado à formação de professores que já atuam nas escolas localizadas no meio rural, bem como cursos técnicos para garantir os seus princípios de uma educação voltada para a reforma agrária e ligados à produção no assentamento. Kulesza complementa que dada às “[...] dificuldades dos trabalhadores rurais

para ingressar e concluir um curso superior, o MST havia criado sua própria instituição, a ‘Escola Nacional Florestan Fernandes’ [...] destinada aos militantes que não tiveram oportunidade de fazer um curso superior por viver e trabalhar longe dos centros urbanos” (2008, p. 302).

Em continuidade ao processo formativo no MST, Kulesza (2008) afirma que em 2005 um convênio com o governo venezuelano e a Universidade Federal do Paraná pôe para funcionar um curso de agroecologia, destinados aos militantes da reforma agrária de toda a América Latina, demonstrando assim, a necessidade de continuar a luta pela formação e que no entendimento de Galvão é uma “[...] formulação de uma alternativa produtiva que entende a sustentabilidade por meio da valoração dos aspectos socioculturais, econômicos e ambientais como equitativos duradouros e recomposição da paisagem com o aumento e preservação da biodiversidade como condição fundamental para a qualidade de vida (Apud KULESZA, 2008, p. 304).

Para Soares (2006) essas iniciativas fortalecem o MST, pois, vêm consolidando uma visão diferenciada de formação-escolarização e da convivência no meio rural por meio da ampliação de cursos para atender os anseios dos assentados no que se refere à sua profissionalização e assim sanar problemas também de ordem ambiental, ou seja, uma formação pela ação em que se “[...] convergem saberes e sensibilidade ambientais diversificados, condensando profissão, valores pessoais e militância” (CARVALHO, 2008, p. 156) com múltiplos conhecimentos sobre a natureza, ética e o meio ambiente. Contudo, “[...] a minguada educação científica dos trabalhadores rurais contribui decisivamente para o tratamento superficial da questão ambiental” (KULESZA, 2008, p. 308) uma vez que os assentados fazem uso indiscriminadamente de agrotóxicos na produção como assinala pesquisas realizadas por Pedlowski et al, 2006 (apud KULESZA, 2008, p. 307) .

4.2 A ÉTICA AMBIENTAL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO

As teorias éticas³⁸ nascem e se desenvolvem em diferentes sociedades como resposta aos problemas resultantes das relações entre os homens. Nos contextos históricos são, pois

³⁸ Jonas afirma que todas as éticas havidas até agora partilham das seguintes características, a saber: 1 - a atuação sobre os objetos não humanos não constituía um âmbito de relevância ética. 2 - o que tinha relevância ética era o trato direto do homem com o homem, incluindo o trato consigo mesmo; toda ética tradicional é antropocêntrica. 3 – para a ação nessa esfera, a entidade ‘homem’ e sua condição fundamental eram vistas como constantes em sua essência e não

elementos muito importantes para se entender as condições que estiveram na origem de certas problemáticas morais que ainda hoje permanecem atuais. Em termos gerais os profissionais da educação, ou seja, os professores precisam saber lidar com a complexidade no contexto do qual estão inseridos, de modo a interpretar esse contexto imbuído de uma ética ativa, ou seja, ética da práxis, como afirma Singer

Poderíamos pensar que, enquanto nos limitamos às coisas vivas, a resposta não será difícil de encontrar. Sabemos o que é bom ou mau para as plantas no nosso jardim: água, luz do sol e composto orgânico são coisas boas; extremos de frio ou calor são nocivos. Ou se o mesmo se aplica às plantas de qualquer floresta ou região inculta; portanto, por que não ver o seu florescimento como bom em si, independentemente de sua utilidade para as criaturas sencientes? (SINGER, 2002, p. 293).

Com essa perspectiva, as discussões sobre a ética e a educação ambiental, em cursos de formação dos profissionais da educação, pelo professor é importante em virtude da necessidade de formar cidadãos conscientes de suas atitudes frente ao modo de sobrevivência e seu modo de vida. Precisa-se de profissionais completos que tenham atitudes éticas em sua essência e em suas vidas para orientar as futuras gerações (crianças, adolescentes e jovens que buscam algo melhor para sua formação e para suas vidas). Torna-se imperioso que os profissionais da educação possam aprender a entender a complexidade do ato educativo que “[...] funda-se na contemplação do dever-ser” (ARAÚJO, 2004, p. 157) por que o ser humano é um ser de relações. E para tanto, o MST imbuído de uma concepção de ecologia de caráter social possui algumas orientações a respeito da ética, a saber:

Evitar monocultura e o uso de agrotóxicos; preservar a mata existente e reflorestar novas áreas; cuidar das nascentes dos rios, açudes e lagos; embelezar os assentamentos e comunidades, plantando flores, ervas medicinais, hortaliças e árvores; tratar adequadamente o lixo e combater qualquer prática de contaminação e agressão ao meio ambiente; amar e preservar a terra e os seres da natureza; aperfeiçoar nossos conhecimentos sobre a natureza e a agricultura; produzir alimentos para eliminar a fome da humanidade; lutar contra a privatização da água; praticar a solidariedade e rebelar-se contra qualquer injustiça, agressão e exploração, praticada contra a pessoa, a comunidade ou a natureza (MOSISSAWA, 2001, p. 238).

Tais preceitos éticos comparecem com admirável regularidade na conduta dos assentados enquanto forma organizacional. Contudo, na prática é difícil em virtude dos problemas encontrados nos assentamentos como adverte Stédile “[...] os problemas ambientais que encontramos nos assentamentos são os mais diversos e refletem na prática

como objeto de uma *techne* (arte) transformadora. 4 – o bem e o mal da ação residiam nas proximidades do ato, ou na práxis mesma, ou no alcance imediato; não eram assuntos de uma planificação distante (2006, p. 29).

agrícola predominante em cada região [...] o processo de recuperação ambiental das áreas é muito lento e caro. E às vezes o próprio assentado desanima” (apud GALVÃO, 2006, p. 181).

Pois,

O alto grau de degradação ambiental da maioria das terras conquistadas, muitas delas localizadas em regiões até então inóspitas, muitas das soluções ecologicamente corretas propostas não terão efeito visível imediato, enfraquecendo a crença, especialmente dos jovens, no próprio ambientalismo (KULESZA, 2008, p. 309).

Neste sentido, o mundo contemporâneo impulsiona a mudança paradigmática e sugere que os professores possam olhar adiante, para refletir sobre os desafios significativos de modo a questionar, ou melhor, problematizar continuamente as ações que melhor se engajem a realidade, numa dimensão da ética ativa em que se evidencia em um processo em construção. Essa dimensão ética para Tardif se

manifesta, finalmente, na escolha dos meios empregados pelo professor... ele pode controlar os meios, isto é, o ensino. Esse é o fundamento de uma deontologia para a profissão docente. Assim como um médico é julgado pela qualidade de seu julgamento médico e de seu ato, um professor também é julgado de acordo com o seu julgamento profissional, que se revelam diretamente nos atos pedagógicos por ele realizados (TARDIF, 2001, p. 42).

Hoje, vivemos com problemas sociais, econômicos e ambientais que deixaram de ser assunto exclusivo de alguns para se tornar assunto de todos e, portanto, dos profissionais da educação. Assim, a viabilidade de uma formação ética ambiental para os futuros professores e, portanto, para a construção de um projeto político pedagógico baseado em princípios éticos ativos mediatizados por uma prática pedagógica voltada para os anseios dos trabalhadores requer conhecimento crítico-reflexivo; compreensão da indissociabilidade teoria-prática e autoconsciência da responsabilidade social para com a formação humana. Pois, “[...] o homem criador responsável do seu próprio destino, determina o destino da humanidade” (LUKACS, 2007, p. 215) que resulta na sua responsabilidade social.

Partindo desse pressuposto a formação dos futuros profissionais da educação, em particular dos que vão atuar em áreas de assentamentos no Estado de Sergipe³⁹ e em outros Estados brasileiros, vêm ampliando seu desenvolvimento profissional⁴⁰, quando buscam

³⁹Essa formação vem se constituindo numa promoção de Curso de Licenciatura em Pedagogia, mediante parceira estabelecida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e Universidades, em Sergipe essa parceria foi com a Universidade Federal de Sergipe.

⁴⁰Em relação ao desenvolvimento profissional Ramalho, Núñez e Gauthier afirmam que “[...] está ligado à construção de uma autonomia sempre crescente, vinculado às formas através das quais ele produz/constrói sua profissão no processo de profissionalização” (2003, p.8).

analisar mediante sua ação-reflexão aspectos relevantes da sua vivência no assentamento tornando-se promotores de inovações ao pensarem alternativas para atuarem nesse enfoque motivando-os a encontrarem uma atitude ética ambiental.

É possível nesse contexto de formação observar uma breve ação prática que podemos intitular de uma ética ativa quando essa comparece na elaboração de místicas⁴¹ (que são usadas em atividades do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Nesse sentido, a ética ambiental no processo de formação dos profissionais da educação, em especial no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe surge da necessidade de se repensar os problemas surgidos do progresso



Figura 4 Alunos desenvolvendo mística no encerramento das atividades didático pedagógicas, no Assentamento Moacir Wanderley, em Nossa Senhora do Socorro, SE. Arquivo pessoal, outubro, 2010.

tecnológico presente em todas as ciências e em praticamente todo o mundo, chamando a responsabilidade que devemos ter para com as gerações futuras. Cabe, portanto, aos cidadãos a responsabilidade de cuidar para que a ciência em sua produção de novas tecnologias não degrade a natureza em que vivemos, bem como cabe à ética ambiental expandir esta responsabilidade de forma consciente condicionando o homem à natureza.

⁴¹A origem da mística se encontra na história do cristianismo e fora dele, num contexto extremamente religioso, ligado aos mistérios. Assim, “[...] a etimologia, que sempre deixa rastro semântico na palavra, faz derivar o termo do verbo grego ‘muein’: iniciar, instruir alguém nos mistérios; e mais comumente na voz passiva: ser iniciado, instruído nos mistérios” (LIBÂNIO; HENGEMULE, 1997, p. 24). Bogo chama atenção para as dificuldades de entendimento da palavra mistério de origem grega “[...] está ligada a mistério (mustérion), e daí ao latim eclesiástico *mysterium*, e que, durante a história cristã, este termo foi sendo apropriado pela religião católica e, portanto, pela filosofia idealista” (2003, p. 309). Soares considera a mística nesse processo como sendo um elemento integrador da prática e é “[...] utilizada como estratégia para o agir social, na expressão de um sentimento valorativo que os próprios trabalhadores envolvidos são capazes de defini-la porque se apresenta no indivíduo de forma particularizada e subjetiva” (2006, p. 193). Essa mística emerge da necessidade de fortalecer os laços entre os indivíduos nos assentamentos, nos acampamentos e ainda numa forma estratégica de manter viva a vontade de consolidar ações do Movimento desencadeadas dessas necessidades emergidas das relações interpessoais, pelo sentimento de solidariedade, de cooperação e de organização de uma comunidade.

Com o surgimento do conceito de “consciência” no século XIX, houve uma justificação do juízo moral acerca de determinadas atitudes do homem em vários campos do saber, o que legitimava a ação técnica e profissional paralelamente à consciência ética de tal ação de modo que “[...] a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de assentados que fazem e refazem o mundo” (FREIRE, 1979, p. 26). A técnica se justificada pela ética abre um precedente perigoso e hostil ao homem, que seria a possibilidade de permitir ao homem tudo quanto lhe vier à mente dando-lhe a falsa noção de que pode tudo da forma que quiser, cegando-o para a obviedade de uma verdade muito mais inconveniente - que ele não pode controlar tanto o poder.

Desta forma, os fundamentos éticos, podem ser utilizados nos cursos de formação de profissionais da educação – professores, na perspectiva de formar cidadãos capazes de entender a complexidade das atitudes humanas. Não se pode confundir aplicação com adaptação no campo ético. Pois, no que tange à ação moral não se deve levar em conta as circunstâncias envolvidas e justificá-las sem uma ampla compreensão das mesmas. Os princípios éticos pressupõem a realização de valores morais presentes em cada caso, independente da situação histórica, das particularidades e do meio utilizado na sua aplicação. A moral surge enquanto exigência das possibilidades como uma forma de regular a ação tendo este êxito ou não. A ética ativa tem como tarefa ajudar o homem a tomar consciência dos seus atos no que concerne aos valores morais e aos princípios utilizados para se chegar a um determinado fim.

Dessa maneira, uma ética como aborda Jonas “[...] tem a ver com o agir, a consequência lógica disso é que a natureza modificada do agir humano também impõe uma modificação na ética” (2006, p. 29). Na ética do agir, o homem é o único ser conhecido que tem responsabilidade, logo só o homem pode escolher consciente e deliberadamente entre alternativas de ação ou a falta delas para salvar a si próprio nos dias atuais, às gerações futuras e ao próprio planeta. Portanto, a formação dos filhos dos trabalhadores rurais, futuros profissionais da educação, também perpassa pelo âmbito de uma socialização das novas gerações, uma vez que conserva os valores dominantes (a moral) naquela sociedade na qual vivem. Toda educação é uma ação de diálogo entre seres humanos, logo, uma educação pode ser eficiente enquanto processo formativo na perspectiva de reeditar na “[...] esfera educativa

as antinomias do projeto emancipatório autonomista que constitui o núcleo político, existencial e epistêmico do campo ambiental” (CARVALHO, 2008, p. 212).

A ética ambiental para a vida exige dos profissionais da educação uma postura de ação com responsabilidade, ou seja, habilidades de oferecer respostas mais adequadas às demandas, à medida que essas se apresentam. O conhecimento atual aponta para atitudes criativas, para a busca de soluções inéditas, para a liderança ética, para o resgate dos valores. O estudo da ética ativa vai complementar o trabalho formativo-educativo que realizamos no dia-a-dia e isso pode ser efetivado por meio de atividades práticas que possibilitem real vivência dos valores esquecidos por muitos. A Ética ativa, antes de qualquer coisa, deve estar impregnando nas ações de cada dia, seja dentro da sala de aula ou fora dela e, principalmente, dentro de cada um de nós. Para Soares se constitui como algo que

vai se corporificando ao processo formativo como algo singular do MST, que no nosso ponto de vista se configura como vontade política; compromisso social; responsabilidade pelo papel que os indivíduos desempenham nas áreas de assentamentos, que se manifesta no indivíduo quando ele consegue compreender os níveis de desigualdades, quando faz a mediação da utilização da mística de forma consciente (SOARES, 2006, p. 80).

Os cidadãos (homens e mulheres, jovens e adultos) têm como objetivo primordial na cotidianidade, cumprirem suas funções na possibilidade de estabelecerem uma conexão com as normas estabelecidas entre todos e por todos, em sociedade. Para tanto, os cursos de formação, nesse caso, o Curso de Pedagogia tem sido responsável pela diplomação de futuros professores da educação no sentido de refletir a função social da escola de modo que essa instituição possa contribuir

para a construção da escola historicamente situada, portanto, produtora e socializadora do conhecimento sistematizado que constitui o patrimônio cultural, científico técnico e artístico da humanidade. Criadora de novos conhecimentos, favorecendo a capacidade de expressão, confronto e difusão de idéias e desejos, contribuindo para a formação dos assentados sociais comprometidos com o processo de democratização social (PROJETO, 2005, p. 06).

Para Soares (2006) a formação-escolarização se constitui num processo amplo que se aplica durante as fases organizacionais dos cidadãos na prática social. Esta consiste no estabelecimento das relações interpessoais com as várias instâncias que são fundamentais para a construção desses indivíduos de forma permanente e contínua ocorrendo na prática social. Dessa maneira, a formação supõe uma série de atitudes relacionadas à experiência, trocas,

interações sociais, aprendizagens e uma infinidade de relações que remetem para uma subjetividade consciente de si e do outro.

Neste aspecto, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) investe na formação dos trabalhadores rurais quando promove cursos de várias naturezas (capacitação técnica para a agricultura; formação política e a escolarização em diversos níveis da educação básica e do ensino superior) para atender às suas necessidades e as do próprio assentamento. Formação essa que envolve a dimensão sócio-política que na perspectiva do MST é concebida como “[...] um processo permanente e sistemático, que permite aos militantes desenvolverem atividades concretas em direção à conquista dos objetivos da organização, capacitando-os para intervirem na realidade em que vivem com o propósito de transformá-la” (2001, p. 108).

O Curso de “Pedagogia da Terra” da Universidade Federal de Sergipe (Resolução nº 31/2006/CONSU e CONEP) vem desenvolvendo um trabalho de intervenção da realidade nos assentamentos promovendo uma formação-escolarização aos filhos dos trabalhadores rurais com a finalidade de formar o futuro professor voltado para o início da escolarização (Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental). Sendo importante também para os Cursos de Formação do Magistério em nível médio, podendo o profissional por ele formado exercer as seguintes funções ou atribuições na docência na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental; na docência em Escolas Normais como formadores do professor da pré-escola e das séries iniciais; na coordenação pedagógica na educação infantil e nas séries iniciais; na coordenação da Educação Infantil e/ou séries iniciais no nível de Secretaria de Educação ou Órgãos Regionais de Ensino; na assessoria pedagógica a programas de educação infantil de órgãos e instituições públicas, filantrópicas, particulares; no exercício das funções de planejamento, supervisão, orientação e administração do processo educativo escolar.

A Posposta Pedagógica do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia para os beneficiários da Reforma Agrária, vinculados aos assentamentos do Nordeste – PROPED enfatiza-se a reflexão sobre questões agrárias; superação da dicotomia campo-cidade e na afirmação das relações de enraizamento dos assentados ao campo, como contribuição para o desenvolvimento humano e social das pessoas que nele vivem. Confere o grau de Licenciado, destinado à formação de professores para o ensino das Disciplinas Pedagógicas nos Cursos Normais e para o exercício da docência na Educação Infantil e nas Séries Iniciais do ensino

fundamental, e de atividades de coordenação e assessoramento pedagógico em órgãos do sistema Educacional. O Curso proporciona mediante as disciplinas obrigatórias e optativas, o acesso aos conhecimentos necessários ao exercício das funções de Planejamento, Supervisão, Orientação e Administração do Ensino. São princípios orientadores dessa proposta:

Entender-se-á a Educação como integrante de um processo cultural mais amplo de constituição de uma hegemonia social que contempla a redistribuição social e poder e, portanto, contribua para o surgimento de uma democracia participativa;

Considerar-se-ão como Fins da Educação a emancipação individual e coletiva, o estabelecimento de relação mais igualitária, justa e humana e a produção e democratização de conhecimento socialmente significativo em vistas à transformação da sociedade existente.

O acesso ao conhecimento coletivamente elaborado pela humanidade e sistematizado no decorrer da história, dar-se-á de forma criativa e crítica no conforto da cultura hegemônica com o saber das classes subalternas, da teoria com a prática cotidiana, através de um processo dialógico onde professores e alunos se constituem sujeitos ao mesmo tempo em que produzem novos conhecimentos visando conquista/exercício da cidadania e a qualidade de vida de todos.

A discussão quanto aos fins da educação na construção de uma pedagogia democrática deverá ser o fio condutor de todo o curso, determinando conexões entre as diferentes abordagens.

O curso se estruturará ao redor de núcleos de estudos fundamentais à formação do educador, buscando a contribuição de diversas áreas do saber no enfoque de um mesmo objeto de conhecimento.

O movimento geral/particular visará a percepção e análise das 'relações existentes entre as atividades educacionais e a totalidade das relações sociais, econômicas, políticas e culturais em que o processo educacional ocorre'.

A teoria deverá ter como referência a prática social imediata para reelaborá-la criticamente, ao mesmo tempo em que direciona, explícita e analisa o fazer. A prática – crítica e criativa – em confronto com a teoria produzirá um novo saber capaz de reorientá-la.

A relação pesquisa/ensino deverá possibilitar o confronto dos conteúdos do curso com a realidade educacional e contribuir para a formação do professor-pesquisador atuante no âmbito previsto pelo curso (PROJETO, 2005, p. 08).

A Universidade Federal de Sergipe tem por finalidade promover o domínio dos conteúdos científicos, técnicos e pedagógicos que capacitem os futuros profissionais a: compreender a realidade política, social, econômica e educacional brasileira; perceber a escola, sua organização de trabalho e sua função enquanto instituição inserida no contexto histórico – social; buscar alternativas de ação na construção de uma escola pública e gratuita que ofereça uma educação de boa qualidade para todos; desempenhar a docência nos diferentes níveis previstos pelo curso bem como atividades de coordenação e assessoramento pedagógicos relativos a estes mesmos níveis de ensino em órgãos do Sistema Educacional; desempenhar funções técnicas - pedagógicas previstas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) ⁴².

⁴²Essa legislação já prevê no parágrafo 1º Art 36 estabelece que a Educação Ambiental deve ser promovida para todos os níveis da educação.. E a Lei Federal 6.938 de 31 de agosto de 1981 deu origem a Política Nacional do

Na proposta do Curso, as disciplinas são organizadas sob a forma modular, composto de “[...] 12 módulos com 192 horas correspondendo a 2.132 horas de tempo aula equivalente a 80% de carga horária total do curso e 558 horas de tempo comunidade” (PROJETO, 2005, p. 14), os quais são realizados em regime de alternância para cada módulo 04 (quatro) disciplinas são ofertadas.



Figura 5 Alunos em encerramento das atividades na Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE. Arquivo pessoal, outubro, 2010

Essa formação-escolarização é desenvolvida no assentamento Moacir Vanderley, localizado no município de Nossa Senhora do Socorro e na Universidade Federal de Sergipe, no município de São Cristóvão. E ainda “[...] em diferentes momentos e formas distintas, desde a prática dos dirigentes [...] as reuniões e assembléias; as mobilizações; encontros; seminários; leituras individuais; cursos; trocas de experiências” (MST, 2001, p. 109). Para tanto, se estabeleceu parcerias com outras instâncias (INCRA, ONG’s, Poder Público) com o propósito de fortalecer a proposta do curso e formar sujeitos comprometidos com as transformações sociais, ancorados nos valores humanistas. Assim, as contribuições teóricas de Paulo Freire são aprofundadas enquanto reflexões teórico-práticos na medida em que se consolidam os elementos da formação humana redimensionando a base organizativa dos seres humanos nos aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais, ao conscientizarem trabalhadores rurais somando-se as questões de colocar em prática uma ética ambiental por meio de uma ética ativa situada no contexto dos assentamentos.

O investimento na formação dos profissionais da educação, nesse caso os alunos filhos dos trabalhadores rurais do MST favorece a elevação do seu nível de qualificação, amplia as possibilidades de desenvolver competências⁴³ para que possam atingir aos objetivos propostos

Meio Ambiente (PNMA). E em 1997 é criado o PRONEA pelo Ministério do Meio Ambiente com o apoio do Ministério da Cultura, Ciência e Tecnologia e o Ministério da Educação e do Esporte, regulamentado pelo Decreto Federal 4.281 de junho de 2002.

⁴³ A LDB 9.394/96 exige do professor competências como se apresentam nos artigos 27, 32, 35 e 36, exigindo do professor “[...] uma postura de profissional que sabe, sabe fazer, saber fazer com, que sabe refletir sobre sua prática profissional e ao refletir sobre ela procura desempenhar bem [isto é eticamente] e desempenhar de modo belo [esteticamente]. Saber, saber fazer, saber fazer com, desempenhar-se ética e esteticamente é ser também um

pelo Projeto Pedagógico do Movimento. Em estudos avaliativos acerca da formação na realidade dos assentamento, Andrade e Di Pierro reafirmam que essa procura “[...] assegurar profissionais com formação e titulação adequados às características e aos desafios da realidade, [...] suprir uma deficiência histórica no meio rural” (2004, p. 74).

O processo formativo-educativo definido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é aquele “[...] capaz de tomar os companheiros e companheiras sujeitos plenos de seu processo de capacitação e construção de um novo projeto de sociedade” (MOVIMENTO, 1994, p.09). Como também, superar as contradições, buscar mediações entre os saberes, rompendo barreiras estabelecidas pela conjuntura atual, criando, assim, situações em que se dê o encontro humano em todas as dimensões: trocam de experiências, idéias, opiniões, relações interpessoais, valorizando as ações frente ao desempenho de suas funções sociais nas áreas de assentamento de reforma agrária.

Assim sendo, promove uma “[...] formação crítica capaz de fazer aparecer inteligências mais potentes e determinadas a levar adiante a construção histórica de uma humanidade responsável por aquilo que faz de si mesma, dentro da mais ampla condição de liberdade e dignidade de ser” (GALEFFI, 2001, p. 36) mesmo em áreas de assentamento no âmbito da ética ativa com vista a refletir sobre as questões da natureza ética, sobretudo quando são imbuídos de culpabilização pelos atos de danos ao ambiente.

Hans Jonas propõe para esse tipo de ação o conceito de co-responsabilidade como mais apropriado para lidar com a nossa realidade. Para ele somos responsáveis diretos não só pela situação presente, mas também pelas gerações futuras, pois elas têm igual direito à vida. Isso implica que tomemos decisões coletivas que imponham limites à sociedade tecnológica que nós mesmos criamos. No âmbito social, o homem não tem mais o controle sobre os efeitos intencionais e colaterais de sua ação e isso é tão mais verdadeira quanto mais complexa é a sociedade. Esta quando constituída de uma ética ativa deve ser uma ética normatizada

pelos homens contemporâneos e limitado pelo arco previsível de suas vidas. O agir ético se realizava no âmbito da proximidade e da urgência. O alcance, os objetivos e

cidadão compromissado com os valores sociais e políticos da democracia” (RAMALHO; NÚÑEZ; GAUTHIER, 2003, p. 42). Para tanto, o movimento com base na flexibilização expressada nos princípios da lei foi favorecido em sua proposta educacional baseada na “Pedagogia da Alternância”.

as conseqüências da ação, determinados pela tecnologia, são tão novos que a ética precedente, a juízo de Jonas, não está mais em condições de abraçá-la. Toda a biosfera do planeta tornou-se um novo objeto da responsabilidade humana. Nenhuma ética precedente levava em conta a condição global da vida humana e do futuro da próxima geração (BELLINO, 1997, p. 61).

Em relação à dimensão técnica da prática deve ser pensada à luz de um projeto ético, político e social, a partir da problematização⁴⁴, da análise do papel da escola na sociedade atual de modo a explicitar a visão de mundo, homem, sociedade e conhecimento. Nesse sentido, faz-se necessário conceber a educação como um processo, no qual se exponham suas limitações e contribuições, adquirindo consciência de que nenhuma teoria dá conta da complexidade do real e que o processo de conhecimento está em contínua construção de modo que se possa nessa conjuntura,

refletir sobre sua prática profissional e ao refletir sobre ela procura desempenhar bem [isto é eticamente] e desempenhar de modo belo [esteticamente]. Saber, saber fazer, saber fazer com, desempenhar-se ética e esteticamente é ser também um cidadão compromissado com os valores sociais e políticos da democracia (RAMALHO; NÚNEZ; GAUTHIER, 2003, p. 42).

A partir da década de 90 do século passado, verifica-se o aumento da presença das questões ambientais nas instituições de ensino superior sob a forma de atividades de extensão, mini-cursos e disciplinas, que no entendimento de Carvalho, a entrada da temática nas instituições de

ensino superior, estamos nos referindo a uma noção de meio ambiente que vem se deslocando da versão estritamente científica, filiada às ciências naturais ou exatas. Esse deslocamento tem permitido uma ressignificação do ambiental, enquadrando-o como uma problemática contemporânea, formulada a partir de um debate inter e multidisciplinar, centrada na discussão das relações entre sociedade e natureza (CARVALHO, 2008, p. 166).

Em Sergipe, o Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe inaugura uma tentativa de explorar essas questões enquanto disciplina - Educação e Ética Ambiental, de caráter obrigatório no Curso de Pedagogia com a finalidade de discutir a problemática ambiental integralizando a formação profissional do pedagogo, Resolução nº

⁴⁴ Ancorado na afirmativa de Paviani que assinala a problematização “[...] como postura pedagógica visa reconstruir criticamente o processo do conhecimento desde o surgimento até a solução do problema, sem,. Todavia, apresentar este percurso isoladamente do contexto histórico e da evolução do conhecimento. [] a problematização não se refere apenas ao problema. Abarca também as soluções do problema, soluções que por sua vez poderão originar novos problemas. Por isso, após examinar, mesmo que superficialmente, alguns aspectos do problema, precisamos completar este estudo com o questionamento das soluções no processo de pesquisa” (1991, p. 85)

25/2008/ CONEP.

A disciplina Educação e Ética Ambiental⁴⁵ é um componente da proposta curricular do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe que visa refletir as ações ambientais do homem em relação à sua condição humana, bem como alertar sobre os problemas advindos da degradação ambiental e seus riscos para com o planeta. Contudo, vale ressaltar que os alunos do Curso de Pedagogia da Terra não têm em sua proposta curricular a referida disciplina em virtude de se encontrar com o antigo currículo do curso.

Mas, iremos tratar da temática por considerá-los sujeitos de ações diretas com o meio ambiente em virtude dos acréscimos estabelecidos em outras disciplinas, a exemplo de Tópicos Especiais em Educação que teve como foco central as discussões teóricas sobre biodiversidade, legislação ambiental, educação ambiental e outras temáticas na tentativa de suprir carências e incentivá-los a refletir sobre as questões ambientais.

A partir dessa ação promovida durante a disciplina se pôde constatar e entender os sentidos e concepções de natureza, de ética e de educação ambiental presentes no dia-a-dia dos alunos nas áreas de assentamentos; registrar as respostas extraídas da aplicação de questionários, os quais serão demonstrados mediante categorização sob a forma de tabelas, a serem expostos nos tópicos seguintes; das narrativas elaboradas pelos alunos nas entrevistas, e ainda os resultados práticos de uma atividade pedagógica desenvolvida em sala de aula no assentamento durante o tempo comunidade exigido na disciplina Prática de Ensino das séries iniciais do ensino fundamental.

A finalidade de recuperar esses fragmentos das narrativas é demonstrar o quanto se necessita analisar e compreender conceitos, principalmente, nos cursos de formação dos futuros profissionais da educação no que se refere à ética em relação à natureza, aspectos da preservação/conversação da natureza como uma forma para sobreviver nos espaços do assentamento e ainda o que se podem fazer para mudar atitudes na formação das novas gerações.

⁴⁵ No anexo IV – Inventário das disciplinas do Curso de Pedagogia – Licenciatura, a ementa da disciplina corresponde “[...] aspectos históricos e normativos da educação ambiental no mundo e no Brasil. Epistemologia ambiental. Ambiente, crise ambiental e o movimento ambientalista. Dimensão educativa dos estudos ambientais. Inserção da dimensão ambiental nos espaços escolares e não escolares” (RESOLUÇÃO Nº 25/2008/CONEPE). Vale ressaltar que as primeiras iniciativas de incorporar a Educação Ambiental no Brasil foram as Universidades no Estado do Rio de Janeiro e São Paulo.

A seguir serão apresentados quadros resultantes das categorizações sobre a visão de natureza, preservação, conservação, valores éticos extraídos dos questionários dos alunos para análise. Para tanto, cada aluno recebeu uma numeração única para todas as questões atribuídas ao instrumento de coleta de dados, conforme Quadro III.

Quadro III – VISÃO DE NATUREZA ATRIBUIDAS PELOS ALUNOS VERSUS VERTENTES IDEOLÓGICAS

ALUNOS	VISÃO DE NATUREZA	VERTENTES IDEOLÓGICAS
1.	De extrema importância, pois sem a natureza não tem vida, não tem campo então não existiríamos nós cidadão camponeses.	Ecocentrismo
2.	A natureza rege a vida, comanda nossa vida, então é extremamente valiosa.	Biocentrismo
3.	A natureza é a mais pura representação do poder de Deus, ela me traz harmonia, uma sensação de bem-estar imensa.	Antropocentrismo
4.	Importantíssima, já que dela precisamos para sobreviver.	Biocentrismo
5.	Um valor de mãe indeterminado, indispensável para o ser humano.	Antropocentrismo
6.	O valor da natureza é muito, importante tanto para mim, e para todos os seres humanos, que habitam no planeta, como meio de sobrevivência.	Antropocentrismo
7.	A natureza para mim é muito importante por isso tem um valor imenso.	Antropocentrismo
8.	A natureza é a coisa mais bela que existe, sem ela a minha vida não teria sentido.	Antropocentrismo
9.	De muitíssima importância para o homem e mundo.	Antropocentrismo
10.	A natureza é para mim a “razão” de está vivo em meio de tantas as “devastações”.	Antropocentrismo
11.	Origem, essência.	Ecocentrismo
12.	É tudo, é a minha vida; o que será da humanidade sem água, sem rios, mares, florestas sem campo e o fim de tudo.	Ecocentrismo
13.	Sobrevivência, bem está.	Antropocentrismo
14.	Para me não se pode atribuir um valor a algo indispensável, pois ela tem o que preciso, para sobreviver.	Antropocentrismo
15.	De grande importância na vida.	Biocentrismo
16.	Um valor incomparável, pois dependo dela para viver.	Antropocentrismo
17.	Que ela existe e viver sempre em contato com ela.	Antropocentrismo
18.	Natureza na minha concepção é sinônimo de vida e por isso, fundamental e indispensável para o ser humano.	Biocentrismo
19.	Tem um enorme valor, pois sem ela não vivemos, porque ela nos dar tudo de graça e não sabemos agradecer.	Antropocentrismo
20.	É de grande importância para minha vida não só por morar no campo e está sempre em contato com a mesma,	Biocentrismo

	mas, por ser indispensável o contato na vida de cada ser humano.	
21.	Da vida de todas as espécies que tem vida.	Ecocentrismo
22.	Para mim a natureza é tão importante quanto à vida.	Biocentrismo
23.	A natureza tem o poder de transformar e de dar o equilíbrio do ser humano.	Antropocentrismo
24.	A natureza é o que temos de mais benéfico nas nossas vidas.	Antropocentrismo
25.	Valor muito significativo, pois sem ela não seríamos nada; e é ela quem nos proporciona uma vivência saudável.	Antropocentrismo
26.	A natureza tem o seu privilégio.	Antropocentrismo
27.	Uma importância fundamental, porque ela mim traz, digo traz uma harmonia e um grande amor, deixando-me tranqüilo.	Antropocentrismo
28.	O valor da minha própria vida.	Biocentrismo
29.	É de extrema importância nos valorizar a natureza, pois nela existem animais e tudo que é belo. Exp.: O homem.	Sensocentrismo
30.	Cada ser vivo na natureza tem sua função: a formiga; de limpar o meio ambiente, e a cadeia alimentar; que um animal se alimenta de outro para que não cresça muito a população de determinados animais.	Sensocentrismo
31.	A vida e a continuidade dela, tanto para a sociedade em geral e a natureza.	Biocentrismo
32.	A natureza para mim é a mãe da vida por ter um ventre maior, ela é sábia e se buscamos sabedoria deveríamos aprender isso de cor.	Ecocentrismo
33.	O valor da natureza é algo que me fortalece em vários aspectos.	Antropocentrismo
34.	Eu sou a própria natureza, assim os valores que atribuo são decorrentes da perspectiva que tenho sobre mim; sou vida.	Antropocentrismo Biocentrismo Ecocentrismo
35.	Extrema importância para a sobrevivência universal.	Antropocentrismo
36.	Natureza é o bem maior e da humanidade, por falta de muitas pessoas não entenderem isso é que o mundo estar sofrendo as consequências.	Ecocentrismo
37.	O valor da natureza para mim é poder tirar dela a importância e os valores que ela tem a nos oferecer para o conhecimento social em nossa vida.	Antropocentrismo
38.	A natureza tem o papel importante em nossas vidas, pois através dela é que conseguimos sobreviver.	Antropocentrismo
39.	A natureza para mim é de grande valor, pois vejo nela o poder de Deus, sem a natureza e sem Deus não posso viver.	Antropocentrismo
40.	A natureza é tudo, pois sem ela não poderia viver, necessito de tudo que ela oferece por esse motivo a valorizo em todos os momentos.	Antropocentrismo
41.	A natureza é de extrema importância para mim e todos os seres vivos, sem ela não existiria nenhuma forma de vida no planeta.	Biocentrismo

42.	A natureza é tudo aquilo que precisamos para viver. Sem a natureza não há vida.	Biocentrismo
43.	A natureza tem um grande valor, pois é ela que nos dar meios de sobrevivência.	Antropocentrismo
44.	A natureza é o bem mais precioso do planeta. É a natureza que nos alimenta, que nos abriga, que mata nossa sede, que acalma nossos sentidos e nos faz viver. A natureza, o verde, o colorido das flores, frutos, plantas, pedras, terra, o mar, tudo nos mostra que devemos tudo a natureza, a natureza é o manancial da vida. A natureza é a vida em si, pois sem natureza não há vida.	Ecocentrismo
45.	A natureza é de grande importância para mim porque transmite conhecimentos e alegria de viver.	Antropocentrismo
46.	É de importância singular e extrema, sabendo que tudo em nosso planeta depende dela e está ligado direto ou indiretamente a ela.	Antropocentrismo

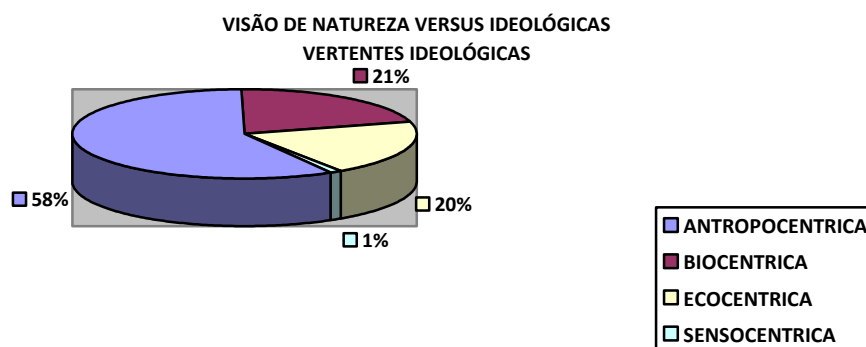
Na abordagem das vertentes ideológicas percebe-se uma ampla predominância da visão antropocêntrica, uma vez que está inserida naturalmente no seio da cultura ocidental. A maioria dos alunos, cerca de 58% salientou a importância que a natureza tem na vida deles, pois esta disponibiliza o que precisam para sobreviver. Atribuem valorização a sua importância comercial, enfatizando de maneira sucinta o que podem ou não extrair da natureza, bem como acreditam ser uma obra divina a serviço do homem.

Para somente 1% dos alunos, a natureza pode ser vista no âmbito sensorial geral, uma vez que alude a importância que os animais têm em pé de igualdade com os outros seres. Observam que cada ser vivo tem uma função, sendo, portanto lhes conferido lugar de destaque na cadeia evolutiva onde alcançam destaque no meio natural.

Por sua vez, 21% atribuíram uma visão biocêntrica a natureza uma vez que acreditam ser esta a mais pura representação da vida, sendo por isso valiosa. Também atribuem significativa importância à vida, pois reconhecem que sem os elementos constituintes da natureza seria impossível a vida na Terra. O enfoque biocêntrico ainda tem caráter limitado enquanto conceito, mas percebe-se sua assimilação de forma natural na visão que tem do meio em que vivem e nas plantas e animais dos quais dependem no dia-a-dia.

A visão ecocêntrica aparece em 20% os alunos, ainda que meramente interpretativas, sem que conheçam a fundo seus fundamentos e conceitos. Atribuem à natureza uma

importância extrema, salientando que sem as formas sistêmicas existentes o homem não viveria. Porquanto, acreditam que esta é a essência de tudo que existe, incluindo rios, campos, animais, seres vivos sencientes e não-sencientes, os quais são mais valorados que o próprio homem. Em síntese, o gráfico abaixo ilustra a visão de natureza que os alunos tem sobre as vertentes ideológicas:



Esses argumentos têm um sentido utilitário uma vez que a natureza tem um valor extrínseco e instrumental em diversos âmbitos: econômicos, científicos, terapêutico e recreativo cultural. No âmbito econômico, a natureza possui um recurso natural que se traduz em preço e quantidade, a exemplo da maioria dos químicos e fármacos que se utilizam de uma infinidade de plantas e animais para concluir pesquisas, e, portanto, obter potencialmente propriedades terapêuticas.

A natureza é valoração da própria vida na concepção da maioria dos alunos e que se articula com os valores acima destacados e ainda tem um valor ambiental porque nos permite viver, ou seja, significa que tem valor original – existência humana e dos outros seres viventes. Esta idéia se ancora na relação das riquezas com a biodiversidade e a conservação das riquezas da biosfera em todos os níveis (animal, vegetal, mineral e outros) porque são úteis aos homens. Mas, com forte foco teórico - prático em relação ao meio ambiente com responsabilidade para com as futuras gerações. Neste sentido, o aluno 02 afirma que a “[...] natureza é agredida pelo homem que aliena e é alienado pela ambição do consumo desmedido. Essa falta de medida entre o necessário e o utilizado é formada culturalmente há séculos; no entanto é dever também da escola enquanto principal ambiente de sistematização do conhecimento despertar os sujeitos para essa visão do modelo pelo qual a sociedade está organizada e suas conseqüências no meio ambiente social, biológico e físico”.

Em relação à natureza os alunos na sua maioria responderam se constituir como respeito mútuo entre as pessoas que estão no mundo, conforme quadro síntese abaixo:

QUADRO IV – RELAÇÃO COM A NATUREZA

ALUNOS	RELAÇÃO COM A NATUREZA
1.	Não respondeu
2.	Respeito mútuo, diálogo.
3.	Respeito, amor, responsabilidade social, respeitar as especificidades de cada sujeito e suas diferenças.
4.	Respeito, calma e atitude.
5.	Companheirismo, compromisso e o mais importante respeito ao próximo e a natureza.
6.	Consciência e respeito pela convivência entre outras e com a natureza
7.	Não respondeu
8.	Não poluir, não fazer queimadas etc.
9.	Conversas, aconselhando e por fim muita ação
10.	Solidariedade, respeito, coletividade, socialização, interação, consciência, ética...
11.	Respeito, compreensão, humildade, ética.
12.	Saber respeitar os direitos de cada um, não destruir o mundo onde vivemos
13.	Socialização, ética, moral, consciência, respeito, conserva, atribuir conhecimentos.
14.	Respeitar o seu espaço e o espaço do outro, cuidar, do meio ambiente em que vive e garantir a continuidade da vida na terra.
15.	Respeitar/considerar tudo e a todos.
16.	Respeitar o outro para ser respeitado, viver em harmonia, ser solidário.
17.	Viver em coletividade um ajudando o outro, e preservar tudo que faz parte do contato humano. a natureza porque ela precisa
18.	Respeito, conduta, atenção e amor, são estes uma pequenina parcela da lista de princípios que melhoram nossa convivência com o outro bem como a natureza.
19.	Respeito ao próximo e consigo mesmo, respeito, preservar os costumes da comunidade onde vivo com a natureza: Não poluir desmatar, fazer reflorestamento nas áreas degradadas etc.
20.	Amor ao próximo, respeito, dignidade.
21.	Reconhecer que somos humanos e somos falhos, respeito as diferenças buscar entender o outro com seus defeitos e qualidades e respeitar sempre o outro sem nenhuma restrição.
22.	Dividir as tarefas, praticar atos de solidariedade trabalhar coletivamente, trabalhar no campo com produtos orgânico.
23.	Respeito, harmonia, cuidado, equilíbrio.
24.	Respeito, ética, compreensão, etc.
25.	Termos que recicla nossa política, para termos suporte de uma sociedade com principais reais e que possam fazer a diferença.
26.	Através da convivência com outro pegamos novas experiência e aprendemos a ocultar as coisas indiferentes e naturais que existe.

27.	Podemos respirar, temos um solo confortável; o calor a temperatura será menos as secas diminuirá se nós soubermos preservar essa natura e a natureza irá nos e as chuvas também será lentas e as erosões também será menos freqüente no nosso país.
28.	Respeito, compreensão, amor, dignidade solidariedade.
29.	Respeito, amizade, união, solidariedade para com o próximo.
30.	Viver em paz com a natureza e com as pessoas é uma tarefa difícil, quase sempre as pessoas não ligam para isso.
31.	Respeito pelas diversificações, pelas opiniões, pela vida dos animais e das plantas.
32.	Respeito, harmonia, contemplação, admiração, cumplicidade e fidelidade.
33.	Tentar compreender e respeitar as opiniões do próximo.
34.	Respeito e compromisso. Acho que esses princípios sustentam uma base fundamental na relação do homem enquanto natureza e dele com o meio ambiente.
35.	Respeitar as diferenças e valorizar a existência.
36.	Respeitar para ser respeitado.
37.	Conhecer, criar, educar e transformar.
38.	Ter união e consciência.
39.	Respeito, companheirismo, união, conservação, cuidados e etc.
40.	Companheirismo, atenção, amizade, respeito, preservação e valorização.
41.	Respeito, compreensão, solidariedade e companheirismo.
42.	Respeitar as pessoas do jeito que elas são. Compreender a natureza, não retirar dela o desnecessário.
43.	Sinceridade, respeito, amor ao próximo, cuidado e equilíbrio.
44.	Ser companheira, procurar entender o outro.
45.	O respeito e conhecimento das limitações e diferenças; a humildade e simplicidade de reconhecer os meus erros e procurar corrigir, sempre buscando melhorar a convivência no mundo.
46.	Em minha opinião o princípio básico que deve reger a vida em comunidade e com a natureza é o respeito. Respeito à natureza que o cerca e às pessoas que estão no mundo. Respeito à diferença, aos direitos, à voz do outro. Através do respeito, da consciência de seu papel no mundo, do sentido que se atribui a todas as formas de vida, do diálogo aberto, do reconhecimento e respeito às diferenças, a vida em comunidade flui como deve, preservando, criando, inovando.

Essas respostas denotam uma idéia de respeito à medida que só retira da natureza aquilo que é necessário para a sobrevivência, a exemplo da retirada de cipó como cita um dos entrevistados “[...] para fazer objetos artesanais (cestos, bolsas, esteiras, dentre outras) e até mesmo alimentos para sobrevivência no assentamento” fato que nos faz refletir sobre as condições de vida em áreas de assentamentos em que sujeitos organizados necessitam viver naquele espaço, ou seja, na expressão de Pelizzoli “[...] a natureza é exaltada como força onipotente e criadora de vida” (2007, p. 47) o que se revela no quadro acima.

Expor o entendimento dos alunos acerca da preservação e conservação, conforme ilustrados, nos quadros seguintes, expressam o quanto necessitamos incorporar práticas ambientais, imbuídos de uma ética ambiental no sentido de reaprendermos a ver o mundo e assim buscar alternativas de acordo com a utilidade do que se extrai da natureza de modo a preservar e conservar o meio ambiente em que está inserido, o que de fato é necessário. É considerada como viva, autônoma, produtora de formas e ritmos que o sujeito a percebe quando contempla a natureza e a afirma como “[...] mãe natureza, que nos sustenta e dá vida” (Aluno 05).

A respeito da questão natureza deve-se resguardá-la, protegê-la de qualquer prática de agressão no sentido de que “[...] possamos conviver com a natureza extraindo o necessário, preservando espécies. Mas, se não temos o suprimento necessário fica difícil agir com as regras estabelecidas quando da assinatura do termo de posse” (Aluno 46). Aqui comparece um juízo de valor com capacidade de assumir a responsabilidade de sua escolha no que se refere às questões ambientais e particularmente sobre a preservação como uma necessidade futura. Por isso, o aluno 07 adverte sobre a necessidade da formação

de um cidadão crítico e responsável pelas suas próprias ações em sua vivência social, dando ênfase a debates sobre a questão do desmatamento, da poluição dos rios, dos mares etc..., do efeito estufa na sociedade em geral, da reciclagem como uma alternativa de tentar diminuir um pouco a poluição do meio ambiente, entre outros. Acredito que para nós enquanto educadores conscientizadores sociais, saber discutir e levar para a sala de aula essas questões será fundamental no desenvolvimento da nossa prática pedagógica alfabetizadora interligando a realidade do aluno, objetivando formar cidadãos com uma consciência crítica, social e ética e preocupados com a natureza (ALUNO, 07).

Tarefa difícil, mas, necessária para garantir a formação dos trabalhadores rurais de forma bastante coerente com a sobrevivência nos assentamentos. Na verdade, adverte Pelizzoli

Está em jogo pensar as experiências, as grandes experiências éticas de nosso ser no mundo, vividas pela civilização e pelas culturas em muitos momentos altamente sustentáveis. [...] a cada dia se impõem, na busca de conscientização, sensibilizações e ação, na cidadania e no resgate social. A relação, seja qual for, é sempre ato de desafio, de compreensão e de ação (ética) com os outros e com a natureza (PELIZZOLI, 2007, p. 186).

Ao tratar da questão sobre sua visão de preservação da natureza, em síntese obtivemos as seguintes respostas, exposto no Quadro V.

QUADRO V – VISÃO DE NATUREZA ENQUANTO PRESERVAÇÃO

ALUNOS	VISÃO DE NATUREZA ENQUANTO PRESERVAÇÃO
1.	Acho que é conservar o que precisamos e deixar algo tão necessário e importante não acabar-se.
2.	Tudo que tem vida, que é natural.
3.	Preservar é manter, conservar o que temos para que no futuro tenhamos ainda o que admirar.
4.	Cuidar da natureza com uma jóia preciosa, ela é nosso viver.
5.	Se quero viver tranquilo, devo preservar e cultivar a mãe natureza, que nos sustenta.
6.	Preservação das florestas, rios, mares e cidades. Ex: Não fazer queimadas e desmatamentos, não jogar lixo nos rios e ruas, etc.
7.	Eu entendo que a natureza tem que ser preservada até mesmo pelo bem da própria humanidade, se não preservarmos a natureza podemos sofrer várias conseqüências que não são boas.
8.	Sei que cada dia as pessoas não tem consciência de refletir sobre sua importância, em nossas vidas, sendo assim estamos destruindo a nós mesmos.
9.	Manter o mundo melhor.
10.	A preservação de nos manter vivos e deixar os futuros indivíduos viverem.
11.	Respeito e cuidado com as origens. Buscar meios para se ter um mundo melhor, sem injustiças e sem degradações
12.	É tentar mantê-la, antes que o homem a destrua por completo.
13.	A maneira mais prática de duração de vida, ou seja, retarda a nossa morte.
14.	Preservar, garantir que a natureza possa continuar acolhendo os seres vivos de amanhã, preservar e cuidar do meio ambiente a qual todos dependemos ontem, hoje e amanhã.
15.	É muito importante para a nossa vida.
16.	É manter a natureza intacta priorizando as gerações futuras.
17.	Porque é útil a todos nós seres humanos, os animais, as aves, os peixes, etc.
18.	Preservar nada mais é do que cuidar de si próprio pois, natureza é vida, e se destruímos a natureza estamos nos destruindo.
19.	Preservar é plantar, cuidar bem da natureza.
20.	Devemos manter intactos nossos recursos naturais.
21.	Preservação das florestas, para os animais e toda espécie de vida, cuida dos esgotos para não poluir os rios e matar os animais que dele depende e não usar agrotóxicos nas plantas.
22.	Preserva a natureza é não desmatar as encostas, não sujar os rios, não fazer queimadas, não destruir a fauna e a flora.
23.	Não deixar destruir a natureza, e sempre substituir por algo que foi destruído.
24.	Para preservarmos precisamos nos conscientizar da importância que nos traz a natureza.
25.	É termos consciência dos atos que fazemos e deixamos de fazer para termos uma vida harmônica com a natureza.
26.	Preservação da natureza é não destruir o ser natural.
27.	Que sejamos amigos ao preservá-lo e mostrou como que preservou.
28.	Acima de tudo, é uma forma de preservar vidas.
29.	Manter sempre limpos todos os ambientes principalmente a fauna e flora.

30.	Se pensarmos um pouco e voltarmos para o início de tudo vão perceber que o homem sempre viveu da natureza e dos seus frutos. Mas, com a modernização o homem parece que se esqueceu disso. Devemos resgatar isso, preservando o nosso meio ambiente, pois tudo que é nosso vem da natureza.
31.	É despertar a consciência da importância da natureza em nossa vida e praticar ações para contribuir nas transformações de nossas atitudes em relação à natureza para proteger os animais e as florestas.
32.	É resguardá-la, protegê-la de qualquer prática de agressão.
33.	Preservar é um ato de amor, onde possamos conservar para o nosso próprio bem.
34.	É utilizar o seu recurso de forma consciente, por exemplo, corta-se uma árvore e no lugar se planta três mudas, amenizando a degradação.
35.	Preservar é cuidar, contribuir para que não se destrua o meio ambiente.
36.	Preservar a natureza para mim é não sair por aí desmatando a torto e a direita, pois as pessoas sem consciência fazem isto, jogam lixo às margens dos rios no meio da mata e isso leva algum tempo para se compor.
37.	A preservação da natureza é para que possamos no futuro não ser prejudicado com as ações que o homem vem causando.
38.	Proteger a natureza.
39.	É ter a consciência de que a natureza é o bem maior que existe na Terra porque foi um presente de Deus para nós e por isso devemos valorizá-la.
40.	Valorizar tudo, e o que tem de melhor acrescentar sempre mais.
41.	Preservar é não destruir as áreas de reserva e nem jogar lixo a céu aberto.
42.	Não desmatar as matas, não jogar lixo à toa, não provocar queimadas, ou seja, não agredir a natureza.
43.	A preservação da natureza consiste em não deixar ninguém destruí-la.
44.	É preservarmos o planeta. É não destruir, não desmatar, não desperdiçar, não poluir e etc. É procurarmos formas para proteger, é procurarmos soluções para substituir o que polui, é aprendermos a utilizar de forma consciente os recursos naturais, e sempre buscarmos formas de diminuir o uso de tudo aquilo que não for biodegradável.
45.	Não destruir a natureza.
46.	São os cuidados que precisamos ter para esta não venha a ser explorada de forma desregrada.

Compreender as explicações acima significa ater-se a idéia de um futuro professor consciente das suas ações e que procura alternativas para a problemática ambiental elaborando projetos de ensino que abordam essas questões para a sala de aula, como se expressa o aluno 36 “[...] que levei para a sala de aula a discussão do lixo encontrado no entorno do assentamento. Fizemos acordo em relação ao recolhimento do lixo; brigadas com os alunos para plantar árvores margeando o rio no assentamento; palestras com a comunidade sobre a contaminação dos rios quando do despejo de animais mortos as margens do rio e outros assuntos que surgiram dessa discussão. Percebem-se hoje algumas mudanças no assentamento quanto ao jogar sacolas plásticas nas áreas de assentamento.

Já a visão de natureza na perspectiva de conservação essa tem forte idéia de livrá-la de danos a serem causados pelo homem de modo a ir recuperando o solo, reexaminado constantemente as práticas advindas da produção e do cultivo de produtos básicos para sua sobrevivência como salienta o aluno 45 “[...] discussão sobre o respeito à natureza de modo a conservar os recursos naturais, pode trazer para nós um grande desenvolvimento sustentável, melhorando as condições de vida das pessoas nos aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais”. Em suma, obtivemos os resultados abaixo, conforme do Quadro V.

QUADRO V – VISÃO DE NATUREZA ENQUANTO CONSERVAÇÃO

ALUNOS	VISÃO DE NATUREZA ENQUANTO CONSERVAÇÃO
1.	Conservar é preservar e proteger o que nos resta da natureza. Conservar a natureza é também em minha opinião, manter, recuperar, reflorestar, plantar, não poluir, etc.
2.	São os meios que devemos buscar para recuperar e manter aquilo que não deve ser explorado e explorar de maneira que não prejudique a natureza.
3.	Não desmatar, conservar mais a natureza cuidando com carinho.
4.	Conservação da natureza consiste em livrá-la de danos.
5.	Cuidar! Conversar com a comunidade, explicar, mostrar os riscos causados pela devastação. Devemos mostrar aos assentados métodos e estratégias de preservá-la
6.	Conservar sempre o ambiente intacto, sem nenhuma destruição e poluição.
7.	Manter limpa e conscientizar as pessoas para que procurem formas de não atingi-la, porque na natureza contém várias formas de vida.
8.	Incentivar as pessoas a cuidar e mantê-la em boas condições.
9.	Cuidar da natureza.
10.	Conservar para que possamos ter proveito daquilo que é nosso.
11.	Conservar é fazer tudo ao contrário, do que uma grande parte das pessoas faz hoje.
12.	Conservar é quando se tem o entendimento de preservação da natureza, aí sim é só mantê-la.
13.	Ações que objetivem manter a natureza da forma mais primitiva possível.
14.	É cuidar, respeitar os seus limites, não desmatar.
15.	Proteger, resguardar das ações desumanas.
16.	E não destruir o que a natureza levou anos para construir.
17.	Não jogar lixo na rua e ter consciência que o lixo pode ser dividido e usado de maneira correta. O plástico, o lixo orgânico, os metais, etc.
18.	É mantê-la intacta.
19.	É que temos de preservar a saúde, higiene e o meio ambiente.
20.	Entendo que não devemos maltratá-la, porque futuramente irei sofrer com suas conseqüências. E sim preservá-la porque ela nos oferece um conforto saudável e um ar tranquilo umas chuvas lentas.
21.	Conservar a natureza, sempre estar fazendo renovação como por ex: fazer novas plantações.

22.	Conscientizar-se de que dependemos da natureza para uma vida mais duradoura
23.	Acredito que seja a mesma coisa de preservação.
24.	Fazer com que a natureza permaneça intacta, como de origem.
25.	É você praticar, digo incentivar a coleta seletiva, reflorestar os rios, as florestas, retirar os plásticos da terra, dos rios, não jogar veneno na terra.
26.	Não danificar os recursos naturais e buscar sempre a preservação necessária.
27.	Devo cuidar do que já existe e acrescentar o que acho o que irá contribuir em benefício dos nossos recursos naturais.
28.	Conservação é deixar intacta, manter do jeito que está.
29.	Conservar assim como preservar tem características simultâneas, ou seja, deve-se cuidar da vida.
30.	Para manter a nossa sobrevivência porque precisamos dela.
31.	É estar sempre cuidando da natureza e dos seres nela existentes.
32.	Não desmatar e não poluir os rios.
33.	Conservar é não destruir o meio em que vivemos.
34.	Manter-se vivo (ser humano) e lindo (ambiente).
35.	Mantenho cada coisa em seu lugar de maneira horizontal, sem depredação.
36.	Manter a natureza, não deixar que ela acabe devido às ações impensadas do homem.
37.	É manter os recursos naturais, para que não acabe com os seres vivos.
38.	Não destruir nosso meio ambiente.
39.	É não destruir o ambiente em que vivemos, pois é dele que devemos ter respeito, e ela própria que nos devolve tudo aquilo que fazemos com ela.
40.	Conservar no sentido de: Não desmatar as florestas, e não poluir rios, mares e os seres vivos que habitam nas florestas.
41.	É manter algo que nos faz bem.
42.	Conservar é não desmatar, não queimar, não poluir.
43.	Deixar que ela continuasse ou permaneça em seu estado original
44.	Preservar é manter, conservar o que temos para que no futuro tenhamos ainda o que admirar.
45.	Respeito mútuo, diálogo.
46.	Não respondeu

Em síntese é essencial para os sujeitos uma idéia de conservar para não faltar no futuro. Eles reconhecem que o homem é capaz de transformar a natureza e que a natureza também tem o poder de modificar a existência humana, quando convivemos com as adversidades do clima, do solo e das problemáticas em geral que surgem na contemporaneidade. Essa relação se complementa sob a forma dialética com a natureza em que os sujeitos possam tomar decisões acerca de como se comportar frente às adversidades em que vivem, porque urge a sobrevivência da espécie no planeta. Pois, “[...] o meio ambiente abrange não apenas o ambiente natural, mas também o ambiente construído pelo homem” (JAMIESON, 2010, p. 17).

As visões acima destacadas são também ancoradas de valor intrínseco uma vez que se relaciona com a beleza da natureza, a qual existe independentemente dos seres humanos e que se podem estabelecer bases de uma ética ativa como capacidades para mobilizar e inspirar ações humanitárias. Aqui se trata de outro valor (recreativo cultural) atribuído à natureza quando a utilizamos para passeios, para pescas, banhos de cachoeiras, fazer trilhas para conhecer novas paisagens e ainda pelo respeito à natureza e ao meio ambiente.

Essa idéia encontra-se na base da ética antropocêntrica, porque nos estimula a proteger a natureza como uma necessidade de sobrevivência e como interesses comprometidos com os seres humanos, ou seja, “[...] um ressurgimento ético que traga uma reflexão sobre os valores e direitos, e que possibilite uma convivência harmônica entre o homem e a natureza, é um dos caminhos para a solução dos problemas” (LEIS, 1994, Apud LEANDRO; COSTA, 2008, p. 50).

O que confere relevo e urgência à nossa discussão é a crença de que os filhos dos trabalhadores rurais dos assentamentos, futuros profissionais da educação possam formar as futuras gerações entendendo essa complexidade social na qual estamos inseridos e cuja responsabilidade poderá minimizar os problemas ambientais. Estes vêm sendo destacados desde a década de 70 do século passado, sobretudo com ênfase na dimensão ética. Na Conferencia de Belgrado, foi elaborada uma carta que pode ser considerada como o documento que aborda a questão da ética ambiental para a esfera da Educação Ambiental, embora na concepção de Leandro e Costa essa necessidade de uma ética para lidar com a natureza já tivesse sido apontada por Aldo Leopoldo em 1949. Vale, portanto, citar a referida carta:

Nós necessitamos de uma nova ética global [...] que promova atitudes e comportamentos para os indivíduos e sociedade, que sejam consonantes com o lugar da humanidade dentro da biosfera; que reconheça e responda [...] as complexas e dinâmicas relações entre a humanidade e a natureza e entre os povos. Mudanças significativas devem ocorrer em todas as nações do mundo, para assegurar o tipo de desenvolvimento racional que será orientado por essa nova idéia global. [...] para que se possam alcançar as mudanças necessárias, milhões de pessoas deverão adequar as suas prioridades e assumir uma ética individualizada e pessoal que manifeste, em seu comportamento uma postura de compromisso com a melhoria da qualidade do meio ambiente e a vida de todos os povos do mundo (CARTA DE BELGADO, 1975, Apud LEANDRO; COSTA, 2008, p. 50).

Essa carta traz no seu bojo a responsabilidade dos sujeitos e de cada um em particular sobre o meio ambiente, reafirmando a necessidade de que no cotidiano devemos refletir

nossas ações e valores na perspectiva de fornecer subsídios para balizar as suas relações não só com a natureza, mas com a ética e o meio ambiente em prol do bem comum, e não na lógica do desencadeamento de crises ambientais provocadas pela ação humana.

É possível então resgatar os valores e solucionar os problemas ambientais, entendendo como a ética ativa pode contribuir para que se manifeste nos sujeitos o desejo de respeitar uns aos outros em seu relacionamento de modo que “[...] o respeito faz com que pensemos nossas atitudes, pensando também no outro, na natureza e na vida” (Aluno 45). Diante de tal afirmativa, a ética ambiental se constitui uma tarefa difícil, porque segundo Leff (2002) a ética dominante tem suas bases no antropocentrismo utilitário, ou seja, uma ética em que o ser humano ocupa o centro de tudo, e toda a natureza existente é considerada como algo que pertence e é subjugado pelo homem.

Para tanto, os alunos definem a ética como sendo uma regra, uma formalidade de comportamento respeitando os espaços em que vivemos enquanto seres humanos e que as questões ambientais discutidas no curso modificaram atitudes em relação ao uso de produtos químicos na plantação, uso correto do lixo nos espaços (apesar de não existir no assentamento do recolhimento desses resíduos) de modo que seus valores e atitudes possam ser alterados na medida em que os assentados são conscientes. Para Demo (2005) a convivência humana tem suas alterações, e, sempre deve ser ressaltado o eterno jogo das normas, dos valores, das sanções, pois são esses os princípios que ordenam a vida em sociedade. Neste sentido, o quadro abaixo demonstra a visão de ética dos alunos quando reafirmam serem princípios e valores que se refletem nas tomadas de decisões.

QUADRO VI – VISÃO DE ÉTICA

ALUNOS	VISÃO DE ÉTICA
1.	São os princípios, ou seja, os valores existentes em cada ser humanos o que leva estes a refletirem antes de tomarem alguma decisão.
2.	A ética tem sentido para mim quando é respeitada e reconhecida diante da ação de cada um.
3.	Ética é um sentido para nossas ações. Adquirimos ética na vida a partir do momento em que nascemos. Com a família, na forma como somos educados, na escola, na comunidade, etc.
4.	É o comportamento dos atos pessoais de um indivíduo.
5.	É respeitar os compromissos, cumprir as tarefas, ajudar no desenvolvimento da sociedade.
6.	Tem todo sentido, pois temos que ter ética e princípios para definir a nossa

	personalidade.
7.	Mantê-la diariamente, pois ela tem toda importância na vida da sociedade.
8.	A ética é de grande importância na vida do ser humano, pois através da ética podemos obter conhecimentos.
9.	Respeitar as opiniões de outras pessoas.
10.	O sentido ético para mim é está como referência de aperfeiçoamento diante da sociedade.
11.	Ética, são os meus princípios que regem minha vida, desde a infância até hoje, podendo distinguir o certo do errado, para tentar acertar sempre que possível.
12.	Ter ética é ter compromisso, responsabilidade com o que se propõe e fazer ou defender.
13.	Acho que a eticidade é essencial no processo de relação, acho que implica em respeito, compromisso.
14.	A ética para mim é a responsabilidade e a compreensão do cidadão para lidar com seus direitos e deveres.
15.	Para mim, a ética é a verdade de tudo, de nada adianta tantos discursos teóricos se estes são desprovidos de uma ética combativa.
16.	Ter princípios nas ações que praticamos no dia-dia.
17.	Para mim a ética é honra, grandeza, honestidade, algo que é seu valor moral.
18.	É preservar os bons costumes sem que abandone suas tradições.
19.	O sentido da ética é o (valor) preço que pagamos quando deixamos de usá-la quando se precisa.
20.	O valor que tenho comigo me com o próximo, isso é fundamental na minha vida.
21.	O sentido da ética é de fazer a humanidade conhecer valores, que fazem parte das nossas vidas.
22.	É desenvolver nossas atividades dentro das normas sociais sem nos esquecer do bem comum.
23.	Um bem essencial para o sujeito.
24.	A ética tem o sentido de fazer com que o ser humano conheça seu espaço e respeite o espaço do outro. Criando assim uma harmonia entre si.
25.	Ética para mim é fundamental, pois as pessoas sem ética é pessoas sem caráter e sem moral.
26.	Tudo em minha vida, porque preservo tudo que está em minha volta.
27.	É um dos valores que procuro manter sempre, pois, considero-a como sinônimo de respeito ao próximo e aos princípios que devo seguir como ser humano íntegro e responsável pelos meus atos.
28.	Respeito consigo e com os que estão ao seu redor.
29.	Ética para mim é um conceito criado pelo homem para melhoria de sua convivência.
30.	Viver sempre respeitando todas as pessoas independente de cor, raça, etc.
31.	É que não podemos expressar os sentimentos alheios sem a punição.
32.	É essência na convivência.
33.	A ética é a regra que temos para que possamos respeitar os espaços em que vivemos.
34.	A ética defini-se para mim como uma formalidade de comportamento que cada ser humano precisa.
35.	Manter e respeitar os valores.
36.	Respeito consigo e com as pessoas na sociedade.

37.	Ética é a consciência de nos mantermos dentro da sociedade como seres humanos, respeitando o espaço de cada um.
38.	Manter uma identidade popular e socialista para devidas sociedades
39.	Diante do que veja das pessoas, a ética para mim é algo que me faz refletir sobre cada palavra que eu falo.
40.	Para mim a ética é muito importante pena que nem toda sociedade faz o uso da ética e muitos são antiéticos.
41.	Respeito, igualdade e educação.
42.	A dignidade e o respeito entre todos.
43.	Ética é para mim respeito pelo próximo e a mim também, a partir do momento que eu respeito o próximo ele também me respeita, ou seja, é agir profissionalmente.
44.	Ser ético é fazer ao outro o que gostaria que fizessem comigo, é respeito.
45.	Respeito faz com que pensemos nossas atitudes, pensando também no outro, na natureza e na vida.
46.	Uma necessidade primordial a qualquer sujeito já que a mesma nos faz agir de maneira correta e justa.

A ética para os assentados se traduz no respeito ao próximo, considerando seus valores e normas já estabelecidas em sociedade e como um princípio de convivência entre os seres humanos, como alude o aluno 03 “[...] adquirimos ética na vida a partir do momento em que nascemos. Com a família, na forma como somos educados, na escola, na comunidade, etc.”. Nesse particular, a ética é considerada com atitude demonstrada na concepção do que vem a ser “certo” ou “errado” quando a praticam com consciência, pois a “[...] ética é a consciência de nos mantermos dentro da sociedade como seres humanos, respeitando o espaço de cada um” (ALUNO 37). Essa idéia de consciência se pauta em Freire (1997).

No entanto, salientar a ética enquanto respeito ao próximo é um princípio que norteia a vida em sociedade porque “[...] devo seguir como ser humano inteiro e responsável pelos meus atos” (ALUNO 27). Então, os atos praticados no assentamento devem ser refletidos diariamente para tomar decisões antes de prejudicar o outro. Se reportando aos aspectos do meio ambiente o assentado reconhece como sendo “[...] tudo em minha vida, porque preservo tudo que está em minha volta” (ALUNO 26) e como um entendimento mais ampliado sobre a ética sinônimo de respeito “[...] faz com que pensemos nossas atitudes, pensando também no outro, na natureza e na vida” (ALUNO 45).

Assim, qualquer atitude no assentamento estará voltada para o ato de viver de modo que a sobrevivência é condição primordial para a continuidade nos espaços em que vivem,

mesmo que para isso seja necessária a extração de madeira, a caça e a pesca para a manutenção da vida. Para Hannah Arendt (2001), a ação é a expressão mais nobre da condição humana, portanto, lutar pela vida e por sobrevivência nos espaços de assentamentos é essencialmente uma ética.

Neste sentido, a ética é respeito, valor, moral, princípios, regras que são estabelecidas na sociedade para a convivência social de modo que nos assentamentos esse processo formativo é bastante acentuado em virtude da necessidade de se ancorar em valores que não prejudique a relação entre os sujeitos. Pensar numa ética é “[...] refletir sobre convivência entre as pessoas, os grupos sociais, e a natureza (LEANDRO; COSTA, 2008, p. 63).

A perspectiva de implementar uma ética ativa em espaços de assentamentos, justifica-se pela necessidade de uma prática ambiental ancorada no respeito a vida para garantir a qualidade da sobrevivência de todos, uma vez que poderia ocorrer a cristalização de uma ética ambiental de modo dinâmico, a convivência do homem e a natureza no mesmo espaço e ao mesmo tempo.

Dessa forma, os cursos promovidos pelas instituições com esse caráter formativo-educativo contribuem para a formação de “[...] sujeitos autônomos, críticos, criativos e comprometidos com a democracia e a justiça social, é indispensável auxiliá-los a perceber como diferentes vozes podem ser constituídas em meio a relações pedagógicas” (MOREIRAS, 1995, p. 11-12) também em relação à natureza, à ética ambiental e ao meio ambiente, assumindo a tarefa de empreender iniciativas socioambientais e os futuros professores engajando-os na formação. Assim, como cidadãos comprometidos com prática pedagógica transformadora, promovem-se discussões em sala de aula com práticas ambientais compartilhadas e ancoradas nos pressupostos da interdisciplinaridade.

Como forma de exemplificar, os alunos do Curso de Pedagogia da Terra elaboraram projetos de ensino - requisito da Disciplina Prática de Ensino das séries iniciais do ensino fundamental⁴⁶ foi construído no tempo comunidade em que houve a participação dos alunos

⁴⁶ Disciplina obrigatória do curso de pedagogia que tem como ementa: Planejamento, execução e avaliação de atividades de docência nas séries iniciais do ensino fundamental. Registro, análise e relatório. Essa disciplina desenvolvida no Tempo Comunidade em áreas de assentamento durante os meses de agosto a novembro de 2010, quando os referidos alunos desenvolveram projetos de ensino com temática ambientais nas escolas

nesse nível de escolarização temas voltados às questões ambientais. Então, como estratégia pedagógica a serem desenvolvidos nas salas de aula e colocar em prática as teorias e idéias relativas à educação enquanto intervenção da realidade social de modo a obter aprendizagens significativas.

A disciplina de Prática de Ensino das séries iniciais, componente curricular obrigatório do curso promoveu nos meses de agosto a novembro de 2010, a elaboração e execução de projetos de ensino com uma abordagem interdisciplinar e como uma atitude pedagógica a problematização ambiental, ancorados nos teóricos: Freire (1979) e Paviani (1991). Assim, o quadro abaixo, demonstra as temáticas abordadas em sala de aula, durante o período correspondente de 10 dias no mínimo e como o máximo de 20 dias de atuação docente nas escolas do assentamento.

QUADRO VI – DEMONSTRATIVO DOS PROJETOS DE ENSINO

ALUNOS	TÍTULOS
01	MEIO AMBIENTE
04	NATUREZA E OS SERES VIVOS
05	A NATUREZA PEDE SOCORRO
10	MEIO AMBIENTE
11	O DESTINO FINAL DO LIXO
12	O MEIO AMBIENTE
13	MEIO AMBIENTE E A DIVERSIDADE CULTURAL
14	A CONSERVAÇÃO DA CAATINGA
16	SAÚDE E MEIO AMBIENTE
17	PROTEGENDO O MEIO AMBIENTE
23	O PLANETA TERRA
24	MEIO AMBIENTE
25	MEIO AMBIENTE E SUAS MUDANÇAS
30	EDUCAÇÃO AMBIENTAL
31	OS SERES VIVOS E O MEIO AMBIENTE
35	MEIO AMBIENTE
38	O MEIO AMBIENTE E SEUS COMPONENTES

Há de se considerar que as temáticas comparecem enquanto propostas para se ensinar questões ambientais. Contudo, práticas inexistem em virtude da falta de maior envolvimento dos assentados. Para ilustrar as experiências vivenciadas pelos futuros professores extraímos

das entrevistas alguns fragmentos que expressam a relevância dessa ação pedagógica desenvolvida em sala de aula:

A prática de projetos com temática sobre o Meio Ambiente oportunizou a possibilidade de lidar com as dificuldades cotidianas do assentamento (falta água, saneamento básico, coleta de lixo, só para citar), mesmo tendo sido de forma breve, e perceber que quando algo não sai exatamente como foi planejado, não quer dizer que todo o seu projeto precisa ser deixado de lado, mas que as inquietações surgidas com as dificuldades devem ser transformadas em novos projetos que, de algum modo, revolucionem a maneira de abordar determinados assuntos na escola. E nisso, reside a importância da prática, uma oportunidade para as experimentações (ALUNO 21).

Momentos em que a teoria ganhe expressividade na prática, afinal essa significação só é possível acontecer quando nos encontramos no interior de nossas escolas, confrontando a literatura que conhecemos na Universidade adquirir várias saberes, a exemplo dos saberes pessoais, dos saberes provenientes da formação anterior, saberes advindos da formação profissional para o magistério, saberes proveniente de programas e livros didáticos usados no seu trabalho e os saberes construídos em sua própria experiência na profissão. Logo, a construção dos projetos de ensino com características para a temática ambiental foi bastante relevante para alertar os alunos do assentamento sobre o uso correto de agrotóxicos, queimadas, etc... E isso só é possível com o diálogo constantes (ALUNO 32).

A efetivação de projetos em sala de aula é uma prática pedagógica que auxilia de maneira bastante significativa o processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos em relação à problemática ambiental porque sofremos com a seca, falta chuva no tempo para plantar nosso pai de cada dia e assim termos os produtos para comercializar e se alimentar. Também alerta para a necessidade de cuida do ambiente em que vivemos, como por exemplo, saber o destino correto do lixo e saber separar para a reciclagem e o aproveitamento dos dejetos na plantação como adubo natural e que fortalece o solo. Pois, eles aprendem a partir da realidade e conseguem entender e se posicionar criticamente perante os problemas enfrentados no assentamento. Além disso, é possível que os alunos desenvolvam a capacidade de criar mecanismos de intervenção social, para que assim aconteçam as mudanças de atitudes com uma ética presente pensando no futuro das gerações (ALUNO, 14)

Vale realçar nessa formação a necessidade de se ampliar a discussão também para outros profissionais que atuam no assentamento, a exemplo: dos técnicos agrícolas, dos veterinários, dos técnicos agropecuários, dos zootecnistas e outros que desenvolvem ação de práticas sociais e ambientais por meio de atividades que priorizem coletivamente os problemas ambientais em potencial na perspectiva de minorá-los proporcionando a interlocução entre as diferentes partes, aproximando o homem da natureza. Em síntese,

A natureza é o bem mais precioso do planeta. É a natureza que nos alimenta, nos abriga, mata nossa sede, que acalma nossos sentidos e nos faz viver. A natureza: o verde, o colorido das flores, frutos, plantas, pedras, terra, o mar, tudo nos mostra que devemos tudo a natureza. A natureza é o manancial da vida. A natureza é a vida em

si, pois sem natureza não há vida. A natureza tem um grande valor, pois é ela que nos oferece meios para a sobrevivência no assentamento (Aluno 44).

Podemos extrair alimentos da natureza com cuidados para não faltar no futuro, ou seja, devemos cuidar do nosso ambiente de modo ético. Por exemplo, não usar agrotóxicos nos produtos que plantamos porque causarão danos a saúde dos sujeitos, não realizar queimadas, fazer uso de material orgânico na plantação, saber fazer uso adequado dos recursos hídricos, ou melhor, não poluir os rios que margeiam o assentamento (Aluno 17).

Tais entrevistas realizadas com os alunos nos fazem acreditar que em nível de conhecimentos teóricos, estes são sabedores das consequências e agravos que causam ao ambiente e à natureza. Mas, a prática do dia-a-dia no assentamento requer uma maior intervenção dos trabalhadores rurais e que do nosso ponto de vista apenas acontecerá mediante uma educação ambiental e uma ética pautada nos interesses da comunidade para a construção de paradigma de uma ética ativa articulada a prática ambiental, em que se possa servir como base para orientar as relações dos sujeitos entre si e com a natureza para continuar vivendo com dignidade em espaços de assentamentos. Para ilustrar a importância da Educação Ambiental a serem incorporados à formação dos homens, os alunos relevam que

Com a educação ambiental se pode desenvolver no educando a compreensão, responsabilidade, respeito, competência, sensibilidade e a cidadania para com meio ambiente a qual estão inseridos, levando-os a se comprometerem com os danos que o ser humano é o causador. Assim como os ajuda a diferenciar quais os danos causados pelo ser humano, daqueles acontecimentos naturalmente (ALUNO 17).

Trabalhar a educação ambiental de forma crítica é apontar possibilidades para as transformações de ações e atitudes na sociedade em direção a justiça social na qualidade ambiental numa proposta educativa política e pedagógica. Para isto, é necessário encontrar alternativas para o ambiente sustentável, interagindo com as questões sociocultural, econômico e político. Para se concretizar a educação ambiental de fato de forma interdisciplinar na prática pedagógica torna-se necessário compreender as relações entre sociedade e natureza intervindas sobre os problemas e conflitos ambientais [...] aborda ainda a igualdade, solidariedade, respeito, atitudes, equilíbrio e participação crítica. Pois, esta educação devera partir da realidade social do educando atrelado aos interesses das classes populares ao proporcionar o exercício da cidadania ao se ter consciência de suas ações em relação ao ambiente (ALUNO 34).

Na troca de conhecimento aprendemos que os cuidados com o meio ambiente partem das pequenas ações de cada pessoa, precisamos com a pedagogia do exemplo mostrar para a sociedade que devemos nos educar em favor da vida antes que seja tarde demais. O desperdício, o consumo desregrado e desnecessário, a falta de cuidado com a água, a terra, as plantas, os animais, só causará a morte do próprio ser humano. Neste sentido, as questões da conservação e preservação ambiental estão ligadas diretamente à formação e conscientização dos sujeitos por meio de um processo de construção de conhecimentos que acontece lentamente na sociedade em que vivemos, até porque o povo não foi educado para isso nem tão pouco existe políticas voltadas de fato para trabalhar e encontrar soluções significativas sobre a

problemática. Assim, a educação ambiental é o melhor caminho para proteger, uma vez que sem educação torna-se difícil despertar nas pessoas uma visão crítica sobre a importância do cuidar (ALUNO 09).

Dessa forma, os conhecimentos adquiridos durante a formação os filhos trabalhadores rurais apontam necessidades de mudanças na forma organizativa da escola por meio de Projetos Pedagógicos voltados para a educação de caráter intervencionista e que possa atingir aprendizagens significativas; que os trabalhadores rurais entendam a necessidade de preservar e conversar a natureza, porque todos são considerados como parte dela.

GLAUCO: Vamos provar que a justiça sé é praticada contra a própria vontade dos indivíduos e devido à incapacidade de se fazer a injustiça, imaginando que se segue. Vamos supor que se dê ao homem de bem e ao injusto igual poder de fazer o que quiserem, seguindo-os para ver até onde os leva a paixão. Veremos com surpresa o homem de bem tomar o mesmo caminho que o injusto, este impulsionado a querer sempre mais, impulso que se encontra em toda a natureza, mas ao qual a força da lei impõe limites. O melhor meio de testá-los da maneira como digo seria dar-lhes o mesmo poder que, segundo dizem, teve Gíges, o antepassado do rei da Lídia. Gíges era um pastor a serviço do então soberano da Lídia. Devido a uma terrível tempestade e a um terremoto, abriu-se uma fenda no chão no local onde pastoreava seu rebanho. Movido pela curiosidade, desceu pela fenda e viu, admirado, um cavalo de bronze, oco, com aberturas. E ao olhar através de uma das aberturas viu um homem de estatura gigantesca que parecia estar morto. O homem estava nu e tinha apenas um anel de ouro na mão. Gíges o pegou e foi embora. Mais tarde, tendo os pastores se reunido, como de hábito, para fazer um relatório sobre os rebanhos ao rei, Gíges compareceu à reunião usando o anel. Sentado entre os pastores, girou por acaso o anel, virando a pedra para o lado de dentro de sua mão, e imediatamente tornou-se invisível para os outros, que falavam dele como se não estivesse ali, o que o deixou muito espantado. Girou de novo o anel, rodando a pedra para fora, e tornou-se novamente visível. Perplexo, repetiu o feito para certificar-se de que o anel tinha esse poder e concluiu que ao virar a pedra para dentro tornava-se invisível e ao girá-lo para fora voltada a ser visível. Tendo certeza disso, juntou-se aos pastores que iriam até o rei como representando do grupo. Chegando ao palácio, seduziu a rainha e com a ajuda dela atacou e matou soberano, apoderando-se do trono. Vamos supor agora que existem dois anéis como este e que seja dado um ao justo e outro ao injusto. Ao que parece não encontraremos ninguém suficientemente dotado de força de vontade para permanecer justo e resistir à tentação de tomar o que pertence a outro, já que poderia impunemente tomar o que quisesse no mercado, invadir as casas e ter relações sexuais com quem quisesse, matar e quebrar as armas dos outros. Em suma, agir como se fosse um deus. Nada o distinguiria do injusto, ambos tenderiam a fazer o mesmo e veríamos nisso a prova de que ninguém é justo porque deseja, mas por imposição. A justiça não é, portanto, uma qualidade individual, pois sempre acreditamos que podemos praticar atos injustos não deixamos de fazê-lo.

De fato, todos os homens crêem que a injustiça lhes traz individualmente mais vantagens do que a justiça, e têm razão, se levarmos em conta os adeptos dessa doutrina. Se um homem que tivesse tal poder não consentisse numa em cometer um ato injusto e tomar o que quisesse de outro, acabaria por ser considerado, por aqueles que conhecessem o seu segredo, como o mais infeliz e tolo dos homens. Não deixariam de elogiar publicamente a sua virtude, mas para disfarçarem, por receio de sofrerem eles próprios alguma injustiça. Era isso o que tinha a dizer. (PLATÃO [359b-360a], apud MARCONDES, 2007, p. 31-32)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dignidade, a identidade e a autonomia dos sujeitos, bem como a consciência da existência de vidas sencientes, biológicas e ecocêntricas aparecem como direitos fundamentais do ser e da natureza devem ser respeitados, de modo que “[...] as transformações ambientais futuras dependerão da inércia ou da transformação de um conjunto de processos sociais que determinarão as formas de apropriação da natureza e suas transformações tecnológicas mediante a participação social (LEFF, 2007, p. 111). Com efeito, é preciso uma ética ambiental voltada para uma prática ambiental em que a cultura do consumo seja equilibrada para potencializar a realização do seu fim natural.

Assim, a busca de alternativas voltadas para uma prática ambiental imbuída de uma ética ativa da natureza que vivemos é dever de todos indistintamente, pois promove um cuidado que perpassa pela própria existência uma vez que estreita sua ligação com as demais espécies, ou seja, a relação homem/natureza. Logo, necessitamos nos conscientizar que nossas reservas naturais estão no limite tolerável, pois estamos consumindo mais do que o planeta pode nos dar por toda vida. O uso de energia, por exemplo, pode ser economizada de várias formas, seja em casa, nas fábricas e nas ruas de modo que algumas atitudes dependem de pouco esforço e bom senso, o que denota a importância de uma educação ambiental a ser promovida na formação dos sujeitos.

O modo como o homem explica o seu agir no planeta implica na compreensão das suas ações frente à natureza por meio da adoção de um modelo ético antropocêntrico, isto é, voltado apenas para a espécie humana. Há de se considerar que a tecnologia se bem usada é uma importante aliada do homem e melhorou a vida de milhões de pessoas em todo lugar. Porém, o insaciável descontrole do imperialismo econômico relega a maioria da população mundial à extrema pobreza e devastação ambiental. No entanto, faz-se necessário uma prática da ética ambiental que contemple de igual forma as outras formas de vida, sejam elas sencientes, biológicas ou sistêmicas, pois a natureza depende de todos não por que estamos nela, mas porque somos ela, ou melhor, uma ética ativa incorporada na cotidianidade.

Reportando-nos aos objetivos propostos neste estudo podemos destacar que os alunos do Curso de Pedagogia da Terra, da Universidade Federal de Sergipe possuem uma visão de

natureza realçada na visão antropocêntrica uma vez que a natureza disponibiliza tudo que necessitam para sobreviverem com dignidade, considerando-a como mãe por que dela se “extrai tudo que necessitamos para viver”, revelando uma idéia de natureza utilitária e individualista porque o valor atribuído à natureza é do que dela se pode extrair para benefício próprio.

Em relação à visão de preservação e conservação, essas comparecem nas discussões e debates em aulas na universidade, nos encontros e reuniões com a comunidade; nas místicas elaboradas e nas práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, a exemplo dos projetos de ensino desenvolvidos em período de docência nas séries iniciais do ensino fundamental. Contudo, a ética ambiental enquanto atitude carece de uma formação por meio do incentivo de uma proposta incorporada pelos trabalhadores rurais e que programe na prática atividades dessa envergadura, no sentido de promover ações que dêem respaldo a mudança de atitudes nos assentamentos. Vale ressaltar que nos documentos oficiais e também nos princípios que ancoram o MST comparece a discussão em relação à preservação e conservação do meio ambiente, a exemplo das orientações sobre a ética no MST e suas concepções de ecologia de caráter social.

Há de se compreender que cursos dessa natureza não resolverão o problema coletivo, mas, minimizará a ação em virtude da questão ambiental alertando para as causas e conseqüências ocorridas pela falta de formação. Ademais, nos Cursos de Pedagogia, os futuros professores poderão desempenhar práticas pedagógicas, como exemplificadas anteriormente, que modificam atitudes dos assentados de modo consciente.

Neste sentido, em exemplo pode ser claramente explícito como uma forma estratégica de redução de consumo, o uso de energia que pode ser otimizado de várias formas, seja em casa, nas fábricas e nos carros de modo que algumas atitudes dependem de pouco esforço e bom senso, o que denota a importância de uma educação ambiental desde os primeiros anos escolares, no sentido de nos condicionar a consumir somente o necessário para viver com qualidade utilizando o mínimo possível. Atitudes simples como trocar as lâmpadas incandescentes por fluorescentes; dirigir carros mais econômicos; geladeiras, televisão, forno e computadores mais eficientes energeticamente são soluções viáveis para muitas famílias.

A partir desse estudo fica uma alerta. Não há ainda uma ética ambiental incorporada nos alunos ideologicamente, mas enraizadamente. Existem intenções de mudanças paradigmáticas para com as questões sobre a natureza porque ela precede a existência humana e somos parte dela. Há ainda, aspectos e atitudes do agir no assentamento conscientizadores como, por exemplo, algumas ações em relação ao lixo, desmatamento, recursos hídricos e matas ciliares e outros que são incorporados nos projeto de ensino como algo a ser experienciado. Mas, que não foram incorporados nas Propostas Pedagógicas das escolas localizadas nos espaços de assentamentos de reforma agrária. Contudo, ressalta-se a existência inovadora em alguns Estados brasileiros. Em Sergipe, podemos assegurar que a prática pedagógica da escola dos assentados encontra-se vinculadas aos programas de governo, mesmo sendo conhecedores de uma alternativa para a melhoria das condições pedagógicas nos assentamentos.

Pelo exposto, dois aspectos ficam evidentes: a preocupação com a conservação das espécies nas matas ciliares e margens dos rios; e a conscientização enquanto processo formativo do assentado tendo em vista minimizar a problemática ambiental. Contudo, se faz necessário investir em políticas públicas de caráter educativo a partir de práticas pedagógicas inovadores que atendam aos interesses dos assentados. Pois, necessitamos, portanto, de um conhecimento que seja capaz de considerar as condições da ação e a própria ação no assentamento, e nos demais espaços para contextualizar/problematizar antes e durante a ação de modo a refletir as intenções dos atos advindos da realidade social.

Neste sentido, a ética ativa ambiental como fundamento condicionante ao processo de (re) valorização da natureza também nos assentamentos de reforma agrária, além de ser educativo é uma alternativa para resolução dos impactos ambientais causados pelos sujeitos. Torna-se urgente, portanto, que estes possam aprender a entender a complexidade da condição humana e de suas relações com a natureza numa direção que impulsiona para uma mudança de paradigmas em que se possa olhar adiante, refletir sobre os desafios e alternativas significativas para a humanidade e para o planeta.

A boa utopia que preenche de sentido a existência humana é o bem natural maior, digno de serem persistentemente buscados “[...] por todos os homens, povos e nações, que inclui o atendimento pleno às novas exigências da ética ambiental, ou ecoética, emergente da

hodierna civilização tecnológica, para a própria salvaguarda do futuro da humanidade (NEDEL, 2004, p. 142).

Esta é uma seara de intensas discussões previstas para curto prazo. Mas, necessária para que em longo prazo se alcance modificações nas atitudes dos assentados. No entanto, não há como desenvolver um processo ético universal em relação ao meio ambiente uma vez que a realidade dos vários grupos sociais com suas peculiaridades e visões sobre natureza e a ética são distintas. Desta forma, assim como no mito de Gíges ninguém é justo porque deseja, mas por imposição, penso que em nosso contexto, os assentados, filhos de trabalhadores rurais, em processo de formação são éticos nem tanto por convicção, porém muito mais pela necessidade de sobrevivência que o momento impõe.

Se 10% da população assumissem uma atitude conscientemente ética em sua vida e agissem de acordo com ela, a mudança resultante seria mais significativa que qualquer mudança de governo. A divisão entre a abordagem ética e a abordagem egoísta da vida é muito mais fundamental do que a diferença entre as políticas praticadas pela direita partidária e a esquerda partidária. Nós temos que dar o primeiro passo. Temos a obrigação de reinstaurar a idéia de viver uma vida ética como alternativa realista e viável ao atual predomínio do interesse pessoal materialista. Se emergir uma massa crítica de pessoas com novas prioridades, e se essas pessoas forem vistas como bem-sucedidas, em todos os sentidos do termo – se a cooperação delas entre si trouxer benefícios mútuos, se encontrarem alegria e realização em suas vidas – então a atitude ética se propagará, e o conflito entre a ética e o interesse pessoal se mostrará superado, não só pelo raciocínio abstrato, mas pela adoção da vida ética como prática de viver e de mostrar que ela funciona, dos pontos de vista psicológico, social e ecológico (SINGER, 2002, p. 334-335)

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ANDRADE, Edivanio Santos. **O pó e vento**. Aracaju: Triunfo, 2000.
- ANDRADE, Márcia Regina; DI PIERRO, M^a Clara. **Relatório Geral**. Avaliação Externa do Programa. PRONERA. Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. São Paulo, 2004.
- ARAUJO, José Carlos Souza, Docência e ética: da dimensão interativa entre sujeitos ao envolvimento sócio-institucional. In: ROMANOWSKI, Joana Paulin; MARTINS, Pura Lúcia Oliver; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo (Orgs). **Conhecimento Local e Conhecimento Universal**: pesquisa, didática e ação docente. Vol. 4. Curitiba: Champagnat, 2004.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2001.
- _____. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumaré, 1994.
- _____. **Entre o passado e o futuro**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução Mário da Gama Kury. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- BARNES, Jonathan. **Filósofos Pré-Socráticos**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARTHOLO JR, Roberto S.; BURSZRYN, Marcel. **Prudência e utopismo**: ciência e educação para a sustentabilidade. In: BURSZRYN, Marcel (Org.) **Ciência, ética e sustentabilidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.
- BELLINO, Francesco. **Fundamentos da bioética**: aspectos antropológicos, ontológicos e morais. Tradução de Nelson Souza Canabarro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1997.
- BETTO, Frei. **A obra do artista**. São Paulo: Ática, 1995.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995
- BOFF, Leonardo. **Ética da Vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.
- BOGO, Ademar. **Arquitetos de sonhos**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- BOGO, Ademar. **O vigor da mística**. Caderno de Cultura n. 2. São Paulo: Expressão Popular, 2002.
- BRANCO, Samuel Murgel. **Ecossistêmica**. Uma abordagem integrada dos problemas do Meio Ambiente. 2. ed. São Paulo: Edgar Blücher, 1999.

CALDART, Roseli Salete. **Educação em movimento**: formação de educadores e educadoras no MST. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Pedagogia do Movimento sem terra**: escola é mais do que escola. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CAMARGO, Luís Henrique Ramos de. **A ruptura do meio ambiente**: conhecendo as mudanças ambientais do planeta através de uma nova percepção da ciência: a geografia da complexidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CARTER, Miguel (Org). **Combatendo a desigualdade social**: o MST e a reforma agrária no Brasil. Tradução Cristina Yamagami. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica**: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. 3. Ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

CHALMERS, Alan F. **O que é ciência afinal?**. Tradução Raul Filker. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CORNFORD, F.M. **Antes e depois de Sócrates**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COSTA, Alexandre. **Heráclito**: fragmentos contextualizados. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

COSTA, Edílson da. **A impossibilidade de uma ética ambiental**: o Antropocentrismo moral como obstáculo ao desenvolvimento de um vínculo ético entre ser humano e natureza. Tese de Doutorado pela UFPR. Curitiba, 2007

DEMO, Pedro. **Éticas multiculturais**: sobre a convivência humana possível. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

DEMO, Pedro. **Política social, educação e cidadania**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

DI PIERRO, Maria Clara. **As políticas públicas de educação básica de jovens e adultos no Brasil no período de 1985/1999**. 2000. 321f. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

DIEGUES. Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**. Ou progresso como ideologia. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST**: formação e territorialização. São Paulo: Hucitec, 1996.

FERRY, Luc. **A nova ordem ecológica**: a árvore, o animal, o homem. São Paulo: Ensaio, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Ação Cultural para liberdade.** 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Extensão ou Comunicação?** Tradução Rosisca Darcy de Oliveira. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução Kática de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: JANTSCH, Ari Paulo; BIANCHETTI, Lucídio (Orgs.) **Interdisciplinaridade:** para além da filosofia do sujeito. 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra.** Prefácio Ângela Antunes, apresentação José Eustáquio Romão. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GALVÃO, Maria Neuma Clemente. Educação ambiental nos assentamentos rurais do MST. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

GALEFFI, Dante Augusto. **O ser-sendo da filosofia:** uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender Filosofia. Salvador: UFUFBA, 2001.

GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média.** São Paulo: Martins Fontes, 1998

HEEMANN, Ademar. **Natureza e ética:** dilemas e perspectivas educacionais. 2 ed. Curitiba: UFPR, 1998.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da Técnica.** Cadernos de Tradução, n. 2, São Paulo: USP, 1997.

_____. **Carta sobre o Humanismo,** Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Moraes, 1991.

_____. The origino f the work of art. In: HOFSTADTER, Albert (org e trad.) **Heidegger, poetry, language, thought.** New York: Harper and Row, 1971.

HUISMAN, Denis. **Dicionário dos filósofos.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JAMIESON, Dale. **Ética e Meio Ambiente:** uma introdução. Tradução André Luiz de Alvarenga. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2010.

JAPIASSU, H. **Francis Bacon:** o profeta da ciência moderna. São Paulo: Letras & Letras, 1995.

JONAS, Hans. **O Princípio Responsabilidade:** ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução do original alemão, Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro. Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

_____. **O princípio vida.** Fundamentos para uma biologia filosófica. Tradução Carlos Almeida Pereira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. Tradução com introdução e notas de Valério Rohden baseado na edição original de 1788. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Crítica da razão pura**. Tradução Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

_____. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. In: Os Pensadores. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **A função do dogma na investigação científica**. In: DEUS, J. D. A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

KULESZA, Wojciech Andrzej. Reforma Agrária e educação ambiental. REVISTA BRASILEIRA ESTUDOS PEDAGOGICOS. Brasília, v. 89, n. 222, p. 295-311, maio/ago, 2008.

LAERTIOS, Diógenes. **Vida e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: Editora UnB, 1988.

LEANDRO, Luiz A de L.; COSTA, Renata de Sá Osborne da. Ética ambiental e formação de educadores ambientais no ensino superior: resultados da pesquisa. ORGANIZAÇÃO & ESTRATÉGIA, v. 4, n. 1, 48-70, janeiro a abril 2008.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2001

_____. **Epistemologia Ambiental**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Racionalidade Ambiental**: a reapropriação social da natureza. Tradução Luiz Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **A epistemologia ambiental**. Tradução Sandra Valenzuela. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LIBÂNIO, João Batista; HENGEMULE, Edgardo. **Mística e missão do professor**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Educação Ambiental e Universidade: considerações críticas. **PARADOXA**. Niterói, n. 17, p. 57-63, 2004.

_____. **Trajetória e fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

LUKÁCS, G. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia**. Tradução Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Neto. Rio Janeiro: Editora da UFRJ, 2007.

_____. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MANUAL DE OPERAÇÕES. PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA – PRONERA. Ed. Revisada e atualizada (aprovada pela Portaria/INCRA/P/Nº 837 DE 30.08.01). Brasília, agosto, 2001.

MARCONDES, Danilo. **Texto básico de ética**: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **Iniciação à História da Filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MELO E SOUZA Rosemeri. **Redes de monitoramento socioambiental e tramas da sustentabilidade**. São Paulo: Annablume; Geoplan, 2007.

_____. **Visões de natureza x vertentes ideológicas do ambientalismo**: contribuição ao debate sobre sustentabilidade no Brasil. II Encontro da ANPPAS. Indaiatuba, São Paulo. www.anppas.org.br.

_____. **Representações discursivas e visões de natureza no pensamento ambientalista brasileiro**. REVISTA TOMO. São Cristóvão/SE. nº V, 2002.

MORAN, Emilio F. **Nós e a natureza**: uma introdução às relações homem-ambiente. Tradução Carlos Szlak. São Paulo: SENAC, 2008.

MOREIRA, Antônio Flávio. O Currículo como Política Cultural e a Formação docente. In: SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Antônio Flávio (Orgs) **Territórios Constatados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**: para uma nova antropologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Paulo, 2001.

MOSCOVIVI, Serge. **Natureza**: para pensar a ecologia. Tradução Marie Louise Trindade Conilh de Beyssac e Regina Mathieu; coordenação de edição brasileira Maria Inácia D'Avila e Tania Barros Maciel. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Gaia, 2007.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Alfabetização de Jovens e Adultos. Caderno de Educação, Porto Alegre, n. 3. 1994

_____. **Princípios de Educação no MST**. Caderno de Educação, Porto Alegre, n. 8. 1996.

NEDEL, José. **Ética aplicada**: pontos e contrapontos. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim falou Zaratustra**. Um livro de todos e para ninguém. Tradução Mário da Silva. São Paulo: Circulo do Livro, 1998.

ODUM, Eugene P; BARRET, Gary W. **Fundamentos de Ecologia**. Tradução Pagasus Sistemas e Soluções. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

OLIVEIRA, Neilza Barreto de. **Lutando pela terra**: abrindo mão de um poder alternativo. 1996. Dissertação (Mestrado em Geografia). Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, 1996.

PÁDUA, J. A. A. **Natureza e projeto nacional**: o nascimento do ambientalismo brasileiro. In: SUIRSKY, R; CAPOBIANCO, J. P. O ambientalismo no Brasil; passado, presente e futuro. São Paulo: ISA/SMA/SP, 1997.

PARMÊNIDES. **Da Natureza**. Tradução, notas e comentários José Trindade Santos, São Paulo: Loyola, 2002.

PAVIANI, Jayme. **Problemas de Filosofia da Educação**: o cultural, o político, o ético na escola, o pedagógico, o epistemológico no ensino. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão (Org.) **Metodologias em Educação Ambiental**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

PELOZZOLI, M. L. **Correntes da ética ambiental**. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

RAMALHO, Betânia; NUÑEZ, Isauro Beltrán; GAUTHIER, Clemont. **Formar o professor, profissionalizar o ensino**: perspectiva e desafios. Porto Alegre: Sulina, 2003.

REVISTA NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **Recarregando o planeta**. Energia para o futuro, ed. Especial 110-A junho, 2009, Brasil.

REVISTA SEM TERRA. 21. ed. São Paulo, out/dez., 2003.

RIOJAS, Javier. A complexidade ambiental na universidade. IN: LEFF, Enrique (Org.) **A complexidade Ambiental**. Blumenau: Cortez, EDIFURB, 2003.

ROHDEN, Valerio. **Kant**: o ser humano entre natureza e liberdade. In: MOURA, Isabel Cristina de; CARVALHO, Mauro Grün; TRAJBER, Raquel. Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental. 1. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Ética**. Tradução João Dell'Anna. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SIMPSON, George Gaylord. **O significado da evolução**: um estudo da história da vida e do seu sentido humano. São Paulo: Pioneira, 1962.

SINGER, Peter. **Ética prática**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Vida ética**. Os melhores ensaios dos mais polêmicos filósofos da atualidade. Tradução Alice Xavier. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SNELL, Bruno. **A cultura Grega e as origens do pensamento europeu**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SOARES, Maria José Nascimento. **O processo formativo-educativo dos trabalhadores**

rurais do MST/SE: a prática pedagógica dos monitores-professores. 2006. 228f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2006.

_____. A dimensão da mística e o processo organizativo dos trabalhadores rurais do MST. REVISTA MESTRADO EM EDUCAÇÃO. São Cristóvão/SE: v. 12, 2006.

SOFFIATI, Artur. As religiões diante da crise ambiental. EDUCAÇÃO, AMBIENTE E SOCIEDADE, 1999, p. 97-118

SOUZA, André Luís Bonfim. **A relação homem-natureza:** um paralelo entre Espinosa e Feuerbach. 2009. 130f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Totalidade e desagregação.** EDI-PUCRS, 1996.

SOUZA, V. Camilo (org.) **Um caminho de prática de ensino em escolas vinculadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST.** In: Didática e prática de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativo. Rio de Janeiro: Alternativa, DP&A, 2002.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente:** a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. 1. reimpr. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

TARDIF, Maurice. **O trabalho docente, a pedagogia e o ensino:** interações humanas, tecnologias e dilemas. CADERNOS DE EDUCAÇÃO, pelotas, RS, 10(16): 15-47, jan/jun, 2001.

UNGER, Nancy Mangabeira. **Os pré-socráticos:** os pensadores originários e o brilho do ser. In: MOURA, Isabel Cristina de; CARVALHO, Mauro Grün; TRAJBER, Raquel. Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental. 1. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia para beneficiários da Reforma Agrária. DED, São Cristóvão, 2005.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos:** estudos de psicologia histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **As origens do pensamento grego.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2000.

WARD, Bárbara; DUPOS, René. **Uma terra somente:** a preservação de um pequeno planeta. Tradução Antônio Lamberti. São Paulo: Melhoramento; Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE



Este questionário pretende coletar informações apenas para fins acadêmicos, ou melhor, para obtenção do título de mestre de acordo com o regimento interno do PRODEMA, na perspectiva de obter informações a respeito do sentido de natureza e da ética ambiental dos alunos do curso de Pedagogia da Terra, de modo a identificar as vertentes do pensamento ético ambiental e a contribuição da ética no processo de preservação e conservação da natureza nos assentamentos. Não é preciso identificar-se e em hipótese nenhuma, suas respostas não serão utilizadas para outros fins, senão aos objetivos que norteiam este estudo. Desde já, sou imensamente grato.

Mestrando: Edivânio Santos Andrade

Linha de Pesquisa: Planejamento e Gestão

Orientadores: Professores Maria José Nascimento Soares e Rosemeri Melo e Souza

PERFIL

Sexo: () M () F

Idade _____

Assentamento _____

Apelido: _____

Atuação no assentamento: _____

1. Qual o valor da natureza para mim que sou aluno do curso de pedagogia e assentado em projeto de reforma agrária?

2. O que significa preservar a natureza no assentamento para a minha sobrevivência?

3. O que significa conservar a natureza no assentamento?

4. Qual o sentido da ética no assentamento ?

5. Cite princípios para conviver com o outro e com a natureza.

APENDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE

Com o objetivo de obter informações a respeito do sentido de natureza e da ética ambiental nas áreas de assentamento, esse roteiro oportunizará ampliar os dados coletados com o questionário aplicados aos alunos do curso de Pedagogia da Terra, sobre a importância da implementação de uma ética ambiental nos assentamentos de modo a preservar/conservar a natureza e sua relação homem/natureza. Não será preciso identificar-se e suas respostas não serão utilizadas para outros fins, senão aos objetivos que norteiam este estudo. Desde já, agradeço.

Mestrando: Edivânio Santos Andrade

Linha de Pesquisa: Planejamento e Gestão

Orientadores: Professores Maria José Nascimento Soares e Rosemeri Melo e Souza

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Como você vê a ética presente no seu assentamento?
2. Existe uma ética prática e ou ativa no assentamento que possa contribuir com a preservação e conservação da natureza?
3. O que significa possui uma ética ambiental e como se deve colocá-la em prática nas áreas de assentamento?
4. Como é trabalhada a problemática ambiental no assentamento?
5. No exercício da prática pedagógica como são trabalhadas as preocupações com o meio ambiente no assentamento?
6. Você já realizou alguma atividade pedagógica que pudesse discutir as temáticas da ética e do meio ambiente?
7. Qual a importância da educação ambiental nos assentamentos?

ANEXO A
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CONSELHO UNIVERSITÁRIO

RESOLUÇÃO Nº 31/2006/CONSU

**Aprova a implantação do Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia para beneficiários da Reforma
Agrária vinculados aos assentamentos do Nordeste
(PROPED) e dá outras providências.**

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO da UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE no uso de suas atribuições legais,

CONSIDERANDO o disposto no inciso V e alínea “c” do parágrafo 1º do artigo 3º do Estatuto da UFS;

CONSIDERANDO as potencialidades da UFS para contribuir com a transformação da realidade sócio-econômica do Estado de Sergipe;

CONSIDERANDO o compromisso social da Universidade aliado à sua competência como formadora de recursos humanos que possam contribuir para o desenvolvimento rural sustentável;

CONSIDERANDO a aprovação, pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, do Projeto do Curso de Licenciatura em Pedagogia para Beneficiários da Reforma Agrária vinculados aos Assentamentos do Nordeste (PROPED) proposto pelo Departamento de Educação;

CONSIDERANDO o parecer da Relatora **Consª JENNY DANTAS BARBOSA** ao analisar o processo nº 13010/05-11;

CONSIDERANDO ainda, a decisão deste Conselho, em sua Reunião Ordinária hoje realizada,

R E S O L V E:

Art. 1º Aprovar a implantação do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia para Beneficiários da Reforma Agrária vinculados aos assentamentos do Nordeste (PROPED) – 800.

Art. 2º O PROPED tem como objetivo formar profissionais para o ensino das disciplinas pedagógicas nos Cursos Normais e para o exercício da docência na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino fundamental, e de atividades de coordenação e assessoramento pedagógico em órgãos do sistema educacional.

§ 1º Para atender ao objetivo proposto no caput deste artigo, o PROPED ofertará o Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, com um total de 50 (cinquenta) vagas a serem preenchidas através de Concurso Vestibular Especial (PSE).

§ 2º O candidato ao PSE deverá apresentar no ato da inscrição, certificado de conclusão do ensino médio ou de curso equivalente, e declaração da Superintendência do INCRA em Sergipe, de que o mesmo é beneficiário ou filho de beneficiário da Reforma Agrária em Assentamentos do Nordeste.

Art. 3º O Processo Seletivo Especial obedecerá a normas específicas para o vestibular, a serem elaboradas por uma comissão constituída pelo Coordenador da CCV, o Coordenador do PROPED e um representante do PRONERA (INCRA), em conformidade com as normas vigentes na UFS.

Parágrafo Único: Os pesos para as provas do Concurso Vestibular Especial serão definidos naquelas normas específicas.

Art. 4º As aulas do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia serão ministradas, preferencialmente, na UFS e/ou no Centro de Capacitação Canudos, localizado no Assentamento Moacyr Wanderley, município de Nossa Senhora do Socorro.

Parágrafo Único: O curso será realizado em regime de alternância, compreendendo um tempo intensivo de aula, denominado *tempo universidade*, e, um tempo de estudo na comunidade de origem, denominado *tempo campo*.

Art. 5º Ao tempo campo corresponderão vivências pedagógicas, levantamento de dados, estágios e outros trabalhos acadêmicos afins, que deverão ser realizados pelo aluno na sua comunidade de origem, nunca excedendo 20% da carga horária total de cada disciplina, salvo o estágio supervisionado.

§ 1º As atividades descritas no *caput* deste artigo serão acompanhadas por um orientador pedagógico, conforme o que estabelece o artigo 10 da presente Resolução.

§ 2º Os alunos com residência fixa em outros Estados do Nordeste farão as atividades correspondentes ao *caput* deste artigo no Estado de Sergipe.

Art. 6º O PROPED será organizado em 12 (doze) módulos, com 192 (cento e noventa e duas) horas por módulo, correspondendo a 2.332 (duas mil trezentas e trinta e duas) horas presenciais equivalentes a 80% da carga horária total do curso.

§ 1º Cada módulo será composto por até 04 (quatro) disciplinas e terá duração de 04 (quatro) semanas consecutivas de aulas presenciais durante 06 (seis) dias.

§ 2º As disciplinas serão ministradas de forma intensiva, de segunda a sábado, com 08 (oito) horas/aula diárias: 04 (quatro) horas pela manhã e 04 (quatro) horas à tarde.

§ 3º A cada ano serão trabalhados até 03 (três) módulos.

Art. 7º O PROPED obedecerá às normas acadêmicas em vigor na UFS, salvo nas disposições específicas para a funcionalidade do curso, a saber:

I. fica proibido ao aluno trancamento de matrícula e/ou disciplina;

II. em cada módulo, o aluno só poderá ser reprovado em até duas disciplinas, que deverão obrigatoriamente, ser cursadas em período especial, entre o término de um módulo e início do módulo seguinte, em regime semi-presencial (30% de carga horária presencial), sob a orientação do professor responsável pela disciplina, e,

III. em qualquer circunstância, o aluno que deixar de freqüentar o curso estará automaticamente desligado do PROPED e da Universidade Federal de Sergipe.

Art. 8º Fica criado o Conselho do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia (PROPED), com a seguinte composição:

- a) pelo Coordenador Geral do PROPED;
- b) um representante indicado pelo PRONERA;
- c) um membro do Colegiado do Curso de Pedagogia da UFS, indicado pelos seus pares em reunião específica para esse fim;
- d) um representante dos movimentos sociais que participam do projeto;
- e) um representante da PROGRAD, e,
- f) dois representantes discentes, matriculados no curso, escolhidos por seus pares, em reunião convocada para este fim.

Parágrafo Único: Este Conselho terá duração igual ao tempo previsto para a integralização do curso, não cabendo aos membros nenhum tipo de remuneração pela participação no mesmo.

Art. 9º São atribuições do Conselho objeto do Art. 8º:

- I.** reunir-se ordinariamente uma vez por mês;
- II.** acompanhar o desenvolvimento pedagógico e financeiro do curso;
- III.** avaliar as ações desenvolvidas e propor novas estratégias para a otimização do funcionamento o curso, respeitadas esta resolução e as Normas do Sistema Acadêmico da UFS, e,
- IV.** decidir administrativamente, ouvindo a PROGRAD e o Departamento de Educação.

Art. 10. Fica criado para o PROPED o cargo de orientador pedagógico do curso, a ser exercido por um professor licenciado em Pedagogia, selecionado para este fim.

§ 1º Haverá um orientador pedagógico para cada 10 (dez) alunos.

§ 2º A seleção dos orientadores pedagógicos deverá ser divulgada em edital, exigida a apresentação de *Curriculum Vitae*, privilegiando com pontuação máxima a experiência de trabalho no campo e/ou com movimentos sociais.

§ 3º A seleção de que trata o parágrafo anterior será executada pelo Conselho do Curso do PROPED e homologada pelo Colegiado do Curso de Pedagogia da UFS.

Art. 11. São atribuições do orientador pedagógico:

- I.** acompanhar e orientar os estudos e pesquisas realizados pelo aluno do projeto na comunidade de origem;
- II.** fazer contato com as Secretarias de Educação dos Municípios para garantir as práticas e vivências pedagógicas nas escolas da rede de ensino local;
- III.** acompanhar a execução do plano de estudo complementar elaborado pelo professor da disciplina;
- IV.** participar das reuniões do Colegiado do Curso de Pedagogia, quando convocado;
- V.** participar das reuniões do Conselho do Curso do PROPED, quando convocado, e,
- VI.** apresentar relatório mensal à coordenação do PROPED, pontuando as ações desenvolvidas, as dificuldades encontradas e as medidas adotadas para a resolução dos problemas.

Art. 12. O Colegiado do Curso de Pedagogia da UFS ficará responsável pela execução e coordenação didático-pedagógica do curso do PROPED em conformidade com as Normas do Sistema Acadêmico da Universidade Federal de Sergipe.

Art. 13. O corpo docente deste curso será constituído de professores pertencentes ao quadro de pessoal ativo e inativo da UFS, preferencialmente os que tiverem produção acadêmico-científica ligada ao campo ou aos movimentos sociais, indicados pelos departamentos envolvidos no projeto.

§ 1º Não havendo disponibilidade destes docentes, o Departamento de Educação procederá a uma seleção simplificada, similar à de professor substituto desta instituição, que observará as normas em vigor na UFS.

§ 2º Os professores selecionados na condição do parágrafo anterior serão contratados para lecionar a(s) disciplina(s) objeto da seleção e atuar especificamente neste projeto.

§ 3º O professor selecionado obrigará-se a apresentar ao Colegiado de Curso o plano de ensino da(s) disciplina(s) que irá lecionar.

Art. 14. O Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia – Curso 800 – para Beneficiários da Reforma Agrária vinculados aos assentamentos do Nordeste (PROPED) será financiado com recursos do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Parágrafo Único: Consta do Anexo da presente resolução os planos de aplicação dos recursos.

Art. 15. Os casos omissos nesta resolução serão resolvidos pelo Colegiado de Curso, ouvido, quando necessário, o Conselho do PROPED.

Art. 16. Esta Resolução entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 13 de outubro de 2006.

REITOR Prof. Dr. Josué Modesto dos Passos Subrinho
PRESIDENTE

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS NO ESTADO DE SERGIPE

